



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE
MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

JOCIMAR BERTELLI

**POESIA, ALTERIDADE E MEMÓRIA EM NARLAN MATOS: Diálogos
Interculturais.**

CASCAVEL – PR
2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Bertelli, Jocimar

Poesia, Alteridade e Memória em Narlan Matos : Diálogos Interculturais / Jocimar Bertelli; orientador(a), Antonio Donizeti da Cruz, 2020.

98 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

1. Poesia. 2. Memória. 3. Alteridade. 4. Narlan Matos.
I. Cruz, Antonio Donizeti da. II. Título.

JOCIMAR BERTELLI

**POESIA, ALTERIDADE E MEMÓRIA EM NARLAN MATOS: Diálogos
Interculturais.**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Estadual do Oeste do Paraná –
UNIOESTE – junto ao Programa de Pós-
Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de
Mestrado e Doutorado - área de concentração
Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e
Interfaces Sociais: Estudos Comparados

Orientador: Professor Doutor Antonio Donizeti
da Cruz.

POESIA, ALTERIDADE E MEMÓRIA EM NARLAN MATOS: Diálogos Interculturais.

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado, área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
(Orientador)

Profa. Dra. Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Membro efetivo (da Instituição)

Profa. Dra. Alai Garcia Diniz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
Membro efetivo (da Instituição)

Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima
Pontifícia Universidade Católica (PUC-GO)
Membro Convidado (Externo)

*Dedico este trabalho ao meu pai **Valdir Bertelli** (**in memoriam**), que muito cedo partiu, e à minha mãe **Virte Ducatti Bertelli**, que com amor e coragem permaneceu junto a mim e aos meus irmãos Gilmar, Simone e Sandra.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. **Antonio Donizeti da Cruz**, pelos ensinamentos, conselhos, correções e rigor científico, que foram fundamentais neste percurso e possibilitou o resultado apresentado nesta Dissertação. Agradeço, ainda, pelo apoio, diálogo, paciência, e compreensão com que transmitiu o seu conhecimento, a paixão pela Literatura, em especial pela Poesia, concedendo-me, com liberdade, tempo para refletir sobre as angústias de minha mente, impregnadas de leituras memorialistas que, progressivamente, alteraram, a minha percepção de mundo e oportunizaram o meu crescimento pessoal e profissional.

Ao Prof. Dr. **Narlan Matos**, por seu ofício poético, que propicia a reflexão de temas humanos (angústia e paixão) que encontram aconchego em minha alma. Agradeço, ainda, pelas conversas, e pela entrevista concedida para esta pesquisa.

À Profa. Dra. **Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza**, por ter acompanhado o meu crescimento pessoal junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, e por ter me apresentado a Cultura Ibérica, mostrando-me a existência de novas fronteiras para serem descobertas na minha nova viagem, agora sozinha, pelo mundo literário.

Às Profas. Dra. **Alai Garcia Diniz** e Dra. **Maria de Fátima Gonçalves Lima**, por terem aceitado o convite de participar da minha banca, oferecendo as suas orientações e contribuições que me ajudaram a compreender a importância de propagarmos e valorizarmos a Poesia, levando-a para a sala de aula.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**) pela concessão da bolsa de estudos no último ano do curso de mestrado, por acreditar na Educação como meio de transformação e inclusão social.

À **Unioeste**, pela propagação do conhecimento que faz dela uma das universidades mais conceituadas no Brasil.

Aos amigos que a **Unioeste** me presenteou, **Lays Fellini**, **Solange Pizzatto**, **Alexandre Ernzen**, **Hélio Zenati** e **Renan Bini**, pelas trocas, pelas conversas intermináveis, repletas de dúvidas e reflexões, que me ajudaram a compreender a Literatura Universal, mostrando-me, com paciência, as belezas do mundo e da amizade.

À minha família, aos meus antepassados, aos que não puderam estar presentes nesta caminhada, ao meu pai **Valdir** (*in memoriam*), à minha mãe **Virte**, ao meu irmão **Gilmar** e às minhas irmãs **Simone** e **Sandra**, que me apoiaram nesses anos de estudos, compreendendo a importância do meu amor pelas palavras.

*Ringrazio i miei amici **Roberta Gozzi**, **Antonino Santangelo** e **Ivete Donatti** per le conversazioni che hanno ampliato la mia conoscenza del mondo.*

A todos os que contribuíram para o meu aprendizado, muito obrigada!

homem comum

*sou apenas um homem comum
cercado de plantas enigmas
noites estrelas e abismos
assim sigo prisioneiro dessa
eterna solidão de mim comigo
me descubro no que digo
me aprendo à cada passo
me estudo no invisível
sei mais quando me calo
me invento onde estou
me esqueço na lembrança
sou alegre sou triste sou poeta
a poesia é tudo que não posso
às vezes caminho à largo
passando por meus destroços
tenho pressa com a vida
sou apenas um homem comum
as guerras os amores me encontram
na roda-gigante da existência
sem que eu os tenha buscado
e é sempre assim: ontem foi amanhã
e amanhã é meu passado*

(MATOS, 2018, p. 50)

*A mim me parece que é mais do que nunca
necessária a poesia. Para lembrar aos homens o
valor das coisas desimportantes, das coisas
gratuitas.*

(BARROS, 1996, p. 310).

RESUMO

A presente dissertação objetiva refletir como as categorias Lírica, Alteridade e Memória se apresentam em poemas de Narlan Matos, um poeta brasileiro contemporâneo aclamado pela crítica literária internacional, mas ainda em processo de ascensão no cenário nacional. Orientam as análises desta pesquisa as seguintes perguntas: O que possibilita ao leitor de Matos compreender sua produção, independentemente das demarcações fronteiriças? De que modo a memória e a alteridade perpassam sua poesia? Quais ecos são produzidos pela voz poética de Matos, levando-se em conta, os conceitos de memória e alteridade? Assim, parte-se do seguinte objetivo geral: analisar recortes da composição poética de Narlan Matos, identificando imagens memorialistas da infância e a relação com a alteridade. A importância deste trabalho se justifica na medida em que conhecer, pesquisar e divulgar o trabalho de Matos é dar voz a um poeta contemporâneo, que vive no exterior (EUA), mas que carrega consigo as imagens do Brasil retratadas em seus versos, impregnadas de nostalgia de sua pátria. Para esta proposição, foram selecionados poemas que remetem às categorias Lírica, Alteridade e Memória nas obras *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997); *No acampamento das sombras* (2001); *Elegia ao novo mundo e outros poemas* (2012); *Um alaúde, A Península e teus olhos negros* (2017); *Canto aos homens de boa vontade* (2018); e *Eu e tu, caminheiros dessa vida* (2019), de Narlan Matos. Embasa-se também, em autores como Paz (1982), Kristeva (1994), Bosi (2000), Durand (2001), Bhabha (2001), Borges (2000), Maffesoli (2001), Cruz (2007), Adorno (2010), Penalva (2017), entre outros teóricos. Esta pesquisa sobre Matos apresenta análises utilizando a poesia como mediadora para compreender como a linguagem sensível do eu lírico, independentemente das demarcações culturais e/ou fronteiriças vem encontrando o seu caminho na Literatura mundial. Desta forma, conclui-se que alguns poemas, dos muitos que merecem a continuação deste estudo, levando-se em conta apenas os relacionados à memória e à alteridade, que perpassam a obra de Matos e criam ecos no leitor, que ora o escuta de fora (como um estrangeiro) e, ora sente-se inserido na obra (como um escritor) em busca de si.

Palavras-chaves: Lírica; Alteridade; Memória; Poesia; Narlan Matos.

ABSTRACT

This research aims to analyze the categories of Lyrics, Otherness and Memory in the poems of Narlan Matos, a Brazilian contemporary poet acknowledged by the international literary criticism, but that is still rising in the national territory.

The following questions guide the analysis: What makes Narlan's readers able to understand his production, regardless of the territorial divisions in which they are found? In what manner the concepts of memory and otherness pass through his poetry? Which echoes are produced by his poetical voice considering memory and otherness? Parting from these questions, the general objective is: To analyze fragments of the poetical composition of Narlan Matos's work, identifying memorial images of his childhood in relation with the otherness. This work becomes relevant in a manner that knowing, researching and advertising Matos's work is the same as giving voice to a contemporary poet that lives abroad (USA), yet carries with himself in his verses the images of a Brazil full of nostalgia and a sense of nation. To make this study viable were of the poems of Matos that are related to the categories of Lyrics, Otherness and Memory, such as *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997); *No acampamento das sombras* (2001); *Elegia ao novo mundo e outros poemas* (2012); *Um alaúde, A Península e teus olhos negros* (2017); *Canto aos homens de boa vontade* (2018); and *Eu e tu, caminheiros dessa vida* (2019). This research is grounded in Paz (1982), Kristeva (1994), Bosi (2000), Durand (2001), Bhabha (2001), Borges (2000), Maffesoli (2001), Cruz (2007), Adorno (2010) e Penalva (2017), among others. This research on Matos presents analysis that used the poetry as a medium to understand how the sensible language of the lyrical persona is finding space in the worldwide poetry, regardless of the territorial and cultural divisions. Conclusively, some poems (of many that deserve attention of further research), considering only the ones chosen to study the memory and otherness throughout the poet's work, create echoes in the reader that sometimes listens from the outside, as a foreigner, and sometimes is inside the poem, as a writer, trying to find the self.

Keywords: Lyrics. Otherness. Memory. Poetry. Narlan Matos.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
INTRODUÇÃO	11
1 A POESIA DE NARLAN MATOS.....	16
1.1 TRAJETÓRIA POÉTICA E SOCIAL.....	16
1.2 FORTUNA CRÍTICA	34
2 O FAZER POÉTICO EM NARLAN MATOS.....	40
3 A ALTERIDADE E DIÁLOGOS INTERCULTURAIS	51
4 IMAGENS POÉTICAS E MEMÓRIA LÍRICA	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77
ANEXO	81

INTRODUÇÃO

A célebre afirmação do filósofo alemão Theodor W. Adorno¹, escrita logo após o fim da segunda guerra mundial, em 1949, de que “escrever um poema após *Auschwitz* é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que se tornou impossível escrever poemas”² continua (re)produzindo ecos na contemporaneidade. Porém, agora, os homens no século XXI cometem ou são acometidos por novos tipos de incivildades, mas, ainda, pela busca de um mesmo ideário – poder – sobre pessoas ou bens materiais. Essa busca, nos parece, prosseguirá por várias gerações até que o homem, individualmente, em tempo próprio, descubra que a melhor conquista ainda é a interior (a que está dentro do ser), pois esse encontro possibilita momentos de paz, em meio ao caos da cotidianidade da modernidade que nos cerca.

A caminhada de autoconhecimento do homem³ leva o ser ao encontro do outro, aceitando-o em suas angústias e realizações. Assim, a Filosofia e a Lírica podem ser consideradas antídotos para o encontro do sujeito com ele mesmo, uma vez que possibilita momentos de silêncio e reflexão, que se não são capazes de modificar as barbáries ocorridas em guerras violentas, como as da metade do século XX, podem, ao menos, proporcionar ao homem momentos de contemplação, qualidade de vida e paz de espírito. Acredita-se que a Literatura e/ou a Arte, de modo geral, podem atenuar o desejo de poder, substituindo-o por um desejo benevolente pelo outro, vendo-o, então, sob o olhar de sedução, que aproxima e não aprisiona, cria laços, que já “não prendem, não escravizam, não apertam, não sufocam. Porque quando vira nó, já deixou de ser um laço!” (ANJOS, 2010)⁴.

Utilizar-se da Literatura como instrumento de leitura para rememorar as barbáries do passado pode ser considerado um dos melhores formatos de registro e propagação de fatos e histórias, para que as futuras gerações possam (re)significar o

¹ Theodor Adorno (1903-1969), foi um filósofo, sociólogo e musicólogo alemão, um destacado representante da chamada “Teoria Crítica da Sociedade” desenvolvida no Instituto de Pesquisas Sociais (Escola de Frankfurt).

² Declaração feita, em 1949, no ensaio *Kulturkritik und Gesellschaft*, publicado pela primeira vez em uma obra coletiva em comemoração ao 75º aniversário de *Leopold von Wiese*, intitulada *Soziologische Forschungen in unsere Zeit, Cologne-Opladen*, 1951, p. 241.

³ Definição mais famosa de Homem é “animal racional”. Essa definição expressa bem o ponto de vista do Iluminismo grego e o espírito das filosofias de Platão e Aristóteles (ABBAGNANO, 1998, p. 513).

⁴ O Laço e o Abraço, de Maria Beatriz Marinho dos Anjos (2010). Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/2431678>. Acesso em: 20 mar. 2019.

que o homem⁵ possui condições de realizar, sozinho ou com outro semelhante, de modo a evitar a repetição de barbáries e a perversidade.

Assim, a necessidade de prosseguir escrevendo para recordar, mas, principalmente, para seduzir na Literatura, continua basilar, como modelo de arrebatamento e de aproximação, que leve ao encontro do outro, conduzindo o homem a momentos de introspecção, pois esses momentos, únicos e solitários, podem proporcionar um inesquecível crescimento pessoal, por meio da escrita.

A paixão, pelos livros, diz respeito ao fato de que todo leitor, “alimenta, um desejo de ser escritor. Quando a página lida é bela demais, a modéstia recalca esse desejo [...] Mas o desejo renasce, ele sabe que as páginas amadas lhe dizem respeito” (BACHELARD, 1978, p. 189).

O desejo de um despertar para uma nova vida proporciona ao ser a possibilidade de (re)escrever a sua história, que pode ser lida em forma de romance, crônica, contos ou poesia. O gênero escolhido segue a preferência do leitor, o mais importante é que essa escrita, ou melhor, essa voz, possa ser ouvida e (re)produza ecos.

Segundo Renato Franco (2003, p. 362), “o ato de narrar assemelha-se [...] a um instigante quebra-cabeça, que, pouco a pouco, por meio de acréscimo de detalhes mínimos à experiência traumática, acaba por adquirir configuração nítida”. O ato de relatar implica na recordação dos fatos, unindo cada peça do quebra-cabeça à voz dos personagens envolvidos, de modo a compor a história. Franco (2003, p. 362) ressalta ainda que “o livro não realiza assim apenas a tarefa de cultuar e redimir os mortos, [...]: ele libera, nesse clarão, a centelha de vida que ainda pulsa no coração gelado daquilo que se converteu em ruína”.

Ser a memória dos esquecidos é uma das funções da Literatura. Neste estudo, trataremos em especial a poesia, que trabalha o ofício de transformar as imagens memorialistas em palavras, na busca de retratar a infinidade de interfaces que a compõe para torná-la única, porém, repleta de significações, que possibilitem (re)produzir momentos de encantamento no espectador/leitor.

Alfredo Bosi (2000) enfatiza que “a poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar”. Utilizar-se do poder da linguagem poética, para intensificar a realidade, que se apresenta ao

⁵ Homem, como razão projetante, limitada e impedida, mas eficaz, pode ser considerado decorrente do conceito renascentista de homem (ABBAGNANO, 1998, p. 526).

homem, é uma marca dos escritores e poetas em seus anseios de levar o homem contemporâneo a encontrar novas formas para transformar a realidade do meio social, no qual está inserido e pelo qual vale a pena lutar, em busca de uma convivência harmônica.

Diante do exposto, buscamos, neste trabalho, apresentar a poesia de Narlan Matos, ressaltando as imagens poéticas que dão ênfase às vozes do cotidiano que cercam o homem e remetem a um lirismo nostálgico. Temos como objetivo, também, localizar, analisar e identificar, na composição poética do autor, imagens memorialistas da infância e a relação com a alteridade, presentes nas obras de Matos.

Tomaremos como base o conceito de Memória apresentado por Paz ⁶(1982), Durand (2001), Bosi (2000). Em relação ao conceito de Alteridade e Diálogos Interculturais, consideramos autores como Bhabha (2001), Borges (2000), Maffesoli (2001), Kristeva (1994) e Penalva (2017). A partir desse aporte teórico, realizamos a análise dos poemas publicados nas obras *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997); *No acampamento das sombras* (2001); *Elegia ao novo mundo e outros poemas* (2012); *Um alaúde, A Península e teus olhos negros* (2017); *Canto aos homens de boa vontade* (2018) e *Eu e tu, caminheiros dessa vida* (2019) de Narlan Matos.

Ressaltamos que, Narlan Matos tem recebido, até o momento, maior destaque na Europa. Porém, suas obras já foram traduzidas para diversas línguas, como: esloveno, italiano, croata, chinês, vietnamita, inglês, lituano, japonês, hindi, sueco e espanhol.

Diante desse contexto, esta pesquisa guiou-se pelos seguintes questionamentos: O que possibilita ao leitor de Matos compreender a sua produção, independentemente das demarcações culturais e/ou fronteiriças? De que modo a memória e a alteridade perpassam sua poesia? Quais ecos são produzidos pela voz poética de Matos, levando-se em conta, os conceitos de memória e alteridade?

Na primeira seção, *A Poesia de Narlan Matos: trajetória poético e social e fortuna crítica*, apresentamos a biografia e as obras publicadas do poeta, autor, compositor e musicista, Narlan Matos. Em razão desta ser a primeira dissertação de Mestrado sobre Matos, percebemos a necessidade de organizar os dados da **trajetória social** do autor⁷, de modo a unificar as informações disponíveis na *internet*

⁶ *El arco y la lira*, escrito em 1957, e traduzido por Olga Savary em 1982.

⁷ Nos primeiros livros o poeta Narlan assinava com o nome completo nos seus livros, depois passou a assinar Narlan Matos.

com as notas autobiográficas contidas nas obras (orelhas e prefácios), escritas pelo autor. Desse modo, esperamos que este primeiro trabalho possa ser fonte de pesquisa aos leitores e demais pesquisadores que desejarem estudar as obras do escritor Narlan Matos. A **fortuna crítica** é composta de vozes de escritores, professores, pesquisadores e demais críticos sobre o trabalho literário de Matos. Tais manifestações são espontâneas e contribuem para a contextualizar a linguagem utilizada pelo poeta. Elas são encontradas em diversos formatos, como nos prefácios e orelhas dos livros de Matos, nas revistas, *sites*, *blogs* etc. Ao entrar em contato com a poética de Matos, esses outros⁸ relatam suas impressões, e suas vozes colaboram positivamente para a divulgação do trabalho que Matos vêm desenvolvendo, tornando-o reconhecido pelo público leitor e pela academia.

Na segunda seção, *O Fazer Poético em Narlan Matos*, apresentamos o ofício de Matos, o processo de criação, como o autor se coloca ou se constitui, como manifesta as suas inquietações com relação ao mundo, angústias e desejos, ou ainda, como o eu lírico percorre o seu caminho poético para ir ao encontro do(s) outro(s), o leitor.

Na terceira seção, *Alteridade e Diálogos Interculturais*, trazemos o estado da arte, destacando estudos e pesquisas sobre o poeta Narlan Matos que englobam diversas teorias literárias, filosóficas e sociológicas, clássicas e contemporâneas. Tais pesquisas estão disponíveis em bancos de dados como o *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes*, a *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, entre outras plataformas. Esta seção visa destacar as publicações feitas não apenas no Brasil, mas também em outros países, por exemplo, em língua inglesa e lituana que foram divulgadas até o presente momento.

Na quarta seção, *Imagens Poéticas e Memória Lírica*, demonstramos a existência de um momento atemporal, a singularidade das imagens que compõem o trabalho de Matos, inserindo-se ao meio social, no qual ele também se encontra. Matos mostra-nos o seu olhar sensível para o outro, o sujeito imigrante, que vive longe da sua terra natal, em um degredo, cercado de experiências vividas intensamente, carregadas de imagens que a Literatura possibilita ressignificar, para serem compartilhadas com o(s) outro(s). Apresentamos os poemas pesquisados e as análises realizadas, que possibilitam refletir sobre as imagens poéticas e a memória

⁸ Compreendemos “outros” como os leitores das obras de Matos, sejam eles críticos, escritores, professores, pesquisadores e afins.

lírica, encontradas nos versos de Matos.

Nas *Considerações finais*, apresentamos as reflexões obtidas nos resultados desta pesquisa sobre alguns fragmentos poéticos analisados, observando que não foram todos de cada obra analisados, mas àqueles poemas de Narlan Matos, os quais consideramos, neste momento, os mais representativos para análises proporcionadas sob o olhar da memória e da alteridade, visando conferir o reconhecimento nacional ao trabalho poético desse importante escritor.

1 A POESIA DE NARLAN MATOS

[...]
*mas entende, caminheiro:
numas vezes, escolhemos os caminhos
noutras, os caminhos nos escolhem.*
(MATOS, 2019, p. 78).

1.1 TRAJETÓRIA POÉTICA E SOCIAL

Narlan Matos Teixeira⁹ nasceu na Bahia, na pequena cidade de Itaquara, em 15 de julho de 1975. Tornou-se bacharel em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Participou, em 2002, do programa de redação internacional da Universidade de Iowa¹⁰ como convidado do Departamento de Estado¹¹. Retornou aos Estados Unidos, em 2004, onde fez Mestrado em Belas Artes (M.F.A¹²) em Literatura Brasileira, na Universidade do Novo México (2006).

Matos, em 2011, toma posse na Academia de Letras de Jequié – ALJ, como Membro Correspondente¹³. O autor foi indicado pelo poeta, diretor musical, editor, artista plástico e compositor Waly Salomão (1943 - 2003)¹⁴ depois de haver conhecido o artista gráfico, músico, compositor, poeta, tradutor e professor universitário Rogério Duarte (1939-2016)¹⁵, idealizadores do Movimento Cultural Brasileiro Tropicália (MCBT) que surgiu (1967) sob a influência das correntes artísticas da vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira. Esses encontros resultaram na Tese de Doutorado de Matos, em que destaca os artistas que participaram do MCBT, considerados por Matos, como o lado *underground da Tropicália*.

⁹ Inicialmente o autor assinava como “Narlan Matos Teixeira”; porém na rede mundial de computadores (*web*), aparece em sua biografia, porém, nos últimos anos, o autor passa a nominar-se “Narlan Matos”.

¹⁰ The University of Iowa. Disponível em: <https://iwp.uiowa.edu/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

¹¹ Bureau of Educational and Cultural Affairs. Disponível em: <https://eca.state.gov/ivlp/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

¹² Bibliografia de Narlan Matos. Disponível em: <https://sites.google.com/site/narlan7matos/about>. Acesso em: 10 fev. 2019.

¹³ Citado no blog de Júlio Lucas sobre Tema Espetacular Ltda. Disponível em: <http://miscelaneajulioelucas.blogspot.com/2011/06/narlan-matos-toma-posse-na-academia-de.html>.

Acesso em: 10 fev. 2019; Citado também em *Breaking News*. Disponível em: <http://amopersonalizados.blogspot.com/2011/06/narlan-matos-toma-posse-como-membro.html>.

Acesso em 10 fev. 2019.

¹⁴ Poeta, produtor cultural, diretor artístico e letrista de música popular brasileira. Waly é representante do tropicalismo, movimento artístico criado no fim da década de 1960 (ABL, 2019).

¹⁵ Artista gráfico, músico, compositor, poeta e tradutor. Na década de 1990, foi professor de Expressão em Superfícies no Departamento de Artes Visuais (VIS) da Universidade de Brasília. Artista de estética refinada, participou intensamente na vanguarda da cultura nacional (ABL, 2019).

Em 2012, Matos defendeu a Tese de Doutorado *Inventário do Caos: Rogério Duarte, Tropicália e Pós-Modernidade*¹⁶ (*Dissertation Brazilian Literary and Cultural Studies*), realizada na *University of Illinois at Urbana-Champaign*, nos Estados Unidos da América (EUA).

A trajetória poética de Narlan Matos inicia-se em 1997¹⁷, com a publicação do seu primeiro livro de poesia, *Senhoras e senhores: o amanhecer!*, com o qual ganhou o Prêmio Fundação Casa de Jorge Amado e o Prêmio Copene de Literatura e Arte.



Figura: Capa do livro *Senhoras e senhores: o amanhecer!*, de Narlan Matos Teixeira.

Fonte: Teixeira, Narlan Matos. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1997.

A folha de rosto da primeira edição desse livro (1997) apresenta os patrocinadores, com o seguinte destaque:

¹⁶ Tese Doutorado de Matos na *University of Illinois at Urbana-Champaign*, 2012. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/34519/Teixeira_Narlan.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 fev. 2019.

¹⁷. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/02/narlan-matos.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

Promovido pela Copene Petroquímica do Nordeste S.A. e Fundação Casa de Jorge Amado, tendo como comissão julgadora Evelina Hoisel, Fernando da Rocha Peres e Ruy Espinheira Filho. *Senhoras e senhores: o amanhecer*, de Narlan Matos Teixeira, é um dos vencedores do Prêmio Copene de Cultura e Arte – Literatura – 1997, para autores inéditos (Matos, 1997, s.p.).

Observamos que o livro inclui a assinatura do Governo da Bahia, com incentivo da Secretaria da Cultura e Turismo e da Secretaria da Fazenda, *Faz Cultura*, conforme a Lei nº 7.915/96 e leva, ainda, a logomarca da *Casa de Palavras*¹⁸ programa editorial da Fundação Casa de Jorge Amado que foi desenvolvido para estimular, desenvolver e prestigiar o fazer literário e estudos promovidos pela Casa na Bahia e no Brasil.

O primeiro livro de Matos possui 93 páginas e é composto de 42 poemas, nos quais se observa como o eu lírico compreende o ofício da escrita, bem como as passagens do Tempo e as recordações da Infância. Já na sua estreia, Matos recebe elogios dos jurados do prêmio, em especial de Ruy Espinheira Filho (1942)¹⁹:

Narlan Matos Teixeira é, sem dúvida, um poeta. Esta não é uma afirmativa fácil de se fazer, mas me atrevo a tanto – estimulado por inúmeros momentos do seu livro. Aqui um verso, ali uma estrofe, adiante um poema completo. E o mais importante: o *clima* geral de lirismo que perpassa toda a sua obra, a qual se liga à nossa tradição poética, dela enriquecendo-se e sobre ela agindo com seu próprio sopro criado (ESPINHEIRA-FILHO, 1997, orelha inicial).

Ser considerado um *poeta*, na primeira edição, parece-nos ter sido apenas uma constatação do que Matos já sabia e carregava dentro de si (o amor pelas palavras). O depoimento feito pelo júri serviu de estímulo para o poeta prosseguir em frente, num ofício escolhido por ele, ser o porta voz de uma linguagem, que possa ser ouvida por todos, leigos e literários, que amam a lírica.

Em 2000, Matos, lançou seu segundo livro de poesia, *No Acampamento das Sombras*, o qual foi editado no Brasil apenas em 2001, pelo Grupo Editorial Cone Sul.

¹⁸ Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=1375. Acesso em 10 jan. 2020.

¹⁹ Poeta, romancista, cronista, jornalista e professor do Departamento de Letras Vernáculas da UFBA, onde conclui o doutorado em letras e linguística. Recebeu o título de doutor honoris causa, concedido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, em 1999. Em 2000, torna-se membro da Academia de Letras da Bahia.

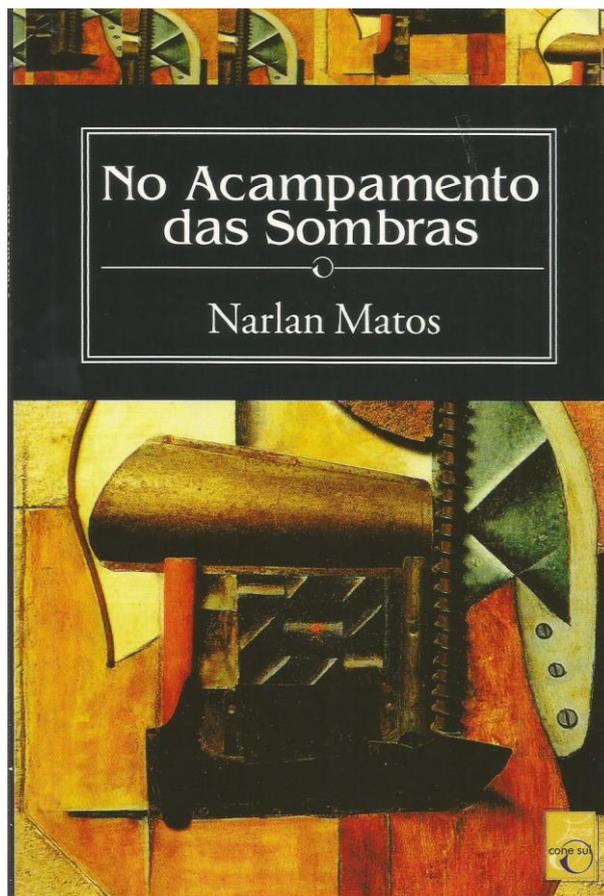


Figura: Capa do livro *No Acampamento das Sombras e em outros poemas*, de Narlan Matos.

Fonte: Matos, Narlan. São Paulo (SP): Grupo Editorial Cone Sul, 2001.

Na folha de rosto do segundo livro de Matos (2001), encontramos a referência do prêmio de IV Festival Universitário de Literatura – Xerox – Livro Aberto, que está no próprio livro e não em site. A obra recebeu o Apoio Institucional da Prefeitura Municipal de São Paulo, em conformidade com a Lei nº 10.923/90 e, em razão do patrocínio da Xerox, o livro foi impresso em formato “*Reciclato*, papel *off-set* 100% reciclado nacional produzido em escala industrial pela Cia. Suzano de Papel e Celulose” (2001, s.p.).

A obra *No Acampamento das Sombras* possui 69 páginas e é composto de 54 poemas. No prefácio, nota-se a preocupação do escritor com a existência humana. Narlan volta o seu olhar para o passado, em busca de relatos dos membros da sua ancestralidade.

[...] Trago comigo problemas que jamais terão solução, porque já não existem mais. Problemas que não são meus, mas que devo encontrar em vão a incógnita. Sinto que o casamento do primo de minha bisavó (e sua morte repentina num navio a caminho da Europa) com a neta

do Barão da Gávea de Portugal, no início do Século XX, definiu definitivamente o meu destino. Sinto que a vida misteriosa do meu bisavô Baldoíno Teixeira e suas cartas de amor para a Rainha da Inglaterra e seu misterioso passado na Região das Lavras Diamantinas arruinaram minha vida para sempre. Um cabo de fibra ótica me prende a tudo isso. Esse sou eu, meu ilustre desconhecido, e desde já lhe peço desculpas se não sou claro (MATOS, 2001, prefácio).

Matos parece-nos em busca de uma nova identidade, a qual gostaria de ser reconhecido, mas que ainda está em fase de construção. E desculpa-se, pois nesse momento, tanto ele quanto o leitor, são ilustres desconhecidos.

Em 2002, participou do Programa de Redação da Universidade de Iowa, como convidado do Departamento de Estado, por meio do Programa de Liderança para Visitantes Internacionais. Devido ao destaque da poesia, na universidade americana, Matos recebeu o convite para morar nos EUA. Esse evento marcante será citado no prelúdio do seu próximo livro, o qual destacaremos na sequência.

O terceiro livro de Matos, *Elegia ao mundo novo e outros poemas* (7Letras), escrito em 2012, foi nomeado para o Prêmio Portugal-Telecom Internacional.

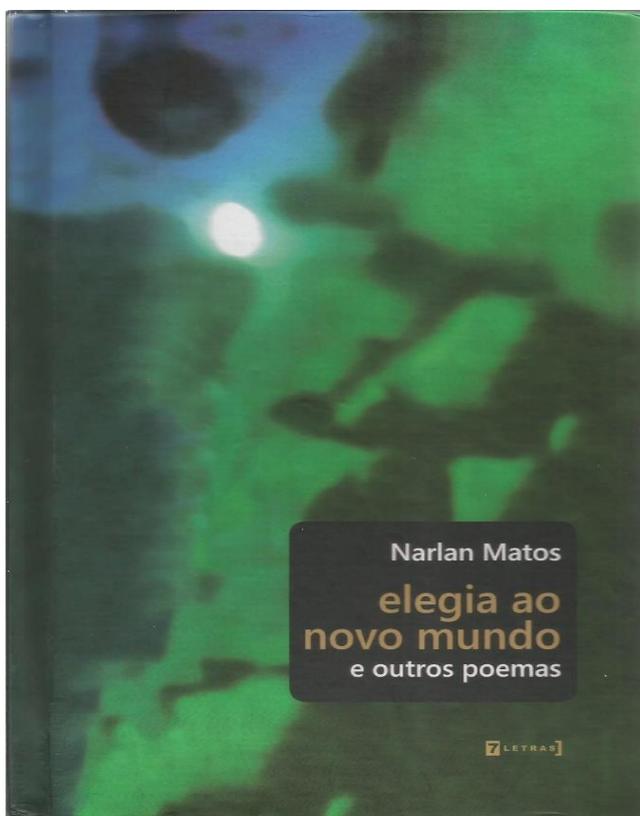


Figura: Capa do livro *Elegia ao mundo novo e outros poemas*, de Narlan Matos.

Fonte: Matos, Narlan. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

As notas iniciais *Elegia ao mundo novo e outros poemas* são apresentadas como “Prelúdio de um desconhecido Eu: escutando *Chano Pozo*”, nas quais Matos faz um breve resumo das obras anteriores, apresentando-nos uma certa ironia sobre o sucesso dessas edições no mercado editorial brasileiro:

[...] Embora sem repercussão no Brasil, os dois livros repercutiram lá fora e me aproximaram da literatura mundial, como Kerry Shawn Keys e, daí, para o grande poeta esloveno Tomaz Salamun, que passou a me apresentar a seus amigos no circuito mundial, incluindo o grande poeta americano Robert Haas, vencedor do Prêmio Pulitzer. O resultado foi que, aos 27 anos, totalmente desconhecido no Brasil, eu era convidado pela Embaixadora dos Estados Unidos na época para representar o Brasil no *International Writing Program, University of Iowa*, maior programa para escritores do mundo, em 2002 (Matos, 1997, s.p.).

O terceiro livro de Matos possui 93 páginas e é composto por 48 poemas. Na época do lançamento da obra, o autor já se encontrava habitando nos EUA, cercado de novos amigos, que falam diversas línguas, além do português e do inglês, que Matos está acostumado, mas isso não constitui um problema para o poeta, pois sente-se em casa em meio aos estrangeiros, e eles passam a ser parte integrante da sua vida e da sua obra.

Em 2017, escreveu o quarto livro, *Um alaúde, a península e teus olhos negros* (Penalux). O livro possui 84 páginas e é composto de 59 poemas.

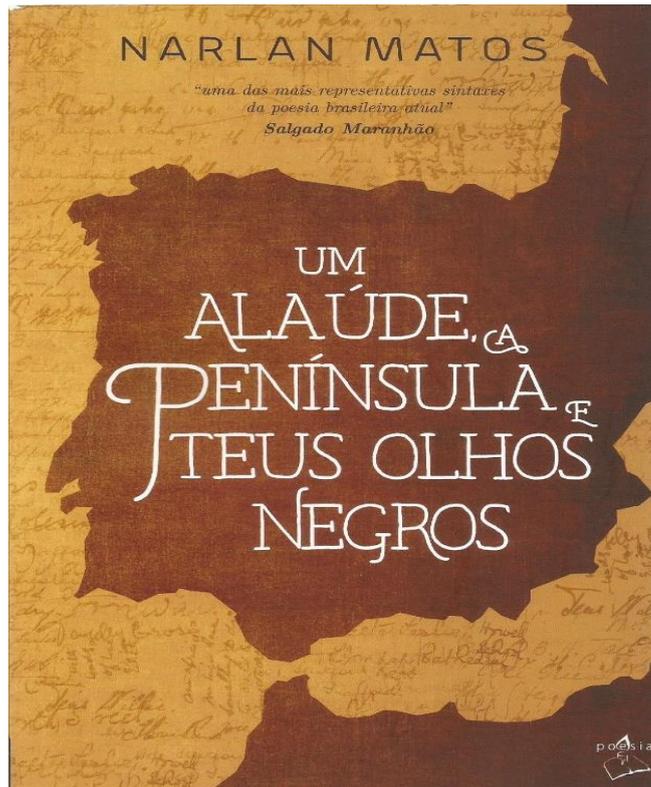


Figura: Capa do livro *Um alaúde, a península e teus olhos negros*, de Narlan Matos.

Fonte: Matos, Narlan. Guaratinguetá (SP): Penalux, 2017.

A obra, *Um alaúde, a península e teus olhos negros* apresenta, em sua capa, cores fortes, vibrantes, e o mapa da Península Ibérica, o que possibilita pistas para o leitor sobre o tema principal da obra – as guerras, os reinos, os estrangeiros – envolto sob um olhar profundo, a poesia de Matos vai integrando-se ao mundo.

O prefácio intitulado “a elegância como estilo”, inicia-se com a síntese da obra, realizada pelo poeta Salgado Maranhão, sobre o que viu e sentiu ao ler a obra:

Um alaúde, a península e teus olhos negros há sinergias com outras variáveis: uma busca de contenção sem delatar costuras ou bandeiras formais; um cantar com a alma ibérica, em que a tessitura erótica não se esgarça nunca além da elegância. Ao afirmar-se numa dicção pessoal, antenada com a grande poesia moderna do ocidente (daí o crescente interesse de outras línguas pela sua obra), Narlan Matos reinventa, a seu modo, a tradição provençal, aludindo à sua aldeia e universalizando-a (MARANHÃO, 2027, prefácio).

Nessa obra, Matos entrega-nos poemas que parecem ser guiados por uma bússola, pois cada encontro nos levará a outros portos e juntos descobriremos a emoção da viagem, numa linguagem poética composta de multiplicidades existenciais.

Em 2018, Matos lançou o quinto livro, *Canto aos homens de boa vontade* (Penalux); o livro possui 105 páginas e 69 poemas.



Figura: Capa do livro *Canto aos homens de boa vontade*, de Narlan Matos. Fonte: Matos, Narlan. Guaratinguetá (SP): Penalux, 2018.

O livro apresenta-nos, na imagem da capa, uma demonstração da afetividade que o cerca, o nascimento do primeiro filho, Yannik. Matos fez questão de imprimir o laço que o une ao seu primogênito, que é registrado na figura acima. Esse momento importante de Matos é compartilhado com os leitores, que têm a oportunidade de acompanhar a emoção do autor, além da capa, na abertura do livro, com o poema intitulado “idílio”:

Pai, meu filho nasceu. Faz tanto tempo que lhe escrevi. Há tanto idílio entre ele você e eu! Ainda é difícil acreditar que você morreu... O dia acaba de nascer e me convence de novo com seu inquestionável argumento. Ontem, hoje, amanhã: a vida vive-se de momento em momento.[...]. *Canto aos homens de boa vontade* é marcado, assim, por este sentimento profundo, por minhas viagens pelo mundo, a descoberta de novos países, povos, cidades, amigos, a beleza de Trieste, o mar Adriático e seu olhar de raro azul. Todavia, sobretudo,

porque meu primeiro filho nasceu, Yannik, nasceu. E então ela renasceu incontrolável em mim, a vida, com uma renovada fé de que a esperança e o amor vencerão. Aqui, compartilho-a com você, meu querido e velho leitor antigo, e com você, também, meu já querido novo leitor. A vida é utopia, o resto é Apocalipse. Cantemos todos juntos pelo grande crepúsculo! (MATOS, 1997, p.12-13).

Os efeitos de sentido associados à composição da capa, amor e proteção paternal, são acompanhados por um poema/cartão de comemoração, com o objetivo de impulsionar não só os leitores, mas também o próprio filho, na posteridade, quando for adulto, a ter esperança na vida, pois, independente das lutas, viagens e tristezas, a vida renasce, diariamente com o sol, oferecendo-nos uma nova oportunidade de sermos felizes, conforme pode ser observado na citação acima.

E, em 2019, o sexto livro, também pela Editora Penalux, *Eu e tu, caminheiros dessa vida*, composto de 114 páginas e 84 poemas.

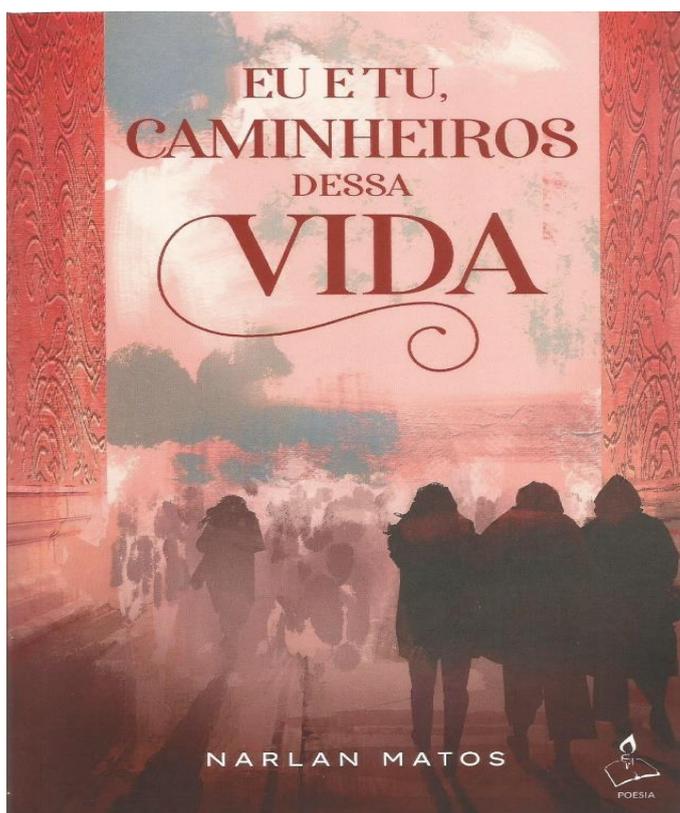


Figura: Capa do livro *Eu e tu, caminheiros dessa vida*, de Narlan Matos.
Fonte: Matos, Narlan. Guaratinguetá (SP): Penalux, 2019.

A edição de 2019 inova ao não trazer um sumário e ao apresentar os títulos dos poemas numerados, ou seja, do poema número 1 até o poema 71, apenas na sequência dos numerados, os poemas passam a ser nomeados. Para separar os

poemas intitutados, o autor criou uma seção separada, a qual denominou “Outros”, que é composta de mais 13 poemas inéditos.

A capa da obra *Eu e tu, caminheiros dessa vida* tem em destaque a palavra “vida” e pode-se reconhecer (imagens difusas, sombreadas) a representação de milhares de pessoas caminhando, os quais identificamos como sendo os caminheiros dessa vida que Matos vem encontrando pelo caminho e que irá apresentar-nos em seus novos versos.

O prefácio intitulado “Uma carta da Rússia”, inicia-se com a impressão que o leitor, professor de literatura na Rússia, Dr. Anatoliy Mikhailovich Gakh, obteve sobre a obra:

Para mim, este livro parece uma tentativa (precoce) de fazer o balanço de sua experiência de vida, de compartilhar com os homens as suas dúvidas, os seus pensamentos, os seus sonhos e anseios. Com suas maravilhosas mensagens, cheias de sentimentos de amizade verdadeira e apoio moral para nossas peregrinações através da vida. Tudo certo. Aliás, este é o destino de todos os poetas. Caminha, poeta, que o teu destino é caminhar, é sofrer, ir ao encontro do infinito, é dar alento a outros caminheiros, é semear versos que trazem esperança aos corações desiludidos... É difícil, sim, irmão, mas vale a pena. (GAKH, 2019, p. 7).

Matos, nesse momento, com 6 publicações poéticas, prossegue as viagens pelo mundo e continua promovendo novos encontros, novos amigos e novos poemas, os quais o leitor tem a oportunidade de conhecer, acompanhar a narrativa e identificar-se, seguindo o destino do poeta - escrever.

Embora sendo pouco conhecido no Brasil, Matos, após a publicação do seu primeiro livro, passa a ser convidado para representar o Brasil, em diversos festivais de literatura do mundo, tais como: Festival Internacional de Literatura Outono Poético em Druskininkai, na Lituânia (2000); Festival Internacional de Vilenica, na Eslovênia (2002); Festival Internacional Gerard Manley Hopkins, na Irlanda (2002); Encontro Internacional de Jovens Escritores da UNESCO, na Eslováquia (2003); entre outros.

Em razão da difusão do trabalho de Matos em diversos países, sua poesia foi traduzida para vários idiomas, com destaque para: inglês, esloveno, croata, chinês, vietnamês, lituano, sueco, japonês, inglês, espanhol, italiano e hindu.

Matos também é um participante ativo em seminários e em programas literários internacionais, sendo que, em 2017, recebeu destaque por ter reunido escritores cubanos e americanos no Festival Internacional de Poesia de Havana, por ter sido

essa a primeira delegação de poetas norte-americanos para Cuba²⁰. A delegação incluiu o poeta americano Robert Hass (1941)²¹, que ganhou o Prêmio Pulitzer de Poesia em 2008 pela coleção *Time and Materials: Poems 1997-2005*, e mais oito outros poetas dos Estados Unidos. De acordo com o Jornal²² Estudantil da George Washington University; o *GW Hatchet*, sobre a viagem a Cuba:

Narlan Teixeira, professor do departamento de romances, alemão e eslavo, organizou a viagem, que incluiu reuniões com autoridades cubanas e dias de leituras de poesia. Membros da delegação disseram que a viagem ajudou a restabelecer uma importante ligação cultural entre Cuba e os Estados Unidos, depois de décadas de tensão política entre os dois países (*GW Hatchet*, 2017, s.p.).

Matos ministrou palestras em instituições como a University of California, Berkeley, San Francisco State University, University of New Mexico, Augustana College e Coe College. Nesses eventos, aproveitou a oportunidade para conhecer escritores e pesquisadores de todo o mundo, dentre eles, poetas da literatura universal, como Beatniks Lawrence Ferlinghetti, Robert Creeley, o esloveno Tomaz Salamun, o russo Yevgeny Yevtushenko e, ainda, o linguista Noam Chomsky, com quem se encontrou no Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Atualmente, Matos leciona na George Washington University, em Washington, DC, onde vive com a esposa, a pesquisadora Krista Anderson Teixeira e o filho Yannik.

Narlan Matos, no prefácio de seu segundo livro, *No Acampamento das Sombras* (2001), procura uma linguagem capaz de auxiliá-lo a decifrar-se, de modo a apresentar-se como um homem-escritor-poeta, que, se outrora vivia nas sombras, agora caminha em direção ao encontro do público leitor, ao qual ele se apresenta:

Eu sou mais ou menos uma coleção de 50 pessoas disposta em quatro gerações. Não tenho forma nem matéria. Não sou dono de mim porque nem mesmo tive a oportunidade de me encontrar no decorrer de toda minha vida. Eu sou pessoas que já morreram há mais de 100 anos,

²⁰ Publicado no jornal da *George Washington University*. Disponível em: <https://www.gwhatchet.com/2017/09/07/professor-leads-poet-group-on-historic-trip-to-cuba/>. Acesso em: 10 fev.2019.

²¹ Frequentou o St. Mary's College em Moraga, Califórnia, e recebeu mestrado e doutorado em inglês da Universidade de Stanford. Hass serviu como poeta laureado dos Estados Unidos de 1995 a 1997 e como Chanceler da Academia de Poetas Americanos de 2001 a 2007.

²² O *GW Hatchet* é um jornal estudantil independente e editado pela *George Washington University*. Fundado em 1904, o *GW Hatchet* é o segundo jornal mais antigo do Distrito de Columbia, atrás apenas do *The Washington Post*. Também serve como o jornal de registro dos arquivos da universidade.

peças que nem mesmo conheci, mas que estão em mim como minhas veias, estranhamente. Essas são minhas sombras. As sombras sob as quais vivo. E de minhas lutas intermináveis em busca de mim mesmo, vou encontrando essas pistas em forma de poemas. [...] Esse sou eu, meu ilustre desconhecido, e desde já lhe peço desculpas se não sou claro (MATOS, 2001, prefácio).

Observa-se, nessa exposição, a preocupação do poeta em mostrar-se de forma a criar uma imagem, para tornar-se íntimo do(s) outro(s). Essa imagem, a qual o poeta se define, não pode ser vista como a construção de um mosaico, pois nessa arte decorativa, as peças que a compõe (apesar de coloridas) estão coladas (fixas) numa parede, enquanto que, a poesia de Matos, está em constante movimento. Assim, nesse jogo, chamado vida, o escritor procura se apresentar, talvez utilizando a imagem de um *puzzle*, já que, nesse jogo de raciocínio lógico, as peças são compostas de cores, sombras e luzes, marcadas pelas múltiplas experiências de vida. Nesta composição, jogo da vida, existe uma junção de peças e fragmentos, emoções vividas, algumas vezes ligadas pelo fio das imagens e outras vezes, pelas palavras, que materializam-se em peças também para o leitor, o(s) outro(s), retratado(s) por Matos em seus encontros poéticos.

Localizamos artigos publicados não só em língua portuguesa, mas também em outros idiomas, como em língua inglesa e lituana, que foram encontrados até o presente momento.

O autor *Mojca Medvedšek*, publicou, em 2017, o artigo intitulado “Letter to a Slovenian: the influence of Tomaž Šalamun on Brazilian poet Narlan Matos”²³ em que apresenta o diálogo de Matos com a poesia de *Shalamun*²⁴, na busca e imitação de padrões rítmicos típicos do verso de *Shalamun* e de sua musicalidade.

Há um intervalo de tempo considerável entre as sugestões e referências de Shalamun no trabalho de Narlan Matos. Matos refere-se, em particular, a obras que conhece através de traduções em espanhol e inglês, e que ele próprio traduziu no início de sua carreira

²³ Disponível em: <https://revije.ff.uni-lj.si/arshumanitas/article/view/7657> (artigo original). Acesso em: 10 dez. 2019.

²⁴ *Med Šalamunovimi predlogami in navezavami v delu Narlana Matosa je precejšnja časovna razdalja. Matos se sklicuje zlasti na dela, ki jih pozna prek španskih in angleških prevodov in ki jih je na začetku svoje pesniške poti prevajal tudi sam; v veliki večini so to pesmi iz zgodnjega Šalamunovega opusa, torej zbirk iz 70. ali 80. let, kakor da bi njegovega pesniškega učenca zanimala predvsem mladost. Kot je značilno za njegove številne nadaljevalce, je tudi za Matosa poezija posebna vrsta poklicanosti in osebne angažmaja (v Matosovem primeru se avtor osredotoča na vprašanja kolonializma, identitete, rasizma in ameriškega kontinenta) MEDVEDŠEK, 2017, p.186-187*

de poesia; na maior parte, são canções da obra de Shalamun, ou seja, coleções dos anos 70 ou 80, como se o discípulo de seu poeta se interessasse principalmente pela juventude. Como é típico de suas muitas sequelas, a poesia também é um tipo especial de poesia para vocação e engajamento pessoal (no caso de Matos, o autor concentra-se em questões de colonialismo, identidade, racismo e continente americano) (MEDVEDŠEK, 2017, p.186-187, tradução nossa).

Também em 2017, o professor Adenilson B. Albuquerque, publicou, o artigo intitulado *Os nossos quintais e a poesia de Narlan Matos em Elegia ao Novo Mundo e outros poemas*²⁵, no *The Journal of the Students of the Ph.D. Program in Latin American, Iberian and Latino Cultures*, no qual destaca:

Elegia ao Novo Mundo e outros poemas demonstra que a relação de Narlan Matos com os seus quintais não é egoísta. Em cada poema, percebemos algo como o reconhecimento das experiências tidas no agradecimento ao que observou e considera responsável por sua formação. O olhar crítico e o tom de denúncia estão em muitos poemas, antes de tudo, poéticos. A literatura brasileira, portanto, tem nesse poeta uma representatividade dos temas do Novo Mundo, ainda obscuro sob muitos aspectos devido às limitações impostas pelos discursos unívocos correntes até poucas décadas e ainda fortes nos escritores aprisionados a tradicionalismos. Desinformados – talvez erroneamente envergonhados – sobre seu entre-lugar extraordinariamente plural neste continente amordaçado durante séculos (ALBUQUERQUE, 2017, s.p.).

Em 2002, o escritor Narlan Matos publica onze poemas para o público leitor do *International Writing Program (IWP)*²⁶ que se denomina como um canal para as literaturas do mundo, conectando escritores consagrados, trazendo literatura internacional para as salas de aula, apresentando escritores americanos a outras culturas por meio de visitas de leitura e servindo como um centro de informações literárias rico em materiais pedagógicos o professor, o qual citou Narlan Matos sendo, “talvez o poeta mais promissor de seu país” (WRITING SAMPLE, 2002, s. p.)

Destacamos ainda, as obras antológicas²⁷ e demais publicações, realizadas para o público estrangeiro, são elas:

²⁵ Program in Latin American, Iberian and Latino Cultures. Disponível em: <https://ljournal.commons.gc.cuny.edu/2014-1-ritt-texto/> Acesso em: 10 mar. 2019.

²⁶ Disponível em: <https://iwp.uiowa.edu/writers/narlan-matos>. Acesso em: 10 mar. 2019.

²⁷ Antologias de Matos. Disponível em: <https://sites.google.com/site/narlan7matos/poetry/publications>. Acesso em: 10 mar. 2019.

- ❖ *Duet of Dots - Narlan Matos & Maki Starfield - Junpa Books*; Japão (2015); foi a primeira coleção de Matos, com a poetisa japonesa Maki Starfield, o editor destaca:

Uma das maiores virtudes da poesia de Narlan Matos é sua capacidade de ouvir e identificar os problemas mais profundos de nossos tempos, na arte e na crítica social. O vigor, generosidade e sabedoria da poesia de Narlan Matos lhe conferem a categoria de poeta universal. Por outro lado, o apelo dos poemas de *Maki Starfield* está em busca da realidade da condição humana no mundo da iluminação através da autorreflexão no estilo de poema de três linhas, baseado no *haiku*. Pode-se dizer que as palavras dos dois jovens poetas promissores são um produto da ressonância de suas almas em uma melodia como um lugar onde o Oriente e o Ocidente se fundem (SUMIKURA, 2015, s.p.).

- ❖ *Pesem o Vetru in Mojem Zivljenju - Traduzida por Mojca Medvedšek, Blažka Müller Pograjc - Center za slovensko književnost*; Eslovênia (2015); a editoria ressalta que “a obra *Um poema sobre o vento e minha vida* é uma antologia de poemas de três coleções publicadas de um dos poetas brasileiros de classe média mais aclamados internacionalmente, Narlan Matos (2015, s.p.).

- ❖ *La Provincia Oscura - Traduzida por Giorgio Mobili - Edizioni Fili d'Aquilone*; Itália (2016); o tradutor enfatiza que:

Se o jovem poeta de *No acampamento das sombras* se perguntava ansiosamente quando “todo o sistema solar ... caberá dentro de mim” (*Cosmogonies*), o mais maduro de *Elegia para o novo mundo* reformula o dilema de um ângulo não mais dicotômico, mas fenomenológico: “Não estou mais em mim nem na própria paisagem / juntos somos outra coisa que não sabemos” (Voltando da praia). Para concluir, então, nas Estrelas Equatoriais: “Eu tenho isso que vem da noite / do vento do mar / das areias da costa / da lua equatorial e é isso que eu sou”. Como se dissesse: e se a divisão excruciante entre a psique e o mundo fosse apenas um dos nossos destinos possíveis? (MOBILI, 2016, s.p.).

- ❖ *Antología poética bilingüe - Traduzida por José Ángel García Caballero – Ilustrada por Juan Carlos Mestre; Editorial Maolí; Espanha (2017); o blog Poetas do Século XXI – Antologia Mundial²⁸*, destaca o “poeta

²⁸ Antologia. Disponível em: <https://poetassigloveintiuno.blogspot.com/2017/03/narlan-matos-teixeira->

brasileiro-americano com um dos autores mais relevantes da América Latina por críticos americanos e europeus que apontam para a importância universal de sua obra” (SÁNCHEZ, 2017).

- ❖ *The Poetry of Men's Lives: an International Anthology*²⁹ - Inclui o poema “My Father’s House” - Edited by F. Moramarco & A. Zolynas - University of Georgia Press (2004); apresenta-se para o público estrangeiro, no país que é também, sua nova casa (EUA).

- ❖ Mídia Poesia 2 – Incluindo o poema “Às vésperas da felicidade” - Editada pelo Governo do Estado da Bahia (2005).

Demais publicações em revistas:

- ❖ *FONDAZIONE POESIA*³⁰ - Edição nº 284 - Revista de poesia italiana, dedica treze páginas à vida e à poesia de Matos (2013); tradução de *Giorgio Mobili* intitulado *Narlan Matos Elegia al Nuovo Mondo*³¹.

Aqui você se torna um cantor e uma história da comunidade que confirma tudo: da elegância pós-colonial à espiritualidade, do poema pastoral metafísico ou da denúncia - tudo que mantém uma voz clara, da autoridade "clássica" que convenceu ou transpôs por um longo tempo a necessidade de um fenômeno natural. Como os pequenos *ecanets* são sistemas retóricos ou pirotécnicos vazios, para Matos, torna-se uma redeclaração urgente de um verso que promove a solidariedade universal (MOBILI, 2013, p. 49, tradução nossa).

- ❖ *FILI D'aquilone*³² - Edição Número 35 – Artigo realizado por *Giorgio Mobili* intitulado *Manca qualcosa nella stanza*³³ - *A poesia de Narlan*

[20004.html](#). Acesso em: 10 mar. 2019.

²⁹ Disponível em: <https://mason.gmu.edu/~ayadav/anthologies>. Acesso em: 10 mar. 2019.

³⁰ Disponível em: http://www.poesia.eu/Archivio/2014/somm_11_14.html. Acesso em: 10 mar. 2019.

³¹ *Qui diventi un cantante e una storia comunitaria che conferma tutto: dall'eleganza postcoloniale alla spiritualità, dal poema pastorale metafisico o dalla denuncia - tutto ciò che mantiene una voce chiara, dall'autorità "classica" che convince o traspone da molto tempo. fa. necessità di un fenomeno naturale. Quali piccole ecanets sono vuoti impianti retorici o pirotecnici, per Matos, diventa una ri-dichiarazione urgente di un verso che promuove la solidarietà universale.*

³² Disponível em: <http://www.filidaquilone.it/num035mobili.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.

³³ *A nemmeno quarant'anni, Narlan Matos è già un poeta molto popolare, amato e pluriomaggiato, non solo nel suo Brasile natio, ma pure in ambito internazionale – fenomeno strano, direi quasi esoterico, in una temperie involgarita e in via di radicale depoetizzazione quale è la nostra. Come è possibile? Una considerazione obbligata e a dir poco entusiasmante – abbiamo appreso, in questo gioco al ribasso, ad appagarci di pochissimo – è che, in tutta evidenza, esiste ancora un pubblico ricettivo alla poesia,*

Matos (2014); realça que:

[...] Narlan Matos já é um poeta muito popular, amado e bem-dotado, não apenas em seu país natal, mas também internacionalmente - um fenômeno estranho, diria quase esotérico, numa despoetização radical e indesejável, como é nossa. Como isso é possível? Uma consideração obrigatória, para dizer o menos emocionante - aprendemos, neste jogo, a nos satisfazer muito pouco - é que, com todas as evidências, ainda há um público receptivo à poesia, embora (por razões que seriam fascinantes, em outros lugares, dissecar) mais no exterior do que na Itália, e particularmente na América Latina, onde a leitura poética ainda é um evento que os aficionados estão dispostos a participar ao preço de um inconveniente logístico impensável por nós (MOBILI, 2014, s.p., tradução nossa).

- ❖ *FILI D'aquilone*³⁴ - Edição Número 45 – Artigo realizado por *Marco Testi* intitulado *Dalla Provincia Oscura Alla Città Del Sole*³⁵ - *A Aporias diárias e circularidade necessária na poesia de Narlan Matos (2017)*; faz uma análise sobre a poesia, objetivos e contradições que a circundam.

As dúvidas em perspectiva não são apenas as que surgem da nova ciência e do pensamento antideterminista, nem apenas Galileu e Bruno, portanto, nem apenas Kant, muito menos Einstein ou Heisenberg. As reflexões sobre o que se entende por realidade, e quanto ela vive em nós e somente graças a nós, são tão antigas quanto o pensamento pré-socrático e xamânico e, para Vico, tanto quanto a poesia. Mas as dúvidas poéticas, com exceção das exceções, não são sistêmicas, elas não têm a presunção de se tornar algo que no século XX parece não comprovado (que no século XIX, o positivismo teria o sabor de uma blasfêmia arcaica e ignorante, no sentido etimológico do termo) (TESTI, 2017, s.p., tradução nossa).

Em nossas buscas, nas redes sociais, sobre publicações dos poemas de Matos, observamos que após a tradução de *Giorgio Mobile*, outros professores italianos tiveram a oportunidade de conhecer e apreciar a linguagem literária de Matos

benché (per ragioni che sarebbe affascinante, in altro loco, sviscerare) più all'estero che in Italia, e in particolare in America Latina, dove la lettura poetica è ancora un evento a cui gli aficionados sono disposti ad assistere a prezzo di scomodità logistiche impensabili da noi.

³⁴ Disponível em: <http://www.filidaquilone.it/num045testi.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.

³⁵ *I dubbi prospettici non sono solo quelli scaturiti dalla nuova scienza e dal pensiero antideterministico, né solo Galileo e Bruno, quindi, né unicamente Kant, tantomeno Einstein o Heisenberg. Le riflessioni su cosa si intenda per realtà, e quanto essa viva in noi e solo grazie a noi sono vecchie quanto il pensiero presocratico e sciamanico, e, a sentire Vico, quanto la poesia. Ma i dubbi poetici, tranne eccezioni, non sono sistematici, non hanno la presunzione di diventare qualcosa che nel Novecento sembra indimostrabile (cosa che nell'Ottocento positivistico avrebbe avuto il sapore di una blasfemia arcaica e ignorante, nel senso etimologico del termine).*

em seus *blogs* e sala de aula. Destacamos o comentário³⁶ realizado pela Professora *Silvia Leuzzi*³⁷:

Alguns anos atrás, um professor universitário, um poeta de raiva, aconselhou-me a remover o Eu da poesia. Remover o ego significa deixar as palavras respirar e torná-las livres para mudar de forma e semântica. Narlan Matos impressiona precisamente por causa de sua capacidade de usar o ego em sua letra, sem amarrá-lo a si mesmo. O Eu Poético de Matos é desdenhoso, triste, mas não deprimido, porque a tristeza poética convida à reflexão e ao diálogo consigo mesmo (LEUZZI, 2015, s. p., tradução nossa).

Esses são alguns exemplos encontrados, ecoando pelo mundo, no qual se observa, concretamente, a força poética de Matos, que atravessa fronteiras físicas e de linguagem, encontrando abrigo em casas, escolas, bibliotecas, saraus e blogs, enfim, em cada leitor que tem a oportunidade de refletir sobre si mesmo, graças aos poemas de Matos.

No Estado do Paraná, o trabalho poético de Narlan Matos vem sendo divulgado graças às orientações do Professor Antonio Donizeti da Cruz em cursos de pós-graduação em nível *stricto sensu* e *lato sensu* na Universidade estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), bem como o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

Em 2014, a Professora do PDE, Megliéri F. S. Melo apresentou uma Produção Didático-Pedagógica³⁸, intitulada: *Leitura, Performance e Transversalidades na Lírica de Narlan Matos: Diálogos Poéticos e Palavras (En)Cantadas* que foi disponibilizada em uma cartilha *on-line* pelo Governo Estado do Paraná.

O artigo intitulado “Antología de Narlan Matos”, publicado na revista *Letralia - Tierra de Letras* (2017), realizado por Antonio Donizeti da Cruz e Vanderlei Kroin³⁹ vemos o seguinte comentário sobre a antologia Antología poética bilíngue, publicada na Espanha:

³⁶ *Qualche anno fa un professore universitario, poeta per rabbia, mi consigliò di togliere l'lo dalla poesia. Togliere l'lo vuol dire lasciar respirare le parole e renderle libere di mutare forma e semantica. Narlan Matos colpisce proprio per la sua capacità di utilizzare l'lo nelle sue liriche, senza per questo legarlo a sé. L'lo Poetico di Matos è sdegnoso, triste ma non depresso, perché la tristezza poetica invita alla riflessione e al dialogo con se stessi.*

³⁷ Disponível em: <https://www.lasepolturadellaletteratura.it/narlan-matos/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

³⁸ Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1684>. Acesso em: 10 jan. 2020.

³⁹ Disponível em: <https://letralia.com/lecturas/2017/08/23/antologia-de-narlan-matos/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Formado por quarenta poemas e dividido em quatro partes, o livro *Antologia Poética Bilingue (1997-2016)*, do poeta brasileiro Narlan Matos, é uma obra que destaca o poeta no panorama contemporâneo da poesia latino-americana e mundial. O poeta reinventa a América pelos versos de muitos poemas; o eu lírico canta a elegia de um novo mundo, um mundo reescrito de maneira ácida e visto da perspectiva do silenciamento, de tudo o que foi oculto pela história e é reinventado pela arte da poesia (CRUZ; KROIN: 2017).

Em 2018, tivemos a oportunidade de conhecer e ouvir o poeta recitando os seus poemas, na mesa de abertura *V Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários (CIELLI)*⁴⁰, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), denominada: *Brasil em Trânsito pelo Mundo: Viagens, Diásporas, Enfrentamentos Culturais e Literários em uma Época de Frágeis Fronteiras* que teve como convidado de honra estrangeiro o *Prof. Dr. Narlan Matos Teixeira – GWU-DC/USA*, e, no CIELLI também foram publicados dois artigos, pelos orientandos do Prof. Antonio Donizeti da Cruz. O primeiro, pelo doutorando Vanderlei Kroin, com o título: *Imagens Poéticas e (Re)Configurações do Velho Mundo: Um Estudo da Obra Um Alaúde, A Península e Teus Olhos Negros, de Narlan Matos (2018, p. 2736-2748)*; e o segundo, pela mestranda, Jocimar Bertelli, intitulado: *Poesia e Memorialismo Fixado na Infância: O Imagético em Narlan Matos (2018, p. 2094-2104)*, no qual foi destacado:

O ponto forte do nosso trabalho é a aproximação com o eu-lírico, ter a oportunidade de ouvir o poeta declamando os seus poemas, diante da plateia, é uma experiência única, e esse encontro, nos permite a desambiguação de sentidos, já que possibilita uma interpretação da sua escrita, mais próxima do sentido pretendido pelo autor, por estarmos no mesmo contexto temporal, pois as palavras têm significados diferentes em épocas diferentes, principalmente, levando-se em conta, os sentidos metafóricos dessa leitura, que só o homem do seu tempo pode compreender na literatura (BERTELLI, 2018, p. 2103).

Nesse sentido, abordaremos, no próximo tópico, a crítica literária dos leitores, pesquisadores, críticos e demais ouvintes dos poemas de Matos.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.cielliuem.com.br/anais/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

1.2 FORTUNA CRÍTICA

Para apresentarmos o que foi escrito a respeito do trabalho de Matos, recorreremos a fortuna crítica. Coutinho (1978, p.10) nos explica que a fortuna crítica “inclui o que há de melhor publicado e é matéria de estudo obrigatório na compreensão e interpretação da poesia brasileira”. Desta forma, a pesquisa às plataformas formais e informais demonstrou que Matos é mencionado como escritor, músico, compositor e pesquisador. Localizamos, ainda, citações que destacam Matos como organizador de livros, tradutor e escritor sob o tema da *Tropicália*. Nesses espaços, verificamos que os trabalhos estão em processo de alcance de reconhecimento, de maneira gradativa, a partir de novos olhares não só de professores de literatura, mas também de escritores, pesquisadores, críticos e apreciadores da arte.

A fortuna crítica – o olhar do(s) outro(s) para a poesia de Matos – pode ser observada, por exemplo, no prefácio do livro *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997), publicado pela Fundação Casa de Jorge Amado, composto pelos depoimentos de autores importantes do meio literário, integrantes da Academia Brasileira de Letras, como poeta Ruy Espinheira Filho (1942)⁴¹:

Publicar é expor-se – e esta é mesmo uma dura experiência, principalmente para quem está iniciando. Virão, dos leitores, palavras agradáveis, carinhosas, estimulantes, mas também surgirão juízos ásperos, depreciativos, às vezes de pura e escancarada agressividade. Será assim, para o autor, para todos os autores, durante a vida inteira – mas sem dúvida o estreador é bem mais vulnerável. Só com o tempo e a experiência ele aprenderá a não se deixar ferir demais pelos ataques – nem pelos elogios. Estes, aliás, muitas vezes bem mais perigosos que aqueles (ESPINHEIRA-FILHO, 1997, orelha inicial).

Após a leitura do livro de Matos, Ferreira Gullar (1930-2016)⁴², poeta, crítico de arte e ensaísta brasileiro, também manifestou-se e teceu um comentário sobre a obra:

Logo os primeiros poemas me agradaram e me estimularam a seguir a leitura. Apesar de algumas influências – notadamente a de Drummond -, você tem um modo pessoal de escrever, de formular

⁴¹ Poeta, romancista, cronista, jornalista e professor do Departamento de Letras Vernáculas da UFBA, onde conclui o doutorado em letras e linguística. Recebeu o título de doutor honoris causa, concedido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, em 1999. Em 2000, torna-se membro da Academia de Letras da Bahia.

⁴² Poeta, crítico de arte e ensaísta brasileiro. Recebeu o Prêmio Camões, em 2010. Em 2014, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL, 2019).

seus pensamentos e sentimentos. Não resta dúvida que se trata do livro de um poeta, e é isso que importa (GULLAR, 1997, orelha final).

Na sequência, o jornalista, contista, romancista e memorialista Herberto Sales (1917-1999)⁴³, expressou-se ressaltando que:

O que me impressionou na poesia de Narlan Mattos Teixeira foi a sua consumada arte de lidar com a palavra, sua serva e sua cúmplice, na criação de inesperadas coisas lindas, difíceis de encontrar todo dia. Como aquele verso incrível: “Pra que acender as luzes se posso ser feliz no escuro?” É demais. É belo demais (SALES, 1997, orelha final).

Esses depoimentos que compõem a orelha do primeiro livro de Matos podem ser lidos e observados como: conselhos, críticas e elogios feitos por escritores renomados para o poeta novato, que começava a destacar-se no meio literário.

Pode-se dizer que o jovem Matos, daquele período (1997), passava por transformações pessoais de maturidade enquanto ser e enquanto profissional de Letras, pois estava se tornando professor de Literatura, além de escritor. Esse ponto de vista pode ser considerado como nas palavras de Paz (1982, p. 40), que afirma que “qualquer que seja a sua atividade e profissão, artista ou artesão, o homem transforma a matéria-prima: cores, pedras, metais, palavras”.

A primeira obra, *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997), publicada pela Fundação Casa de Jorge Amado, recebeu os elogios citados e uma carta do escritor Jorge Amado (1912-2001)⁴⁴, saudando-o com louvor. Matos relata que também recebeu os cumprimentos de outros escritores importantes, tais como: José Paulo Paes (1926-1998)⁴⁵, Thiago de Mello (1926)⁴⁶ e Rachel de Queiroz (1910-2003)⁴⁷.

⁴³ Herberto Sales, jornalista, contista, romancista e memorialista. Prêmio Jabuti de 1977 (ABL, 2019).

⁴⁴ Jorge Amado, escritor brasileiro, um dos maiores representantes da ficção regionalista. Na Academia Brasileira de Letras ocupou a cadeira n.º 23. Fez parte da Academia de Ciências e Letras da República Democrática da Alemanha; da Academia das Ciências de Lisboa; da Academia Paulista de Letras; e membro especial da Academia de Letras da Bahia (ABL, 2019).

⁴⁵ José P. Paes, poeta, tradutor, ensaísta, e crítico literário brasileiro. Foi professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Recebeu do presidente da Grécia a Cruz de Ouro da Ordem de Honras, pelas traduções do grego antigo e moderno (ABL, 2019).

⁴⁶ Thiago de Mello, poeta e tradutor brasileiro. Foi adido cultural (1959-1960) na Bolívia e no Peru e em Santiago (1961-1964), no Chile, onde conhece o escritor Pablo Neruda, de quem faz a tradução de uma antologia poética. Indignado com o Ato Institucional n.º 1 e por ver a tortura ser empregada como método de interrogatório, escreveu o seu poema mais famoso, “Os Estatutos do Homem” (1977).

⁴⁷ Rachel de Queiroz, tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista e dramaturga brasileira. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL, 2019).

Em 2001, na segunda obra, *No acampamento das sombras*, o poeta cita a crítica recebida do Professor Jorge de Souza Araújo (1947)⁴⁸ destacando-o “como uma das maiores revelações da poesia na atualidade” (Matos, 2001, p. 69).

O professor e escritor Luiz Otávio Oliani⁴⁹ relata, na Revista *InComunidade*⁵⁰, a sua euforia por encontrar um poeta com a qualidade de Matos, em tempos de escassez globalizada de bons poetas, e aproveita para repreender o mercado literário brasileiro, que ainda não valoriza a obra do poeta baiano, como o mercado europeu.

No tocante a este "Canto aos homens de boa vontade", urge dizer que cinco características podem ser observadas neste volume de poemas, a serem tratadas aqui de forma não linear. A saber, do ponto de vista gramatical e literário: a ausência de pontuação nos textos, salvo raras manifestações como “evocação no metrô Washington D.C” (p.28, 29); a presença de versos assimétricos; a riqueza da imagética por meio de figuras de linguagem e jogos sonoros, além da intertextualidade. Já a última característica volta-se à temática do livro: a forte preocupação humanitária de grande parte dos poemas tem respaldo no título da obra (OLIANI, 2018, s.p.).

A análise crítica do professor Oliani observa com admiração o trabalho realizado por Matos, dando-lhe destaque ao formato estrutural da sua composição:

Os versos assimétricos de Narlan Matos revelam, por si só, uma opção autoral mais libertária. Por se tratar de uma poesia de contornos internacionais, quanto aos temas universalizantes nela tratados, a voz do poeta não podia se prender a regras de escansão, isto é, rígidos sistemas métricos. O eu lírico precisava de uma liberdade para um diálogo mais fraterno com os leitores; razão pela qual não cabia, aqui, uma poesia fechada em si mesma quanto à estrutura (OLIANI, 2018, s.p.).

Ainda sobre o livro *Canto aos homens de boa vontade*, encontramos, nas orelhas, sob o título “Uma lembrança poética do Humanismo”, um depoimento relevante do Professor de Estudos Portugueses e Brasileiros, da Universidade de Copenhague Georg Walter Wink⁵¹, conforme destacamos:

⁴⁸ Jorge de Souza Araújo. Doutor em Letras pela UFRJ. Professor de Literatura (UESC. UFRJ. UFBA, UEFS). Criador do Instituto de Humanidades e Cidadania (IHC), no Recôncavo baiano. (ABL, 2019).

⁴⁹ Luiz Otávio Oliani. Poeta, escritor, tradutor. Formado em Letras e Direito (ABL, 2019).

⁵⁰ Revista *InComunidade*, Ano 5 Ed.74 - Nov 2018. Disponível em http://www.incomunidade.com/v74/art_bl.php?art=400. Acesso em 10 jul. 2019.

⁵¹ Doutor em Estudos aplicados de cultura e língua, pela Universidade Johannes Gutenberg Mainz, Alemanha; e Pós-Doutor pela *Freie Universität Berlin*, FUB, Alemanha e pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil. Atualmente é professor de Estudos Portugueses e Brasileiros na Universidade de Copenhague (CAPES, 2019).

Há nos poemas de Narlan Matos uma observação meticulosa do mundo. Uma imponente mensagem. A esse respeito, a poesia do autor é muito clássica e sua translucidez revela nas entrelinhas um sério humanismo cosmopolita. Pode-se dizer que a poesia de Narlan Matos extrai sua força a partir desta tensão: a dramatização poética (e problemas relacionados) a partir da tomada de conhecimento, posição nômade dos sem-abrigo para fora. Como tal, sua poesia universalista parece ser para muitos relevantes e compreensível (WINK, orelha da obra, *Canto aos homens de boa vontade*, 2018).

A crítica do professor Wink estende-se para explicar como seria a posição de Matos, baseada em uma interessante linguagem poética, pois,

[...] a leitura não-linear, já que foi dito pela sua posição de humanismo cosmopolita, se aplica também ao seu próprio projeto literário: é por si coerente, mesmo quando a métrica e o modo do efeito-surpresa variam (WINK, orelha da obra, *Canto aos homens de boa vontade*, 2018).

É interessante notar que os críticos, sendo professores e escritores, ou seja, conhecedores da linguagem poética, ressaltam a maestria da composição de Matos, que encontrou um meio de comunicar-se com o leitor sobre as angústia e preocupações que cercam o homem que vive num mundo globalizado, mas como um sujeito engajado e que vem obtendo o reconhecimento.

Espero, nesse sentido, que nesta joia especial da poesia brasileira contemporânea, seus leitores – e os novos - venham a reconhecer a linguagem dos poetas maiores, a exemplo do bom e velho Goethe. E que esse livro consiga inspirá-los (ou lhes surpreender, mas acima de tudo, que desperte seus espíritos), como a melhor poesia produzida no Brasil (WINK, orelha da obra *Canto aos homens de boa vontade*, 2018).

A comparação de Narlan Matos com escritor alemão Johann Wolfgang Goethe⁵² (1749-1832), feita pelo professor Wink (2018), demonstra a singularidade das obras de Matos, fala essa que foi amplamente divulgada na Europa, dando ao autor o destaque merecido por seu trabalho no exterior.

Na contracapa do livro *Canto aos homens de boa vontade*, lê-se um trecho de uma matéria publicada no jornal *Wasgehtheuteab*, de Berlim, Alemanha, como o

⁵² Johann W. Goethe, filósofo, cientista e escritor alemão. Fez parte, junto com Schiller, Wieland e Herder, do "Classicismo de Weimar" (1786-1805), período do apogeu literário na Alemanha.

seguinte destaque:

A poesia de Narlan Matos queima como o vento no deserto do Saara, e ao mesmo tempo acalma, como as ondas nas praias da Inglaterra. A paisagem que é mostrada aos olhos do leitor pelo escritor brasileiro-americano é uma que se sente em casa em qualquer parte do mundo e é construída de contradições e de uma crença cega na palavra escrita e falada. Ele é considerado um dos mais importantes autores emergentes da América Latina (*WASGEHTHEUTEAB*, contracapa da obra *Canto aos homens de boa vontade*, 2018).

O reconhecimento da crítica pode ser compreendido pelo leitor como a oportunidade de apreciar a obra de um escritor angustiado com as ações do homem, com o qual convive, significa que “a linguagem é o homem, e é algo mais. [...] Mas o poeta não se pergunta como é feita a linguagem e se esse dinamismo é seu ou é apenas um reflexo” (PAZ, 1982, p. 63).

Em 2019, Matos entrega ao mercado literário seu novo livro *Eu e tu, caminheiros dessa vida* e, assim como ocorreu com as obras anteriores, a fortuna crítica, nessa obra, foi com escritores renomados da literatura mundial, como o poeta esloveno *Tomaž Šalamun*⁵³ considerado um dos poetas mais proeminentes da Europa em sua geração e líder da vanguarda da Europa Oriental, o qual escreveu, na contracapa do livro: “Narlan Matos é um grande poeta, como *Maiakóvsky*⁵⁴.”

Ainda na contracapa, observamos o comentário do crítico e ensaísta *André Seffrin*⁵⁵, que fez um relato após a leitura da obra,

Li seu livro num só golpe hoje á tarde. Você escreveu um livro autoral, um belo conto de amor, não só de amor por uma mulher, mas também de amor à vida e seus bifurcados caminhos e paisagens. Um poema solto, aberto e intenso na linha de um certo Neruda ou de um certo Vinícius. Uma beleza de poema seriado (SEFFRIN, 2019, c/capa).

E, na orelha interna do livro *Eu e tu, caminheiros dessa vida*, lemos mais, o depoimento de um dos maiores poetas da Romênia *Andrej Codrescu*⁵⁶, e também comentarista da Rádio Pública Nacional dos EUA, que destacou:

⁵³ Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/tomaz-salamun>. Acesso em: 10 dez. 2019.

⁵⁴ Disponível em: <http://www.culturapara.art.br/opoema/maiakovski/maiakovski.htm>. Acesso em: 10 dez. 2019.

⁵⁵ Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/aseffrin.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.allmusic.com/artist/andrei-codrescu-mn0000040346/biography>. Acesso em: 10 dez. 2019.

De tempos em tempo, na América Latina, a alma de um poeta que ama a vida, as flores, a beleza e os seres é incorporada. De lá vieram Pablo Neruda e Narlan Matos. Seus poemas elevam você da melancolia à alegria, da amargura ao êxtase. Os versos de Narlan Matos fluem organicamente como uma primavera reluzente em um campo ensolarado (CODRESCU, 2019, orelha interna).

Para compreender a relação social com a poesia, ou seja, deixar de ser individual para se tornar universal, recorremos a Adorno (1975) que aborda essa questão, ao citar como a forma estética se revela, dizendo-nos que:

Isto é de se esperar, porém, constitui conclusão da mais simples reflexão, pois o conteúdo de uma poesia não é somente a expressão de motivações e experiências individuais. Estas porém se tornam artísticas apenas quando, precisamente em virtude da especificação de sua forma estética, adquirem participação no universal [...] Esta universalidade do conteúdo lírico, entretanto, é essencialmente social (ADORNO, 1975, p.201-202).

O olhar sensível do poeta para o(s) outro(s) revela a face humana, mostra-nos a existência de um ser capaz de causar guerras, mas, também, com habilidades para escrever um tratado de paz, ou ainda, um ser apto para escrever poemas que causam reflexões e acalentam o espírito utilizando-se do poder da linguagem, para perpetuar-se na relação com o outro, esse é o destaque da obra de Matos.

2 O FAZER POÉTICO EM NARLAN MATOS

- e por que meu sonho te assusta tanto?
- porque é o sonho que acorda os homens.

(MATOS, 2018, p. 51).

Como se aprende a viver? Vivendo-se! Como se aprende a ser escritor? Escrevendo! Mas, como será que se aprende a ser Poeta? Nesta seção, iremos ler os poemas de Matos, analisar de que forma o poeta escreve ou descreve-se, porque o seu ofício envolve mais do que técnica, envolve criação, emoção. Escrever para tocar o(s) outro(s), tocar uma alma, conhecer o sujeito que mora ao lado, mas principalmente o ser que vive dentro de si, e ainda, conhecer o sujeito-leitor que se reconhece na linguagem descrita, como se os versos fossem escritos para si, ou melhor, como se os versos do outro (poeta) fossem seus (leitor).

Porém, neste ofício, percebe-se que o poeta, que viveu o exílio, é capaz de descrever a memória, os locais que marcaram a sua infância, naquela cidadezinha, que não consta no mapa, mas que ele declarou para si que quando ficasse famoso escrever-lhe-ia em detalhes, em versos, para que todos soubessem de onde ele veio, ou seja, o poeta escreve para não se esquecer e o leitor pensa que ele escreve para se lembrar, doce ilusão.

Escolhemos, para nos ajudar a decifrar o ofício do poeta, o ensaio literário de um dos mais renomados escritores do Século XX, o poeta Jorge Luís Borges (1899-1986)⁵⁷, considerado uma fonte de inspiração para muitos leitores e principalmente para os apaixonados pela escrita.

Borges (2000), na obra *Esse ofício do verso*, apresenta algumas ferramentas sobre o ofício do poeta:

Meu propósito era falar sobre o credo do poeta, mas, olhando para mim, descobri que tenho apenas um tipo claudicante de credo. Esse credo talvez possa ser útil para mim, mas dificilmente é para os outros. Aliás, acho que todas as teorias práticas são meras ferramentas para escrever um poema. Suponho que haja tantos credos, tantas religiões, quantos são os poetas. Embora no final eu diga algo sobre os meus gostos e desgostos no tocante à escrita da poesia, acho que vou começar com algumas memórias pessoais, não só de escritor, mas

⁵⁷ Disponível em: <https://www.mibuenosairesquerido.com/pt/personalidades-argentinas/jorge-luis-borges/>. Acesso em 10 jan. 2020.

também de leitor. Tenho para mim que sou essencialmente um leitor. Como sabem, eu me aventurei na escrita; mas acho que o que li é muito mais importante que o que escrevi. Pois a pessoa lê o que gosta – porém não escreve o que gostaria de escrever, mas sim o que é capaz de escrever (BORGES, 2000, p. 103).

Para se tornar um bom escritor, parece-nos que existem muitas teorias e credos, porém, ser um bom leitor ainda continua sendo a melhor indicação para quem deseja introduzir-se nesse ofício. Entretanto, para fazer-se poeta, o primeiro passo é começar pelas suas memórias. Matos compreende essas orientações, recebidas de escritores que vieram antes dele, pois encontramos em suas obras poemas que retratam o mundo atual, as angústias do Século XXI, mas principalmente, nos deleitamos com as recordações da sua infância, da sua terra natal, o Brasil, e as memórias dos encontros que o poeta tem com o(s) outro(s), o sujeito que encontra pelo caminho, estradas da vida (ou dos versos) e que passa a fazer parte de si.

Concordamos com Borges (2000) que um escritor se faz lendo, primeiro adquirimos uma boa bagagem de leituras, e depois nos sentirmos aptos para escrever sobre os mais diversos assuntos. Parece-nos que para se escrever poesia, experiências são fundamentais – dor e amor – costumam causar um grande *frisson*. Haver feito e desfeito a mala milhares de vezes, sozinhos ou acompanhados, também pode ser considerada uma grande experiência, na escola de vida, em especial para um escritor, e, em último caso, se não fez muitas viagens reais, o bom leitor deve apropriar-se da literatura, como meio de transporte, e fazer a sua viagem (pegar uma carona com Ulisses) na *Odisseia*.

Para fazer-se poeta, Matos entende que o seu trabalho precisa ser publicado, ser conhecido no mercado literário e, conseqüentemente, para ser reconhecido como um escritor. E, essa preocupação, o autor nos apresenta no poema seguinte:

mercadores

não há mercado para a poesia
é o que disseram o editor e o magarefe
e o cidadão ocupado demais para essas coisas
e afirmam nas praças abarrotadas de passantes

não há mercado para a poesia
nas prateleiras e na alma vazia
não há espaço não há demanda
é o que gritam os anúncios em transe

mas haverá alguma poesia no mercado
onde se mercam a carne crua sangrando
o fígado os rins e as tripas a cabeça cortada
onde se vendem a pele e a alma do homem?

não há necessidade de poesia alguma
então a vida nasce e cresce
e se alimenta de uma outra coisa
dos abutres, da carniça nossa de cada dia

todavia, quando o monstro incontrolável
bate à nossa porta – a vida, louca, varrida, sem poesia
suplicamos por um belo luar
por um belo lago azul
por um pássaro angelical
que carregue a dor – e a loucura –
sangrando para longe de nós.
(MATOS, 2018, p. 49).

Assim, Matos transforma as folhas preenchidas de poemas em livro e, ao mesmo tempo, aborda em seus versos, a dificuldade de divulgar o seu trabalho, num mercado editorial, que diz não haver espaço para a poesia, já que o sujeito não lê. Para quem vive da escrita, publicar significa uma preocupação a mais, pois a sua palavra é vida, mas a sua produção precisa encantar o leitor, unir o imagético ao real, apresentar suas características de modo a ser aceita e propagada.

Telênia Hill (1983), na obra *Estudos de teoria e crítica literária*, destaca:

Ao recompor os termos, *Teoria e literária* afigura-se que a tarefa da Teoria literária é trabalhar seu objeto de maneira a que se atinja a fonte do imaginário. O horizonte do literário se delinea pelas características de semelhança e de diferença, que incidem na produção e na fruição, e se põe como a envergadura onde se entendem as peculiaridades da arte da palavra, e na qual correm os caminhos e se constroem os momentos geradores da produção poética (O lírico, o épico, e o dramático) (HILL, 1983, p.23).

A intenção de compreender as idiossincrasias da “arte da palavra” é a missão de muitos teóricos literários, contudo, Hill compreende que “não faz sentido uma reflexão sobre o literário que exclua o homem, porque é nele que se revelam os modos de ser de tudo o que existe” (HILL, 1983, p. 23). Matos compreende a teoria e mais, o seu ofício, como vemos a seguir no poema:

a vida

a vida é este papel em branco
que recebemos ao nascer
das indizíveis mãos do invisível
e sobre o qual derramaremos
o sol cotidiano, tardes, manhãs
escreveremos amizades, ontens
arrebóis, noites solitárias
inventaremos nossas mãos pés
braços e abraços longos
desenharemos setembros
sombras ventos paisagens
lugares campos sonhos dias
aprenderemos – pela pedra –
o perdão o ódio o ócio
o pódium e os muitos mitos
sim, escreveremos nossa história
rascunhos de nós mesmos
sobre o branco silencioso do papel
um após o outro após o outro
até que a morte nos passe a limpo.
(MATOS, 2018, p. 60).

Para Matos, escrever é vida. É graças ao papel em branco que podemos registrar os acontecimentos marcantes da nossa passagem por esse planeta, denominado Terra, usando uma vestimenta, denominada Vida. O poeta, compreende que somos seres de passagem, portanto, faz-se imprescindível aproveitar o dia, apreciar o tempo, o que temos agora, neste momento. Essa é uma necessidade urgente, assim o eu lírico, escreve sobre os amigos e os abraços; o ódio e o perdão; o sol e os ventos, e, enfim sobre a vida e a morte, de forma a registrar todos os momentos pelos quais passam os seres que têm coragem de viver. Pois viver, estar presente, atrelados a dor e ao amor, exige bravura.

Destacamos, ainda, Hill (1983), para complementar as análises do fazer poético:

O que provoca o pensar estético é o próprio mistério de viver, e o homem, que nasce para a morte, dela procura libertar-se, sublimando-se no espiritual. Encarnando as características do sensível, a obra, que só tem sentido porque vem do humano e para ele se destina, está sujeita a mesma peculiaridade de variabilidade-permanência do ser vivo. A evolução não anula a permanência. É graças a invariabilidade da substância individual que os seres têm possibilidade de transmutarem-se (HILL, 1983, p. 24).

Matos apresenta-nos as singularidades do seu ofício, une a estética a vivência,

provoca-nos a reflexão sobre o mistério da vida e sobre o ofício do poeta, como podemos acompanhar no poema seguinte:

Mistério

Não adianta
Pode sentar e esperar
Esse poema só vai aparecer daqui a uma semana
Na melhor das hipóteses.

Entenda lá o que quiser:
Enquanto eu fui apanhar uma caneta, o poema abriu o chão e entrou
E eu fiquei sem saber se tinha visto um poema ou um disco voador.
(MATOS, 1997, p. 61).

Ao lermos esse poema, notamos que o eu lírico brinca sobre o seu ofício ao relatar que não adianta espernear, o poema não dá pistas de quando vai surgir. E, complementa, ele (o poema) surge tão rapidamente, do alto, que acaba por torna-se um mistério para o escritor, não restando-lhe outra coisa senão, ficar feliz com o desfecho da situação; e publicar, é claro, para que possamos aprender com a sua técnica de trabalho.

Sobre o ofício do verso, Borges (2000) explica o arrebatamento das palavras:

Há versos, é claro, que são belos e sem sentido. Porém ainda assim têm um sentido – não para a razão, mas para a imaginação. Permitam-me tomar um exemplo bem simples: *two red roses across the moon* (Duas rosa vermelhas atravessadas na lua). Aqui talvez se diga que o significado é a imagem conferida pelas palavras; mas para mim, pelo menos, não há imagem definida. Há um prazer nas palavras e, claro, na cadência das palavras, na música das palavras. E tomemos outro exemplo de William Morris: *Therefore, said fair Yoland of the flowers* (fair Yoland é um bruxa), *This in the tune of Seven Towers* [Portanto, disse a bela Yoland das flores, 'esta é a música das Sete Torres']. Estes versos foram destacados do contexto, e ainda assim acho que subsistem (BORGES, 2000, p. 90).

Matos compreende a importância dos vocábulos, a graça que as palavras produzem, mas preocupa-se, principalmente, com os sentidos que as rimas, os sons e os versos reproduzem no sujeito, e como uma luz se propagam, como uma chama.

a chama

a noite é fria meu amigo
[...]

me conta tua vida me diz teu indizível
compartilhemos nossas cicatrizes e alegrias

[...]

amigo a noite é fria e escura

[...]

e pra te dizer a verdade não me acho bom
mas amo as estrelas as ondas do mar
e converso com a brisa leve de abril
compartilho contigo a imensa fraternidade
que carrego no peito desde menino
e quero dividir o brilho do sol amanhã cedo
que meu filho cresça forte e fiel à primavera

amigo a noite avança contra nós
de nada adianta desistir

[...]

(MATOS, 2018, p. 60).

A contradição da chama (luz) em oposição a angústia da noite (escura) é o que vemos neste poema, em que o poeta vai dialogando consigo e com o outro. De repente, e com humildade, o eu lírico, declara a sua verdade (“não me acho bom”) como se fosse uma imperfeição, para na sequência, amparar-se, utilizando a conjunção adversativa “mas”, ou seja, “não me acho bom, mas amo as estrelas...”, assim, sou digno de ser amado por ti (meu amigo) também.

No próximo poema, “ELEGIA AO NOVO MUNDO”, o eu lírico retoma a sua preocupação existencial, a linguagem poética vai retomando a sua grandeza, a forma de comunicar-se com o leitor, novo amigo, e reflete-se na dialética apresentada no poema.

ELEGIA AO NOVO MUNDO

tu me perguntas meu amigo
onde eu estive durante o meu longo silêncio

estive na açucena das canas e na amargura dos canaviais
onde as folhas tremiam de medo dos homens

os canaviais me sussurraram em gritos horrendos
o sangue amargo que lhe adocicou a boca
as mãos ásperas que lhe enxugaram a face
o canavial que morria de fome antes de completar 27 anos de [idade
das vozes sem estrela que embalavam ao longe línguas [estranhas
ó canavial verde, de que cor é meu sangue vermelho?
meu sangue tem medo da morte do açoite da noite
meu sangue tem medo de mim

tu me perguntas meu amigo

onde eu estive durante o meu longo silêncio

eu estive nos navios negreiros mercantes
que mercaram meu destino até a América até agora
beberam minhas lendas como se bebe um barril de rum podre
mercaram cada estrela do céu e do mar infinito
cada pássaro cada pluma de meu cocar
e desenharam mapas com meu sangue
e ergueram totens sobre minha tribo
e atearam fogo nos campos sagrados do meu povo
e suas lanças me repartiram as veias em continentes distantes
diferentes
[...]
tu me perguntas onde eu estive meu amigo
e somente agora posso quebrar meu silêncio:
eu estive comigo
(MATOS, 2012, p. 17-18)

O diálogo existente entre o eu lírico e o outro, “tu me perguntas meu amigo/onde eu estive durante o meu longo silêncio” (MATOS, 2012, p. 17-18), é permeado pelo olhar sensível do poeta, a sua escolha lírica possibilita a expansão do olhar, podendo levar o leitor a acompanhá-lo em sua viagem ao novo mundo.

Para compreender esse diálogo, pesquisamos o termo Dialético, de acordo com o Dicionário de Filosofia, verificamos que ele refere-se, em muitos casos, com o significado *helegiano*.

Na filosofia moderna e contemporânea a palavra Dialética tem, na maioria das vezes, o significado *helegiano*. Por um lado, esse significado é conservado pelas numerosas ramificações do Idealismo romântico e por outro é adotado por pontos de vista diferentes, mas que utilizam a noção em que este se baseia [...] a distinção entre a Dialética do "pensado", do objeto do pensamento, e a Dialética do "ato pensante" da consciência ou do Espírito absoluto" (ABBAGNANO, 1998, p. 284).

A linguagem utilizada pelo eu lírico possibilita-nos considerar como o poeta, na busca da palavra ideal para a sua composição poética, desenvolve o seu ofício, dando nome aos objetos que fazem parte da sua existência. Ele tinha-os dentro de si, a poesia apenas os materializou, o seu pensamento.

Cruz (2012) compreende a busca da essência do fazer-se poeta,

[...] Através das palavras, o poeta projeta no plano verbal um universo poético capaz de nomear o mundo. Ao se apoiar nos aspectos lúdicos, rítmicos e imaginários da linguagem, ele concretiza a operação poética: manifestação dos sentimentos humanos e diálogo operante

do eu em relação ao outro, às coisas e ao mundo circundante (CRUZ, 2012, p. 185).

O poema “ELEGIA AO NOVO MUNDO” representa para o eu lírico a projeção do diálogo interno, que traz consigo, onusto de dores, silêncios e medos, sentimentos que caracterizam a sua perspectiva sobre o novo mundo que o cerca, assim, para que o(s) outro(s), o novo amigo, conheça as dificuldades do seu ofício, e perdoe as suas ausências, o poeta justifica-se: “onde eu estive durante o meu longo silêncio/estive na açucena das canas e na amargura dos canaviais/onde as folhas tremiam de medo dos homens” (MATOS, 2012, p. 17-18). A linguagem escolhida pelo eu lírico, possibilita-nos perceber a existência de um desejo, ao leitor, independentemente do tempo de ausência, espere-o, ele voltará com novos versos.

O poema, composto de dez estrofes, das quais selecionamos três, permite-nos compreender a existência de uma viagem *helegiana* para a descoberta de um mundo novo, nós, enquanto leitores, acompanhamos a narrativa, como se fosse um deslocar-se externo, composta de mercadores, navios negreiros e sangue, descritos por Matos, e possibilita-nos recordar as barbáries humanas, às quais o homem comete ou é acometido.

Assim, quando o homem reflete sobre o modo em que as barbáries são construídas “e desenharam mapas com meu sangue”, resta-lhe somente declarar, publicamente, que sente medo e por isso prossegue o seu deslocamento calado. E, mesmo quando as palavras não são suficientes para expressar a essência humana, o poeta sente a necessidade de retomar o seu ofício, mantendo o diálogo: “e tu me perguntas onde eu estive meu amigo/e somente agora posso quebrar meu silêncio:/eu estive comigo” (MATOS, 2012, p. 17-18).

Em “Iluminuras Populares”, encontramos uma analogia com o poema anterior, ou seja, o eu lírico, persiste a sua caminhada por mundos desconhecidos. Nessa trajetória, de autoconhecimento, podemos apreender, que se antes, o poeta estava em silêncio, agora o ele apresenta o seu maior medo – o reflexo!

Iluminuras Populares

Essa sombra que me persegue – sou eu
Quanto mais claro e mais brilhante é o dia
Maior e mais nítida é sua face de breu
Tenho medo de tudo que é espelho
(MATOS, 2001, p. 20).

A poesia de Matos é densa, provocante, as imagens escolhidas para compor esse poema que acabamos de ler, conduzem-nos ao cerne da angústia do fazer-se poeta: “Essa sombra que me persegue – sou eu” e, por isso: “Tenho medo de tudo que é espelho” (MATOS, 2001, p. 20). Paz (1982) avista essa experiência, ele comenta, “[...] O homem é um ser que se assombra: ao se assombrar, poetiza, ama, diviniza.

No próximo poema, “QUADRINHOS POÉTICOS”, percebemos uma metáfora com as histórias em quadrinhos⁵⁸, um gênero da literatura que se tornou famoso ao retratar a vida de super-heróis, da arte sequencial para uma linguagem cinematográfica, obtendo projeção internacional e habitando o imaginário de leitores. Neste poema, o eu lírico apresenta-nos uma certa inquietude sobre quantas vidas um poeta necessitaria ter para alcançar a notoriedade.

QUADRINHOS POÉTICOS

Para ser poeta é preciso morrer muitas vezes
É preciso viver muitas vezes para ser poeta
Inclusive acreditar em Papai Noel, Batman
Ultraman, Aquaman etc etc etc etc etc etc

Poeta é quem passa a vida inteira tentando
Entrar para as estorinhas em quadrinhos
(MATOS, 2001, p. 56).

A linguagem que Matos utiliza destaca-se por transformar heróis em etc, mostrando-nos que são apenas números que o mercado editorial busca, assim o ofício do poeta é para poucos, pois “Para ser poeta é preciso morrer muitas vezes (MATOS, 2001, p. 56).

Esta seção iniciou-se com os “credos” de Borges (2000), desta forma, parece-nos aprazível, encerrá-la citando-o novamente:

Quando estou escrevendo algo, tento não compreendê-lo. Não acho que a inteligência tenha muito a ver com o trabalho de um escritor. Acho que um dos pecados da literatura moderna é ser muito autoconsciente. Por exemplo, tomo a literatura francesa como uma das grandes literaturas mundiais (não suponho que alguém ponha isso em dúvida). Porém acabei sentindo que os autores franceses são

⁵⁸ Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/historia-historia-quadrinhos.htm>. Acessado em: 10 jan. 2020.

muito autoconscientes. Um escritor francês começa definindo a si mesmo antes de saber direito o que irá escrever [...]. Quando escrevo (claro, talvez eu não seja um exemplo idôneo, mas simplesmente uma terrível advertência), tento esquecer minhas circunstâncias pessoais. [...] Tento somente transmitir o sonho (BORGES, 2000, p. 123-124).

As reflexões apresentadas por Borges (2000) são oportunas e nos ajudam a compreender o trajeto para fazer-se escritor. Matos, com sensibilidade e sabedoria, evidencia-nos que encontrou o seu caminho, seus poemas vêm circulando em diversas partes do mundo, sendo recitadas em línguas que não temos intimidade, mas que estão bem acompanhadas, do leitor, pois de acordo com Borges (2000, p. 124), “a escrita é uma espécie de colaboração. Ou seja, o leitor faz sua parte do trabalho; enriquece o livro”.

Para compreender como a alegoria do caminhante está imbricada com a trajetória da vida e do ofício do poeta, Matos escreve:

Não me procure

Não me procure em terras do sem fim
Nem nas páginas das gramáticas
Lá ninguém dará notícias de mim.

Eu sigo o rastro das estrelas,
A rota do infinito

Eu não sou o poeta encantado
O bumba-meu-boi enluarado
E meus ídolos moram à Rua dos Humildes s/n.

Não me procure na primeira fila
No programa de calouros
Na porta do castelo pregando contra EL-Rei.

Onde houver amizade
Onde houver vida
Lá estarei

Eu vou em busca de além
Eu vou em busca de alguém

Não me procure na sala 209
No escritório de Equivocacia do 10º andar

Mesmo porque não há nenhum lugar onde você possa me encontrar

Meu endereço é Avenida Existência
E meu ofício é caminhar.
(MATOS, 1997, p. 83).

Matos consente a importância de ser reconhecido, mas adverte: “Não me procure em terras do sem fim/ Nem nas páginas das gramáticas/ Lá ninguém dará notícias de mim” será mais fácil encontrá-lo “Onde houver amizade/ Onde houver vida/ Lá estarei” (MATOS, 1997, p. 83). Desta forma, podemos compreender que o eu lírico, prefere a proximidade dos amigos do que a de pessoas, ocupadas demais, que trabalham no alto de um edifício, sem tempo para apreciar o caminhar do(s) outro(s) e confia-nos qual é o seu trabalho: “meu ofício é caminhar” (MATOS, 1997, p. 83), assim, cabe a nós, seus leitores, segui-lo.

3 A ALTERIDADE E DIÁLOGOS INTERCULTURAIS

*Caminha, caminheiro
sobre a manhãzinha
sobre a linha do horizonte
e rompe entre tu e o outro ser
a linha de fronteira
só te terás quando já não te fores mais
(MATOS, 2019, p. 54).*

A caminhada poética de Matos leva-nos a explorar fronteiras, que possam ser atravessadas, para ir ao encontro do outro. Segundo o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (1998), Alteridade é “ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”. Desse modo, “é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença” (ABBAGNANO, 1998, p. 34). E é sobre esses diálogos fronteiriços que iremos tratar nesta seção.

Reconhecer as vozes literárias que compõem a linguagem poética de Matos, destacar o Estrangeiro, ora caracterizado pelo autor e ora pelo eu lírico, em forma de versos, são os objetivos destas análises. Considerar as memórias afetivas que o poeta carrega consigo de sua nação, a qual ama, ressalta e divulga e, o formato na qual são apresentadas, por meio da poesia, de modo a serem lidas, e que possam, se possível, deixar marcas na memória do(s) outro(s), que encontrar pelo caminho e tiver a oportunidade de conhecer a obra de Matos.

Para nos amparar na busca de compreender o sujeito imigrante, escolhemos Bhabha (2001) que cita, no início do capítulo do livro *O Local da Cultura*, que a escolha do título: *DissemiNação* ocorreu em razão da sua própria experiência de migração.

Vivi aquele momento de dispersão de povos que, em outros tempos e em outros lugares, nas nações de outros, transforma-se num tempo de reunião. Reuniões de exilados, *émigrés* e refugiados, reunindo-se às margens de culturas “estrangeiras”, reunindo-se nas fronteiras; reuniões nos guetos ou cafés de centros de cidade; reunião na meia-vida, meia-luz de línguas estrangeiras, ou na estranha fluência da língua do outro; reunindo os signos de aprovação e aceitação, títulos, discursos, disciplinas; reunindo as memórias do subdesenvolvimento, de outros mundos vividos retroativamente; reunindo o passado num ritual de revivência; reunindo o presente (BHABHA, 2001, p. 198).

Matos, talvez por ter também a vivência do imigrante, apresenta-nos, em seus versos, histórias de um tempo vivido em outras nações, que faz questão de contar em

saraus literários à meia-luz, pois uma sala, com pouca luminosidade, assegura aos espectadores a imagem de um ambiente aconchegante, propício para se ouvir boas músicas e recitações poéticas, como poderia ocorrer ouvindo-se o poema que segue:

a chama

a noite é fria meu amigo
os mapas morreram amputaram o silêncio
senta aqui ao meu lado ouve o que te digo
me conta tua vida me diz teu indizível
compartilhemos nossas cicatrizes e alegrias
juntos construamos uma quimera um abrigo
(MATOS, 2018, p. 21).

Desta maneira, quando Matos declama seus poemas num local estrangeiro, compreende-se que as vozes literárias, independentemente da língua falada do país no qual intenta chegar, soam como uma nova *RessigNação* (ressignificando Bhabha) e são capazes de transportar os espectadores no tempo, convida-os a sentar-se e, ao fazer confidências, leva-os do local aonde estão, para qualquer país que a sua narrativa poética alcance, mas especialmente para os primórdios da sua infância e de sua terra natal (Brasil).

A necessidade de realizar confidências, expor a situação, na qual o eu lírico se encontra como imigrante, nos leva ao próximo poema, observemos:

cartas

é escassa a vida que tenho agora
nas mãos
meio poente
meio Ocidente
em algum lugar da América
todavia mesmo assim
escassa
compartilho-a contigo
que acreditais na vida
como quem avista um amigo
(MATOS, 2018, p. 62).

O poema “cartas” permite-nos acompanhar as viagens do autor e o seu desejo de registrar o lugar em que se encontra ou os países que intenta chegar – e deixar suas pegadas pelo mundo. Matos, assim como um estrangeiro, vive longe do seu país, por isso, busca criar uma linguagem que possa ser mensageira, utilizada como um

meio de comunicação, e possa levar notícias de seu percurso pelo mundo aos familiares e amigos.

A carta tem o intuito de registrar os lugares, pelos quais o estrangeiro passa, relatar os sentimentos que permeiam as descobertas do novo mundo escolhido para fixar morada e, se possível (porque nem sempre o estrangeiro tem documentos legais para dar uma localização), enviar um endereço para a família, que possibilite então, receber a resposta da carta enviada com as notícias saudosas daqueles que já não pode visualizar diariamente, em razão da distância que o circunda.

Matos permite-nos resgatar no poema “cartas” lembranças do tempo em que a correspondência escrita era feita em uma folha de papel, e era expedida via uma empresa de Correios⁵⁹ para todos os cantos mundo, com a finalidade de diminuir a saudade da terra natal e da família. Esse era o único meio utilizado para se comunicar com os amigos, que talvez vivessem no Ocidente, no Oriente ou em algum lugar da América, como o eu lírico relata em seu poema.

Entretanto, é possível observar no poema, uma certa melancolia, comum ao estrangeiro, em que o eu lírico reflete sobre o momento histórico no qual se encontra e constata: “é escassa a vida que tenho agora”, porém, mesmo na escassez que o cerca, percebe-se a existência de uma fagulha de esperança, necessária para se prosseguir vivendo, pois, justamente em momentos de carência que necessitamos de um apoio afetivo para prosseguir em frente. O eu lírico, ciente dessa necessidade declara a sua esperança na vida, “compartilho-a contigo/que [também] acreditais na vida”.

Paz (1982, p. 28) enfatiza que “o poema é algo que está além da linguagem”. Matos compreende a importância do seu ofício, ser artesão, esculpir versos, numa linguagem que consiga representar as imagens da infância, armazenadas em sua memória, de forma a transformá-las em novos poemas, permeadas de histórias, capazes de exaltar a cidade da sua ancestralidade, a pequena Itaquara (BA). Para Ecléa Bosi (1994, p. 55), memória não é sonho, é trabalho, pois “lembrar não é reviver,

⁵⁹ De acordo com o historiador Manoel Afonso de Melo, foi a Guerra Fria, um conflito político entre os Estados Unidos e a União Soviética, que mudou tudo. “Essa corrida espacial gerou a ideia do satélite unindo continentes. Então, a sequela dessa guerra foi muito interessante, foi a possibilidade de uma linguagem, uma comunicação muito mais rápida, revolucionariamente rápida entre, não somente pessoas, mas entre países”, [...] Então, hoje o cidadão comum tem a capacidade on-line de receber a notícia, perceber a notícia e ao mostrar a notícia, interferir no que ele mostra”, diz o historiador (GLOBO Nordeste, 2012. s.p.) Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globonordeste/noticia/2012/04/serie-da-globo-ne-lembra-transicao-da-epoca-das-cartas-para-internet.html>. Acesso em: 10 ago. 2019.

mas reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

Considera-se que uma pessoa é capaz de recordar detalhes ínfimos, lugares e pessoas, flores e odores, e, uma vez registrados na memória, deseja que essas imagens e sensações sentidas, se perpetuem. Assim reflete-se a emoção de Matos: apaixonado pela terra que acolheu a sua família originária no Brasil, a qual ele não se cansa de homenagear em seus versos.

O artigo de Janet M. Paterson, *O sujeito em movimento: pós-moderno, migrante e transnacional*, analisa a existência complexa da construção identitária na literatura contemporânea, e as profundas transformações as quais o sujeito está destinado a ultrapassar. Nessa travessia, o sujeito cria-se, reconstrói-se, desconstrói-se, de acordo com necessidades as quais ele se traveste, ora como exilado, ora mítico e, ora ainda, como autobiográfico, vivendo diversas metamorfoses até que essas possibilitem, finalmente, transformar-se, de lagarta para borboleta – de estrangeiro para cidadão – permitindo-o sentir-se integrado ao novo local escolhido para viver, compreendendo as mudanças socioculturais, para que possa alcançar novos voos, e conduza o sujeito ao encontro de si mesmo e do(s) outro(s) com sucesso (PATERSON, 2015, p. 179).

A inquietude do ser leva o leitor a buscar uma leitura que propicie encontrar-se. Paz (1982, p. 28) acomoda a nossa inquietação, de um encontro interno, já que “cada leitor procura algo no poema. E não é insólito que o encontre [porque]: já o trazia dentro de si”. Matos também anseia por esse encontro interno, assim, narra suas viagens pelo mundo e seus encontros com pessoas de diversas etnias com a intenção de deixar os sinais das pegadas por onde andou. O autor faz isso para que o leitor consiga se localizar e se encontrar nas vozes literárias que compõem a linguagem poética de Matos de tal modo que, ao ser lida e reconhecida, a sua poesia abra novas portas, e permita uma identificação com o poeta. Nesse percurso, em busca de si e do reconhecimento, Matos prossegue a sua caminhada de escritor com passos firmes, mas delicados, conquistando, gradativamente, novos leitores pelo mundo.

Para demonstrar como ocorre o encontro do eu lírico com o(s) outro(s), Matos apresenta o diálogo com uma cigana espanhola (ou seria consigo?), vejamos o poema que segue:

conversa com uma cigana andaluz⁶⁰

- dize-me, quem és tu?
- eu sou o sol que faz a sombra
eu leio coisas e seus debuxos
eu estou cheia do que o verão
breve há deixado nas oliveiras
sou uma casa solitária à beira
de uma estrada branca e deserta

- e o que são teus olhos?
- meus olhos são dois faróis negros
cheios de nostalgia e ondas verdes
às vezes tácitos às vezes ausentes
mirando a viagem e o caminho
por onde passam longas caravanas
tenho olhos porque não gostaria
de ver ninguém nem a nada
[...]
- dize-me de tua alma, zíngara,
onde está tua alma agora?
[...]
estou por toda parte e em lugar nenhum
eu pertença ao nenhum lugar
sou sempre estrangeira até de mim mesma
[...]
- e tua pele, o que quer tua pele?
- água salitrosa de mar ou doce de rio
carícias da brisa ibérica de outubro
[...]
- eu, quem sou eu?
- tu és o que me tem e não me pode ter
teu maior tesouro é minha ausência inclemente
tu és o meu poeta e teu sentido é feito de loucura
em teu colo me deito ornada de amor e sonhos
estamos unidos por tudo que nos separa
e quando eu apagar as estrelas andaluzes para nós dois
nunca mais se acenderão de novo.
(MATOS, 2017, p. 36-38)

Matos inicia os primeiros versos com a pergunta que uma pessoa costuma fazer para outra quando deseja conhecê-la melhor: “dize-me, quem és tu?”. O poema prossegue em formato de diálogo e apresenta novos questionamentos. Porém, as respostas podem levar à inferência que, provavelmente, é o próprio eu lírico que apresenta-nos os seus sentimentos: “sou uma casa solitária” responde ele. Assim, no segundo verso, podemos iniciar a construção de um novo diálogo, no qual o eu lírico

⁶⁰ Reconhecemos que o encontro, com uma cigana, nos remete as tradições ibéricas. Porém, o título ressalta que ela é uma cigana “andaluz”, ou seja, possivelmente, um ser que “anda na luz”, e não pertencente há um lugar específico, como por exemplo, Andaluzia na Espanha.

relata que é ele que está em movimento, segue em frente, “mirando a viagem e o caminho” indo “em busca de luares e solidão”.

Inicialmente, em uma primeira leitura, podemos ter a impressão de que o eu lírico está interessado em conhecer uma nova pessoa que encontrou pelo caminho em suas andanças pelo mundo, nesse caso, uma cigana espanhola. Porém, em uma nova leitura, localizamos novas imagens proporcionadas por esse encontro, as quais nos permitem perceber que é o eu lírico que traz (faz) momentos de reflexão, de si e também do caminho que está percorrendo, no qual constata ser ele “uma casa solitária” e, vazio, prossegue a sua viagem pessoal.

A mais famosa definição de Pascal sobre o Homem relata que ele “nada mais é que um junco, o mais frágil da natureza, mas é um junco pensante” (PENSÉES, 347 *apud* ABBAGNANO, 1998, p. 525). Conhecer-se leva o eu lírico a expor-se, ele tem consciência da sua fragilidade, entretanto, no caminho, percebe que é preciso se descobrir, aproveitar a jornada, para então prosseguir a viagem, sabendo que a solidão possibilita-nos ir ao encontro de si e também do(s) outro(s), o estrangeiro que habita dentro de cada sujeito, o qual o poeta deseja resgatar e, se possível, levá-lo de volta para casa.

A conversa com a cigana pode ser reconhecida como uma construção identitária, conforme o surgimento de novas imagens são constituídas pelo caminho. Deixar a terra natal, conhecer outros mares, portos e novos olhares propicia-nos o conhecimento. Para fundamentar essas reflexões, pode-se recorrer ao pensamento de Bhabba (2013, p. 88), que afirma que “o sujeito não pode ser apreendido sem a ausência ou a invisibilidade que o constitui”. A necessidade de imigrar, em busca de melhores condições de vida ou em razão de conflitos socioeconômicos são alguns dos motivos que levam o sujeito a deixar o seu país, e esse, quando se encontra na nova terra, a primeira face a qual descobre é a da invisibilidade. O anonimato, caminhar pelas ruas sem ser visto, desperta no sujeito, um novo sentimento que passa a fazer parte de si, a dor. E, quando esse sentimento de tristeza se aloja, o sujeito descobre que para manter-se vivo precisa encontrar outra identidade, que se adapte ao meio social, e assim inicia a busca do sujeito por uma nova construção identitária.

Rua da Soledade

Caminho pela Rua da Soledade
Onde ninguém passa

Se passam, não os vejo.

Sentado
Solitário
Numa estação
Há um coração
À espera de um trem
À espera do que não sabe
Mas que nunca vem.

Na multidão de pernas
Duas vão apenas.
Na rua deserta ouvem-se passos
- Calma, não é ninguém.
Mesmo que eu existisse de se pegar, ninguém me diria como vai.
[...]
Naquela rua passam o tempo, o minuíano, as estações,
O mundo inteiro passa.
Só eu não passo de mim,
Desse vento frio que me corta o coração.
(MATOS, 1997, p. 73-74).

O poema que acabamos de ler traz, no título, indicações sobre o tema que será abordado: solidão, isolamento, sentimentos esses que circundam a vida do estrangeiro. Em meio à multidão, percebe-se o isolamento: “Na multidão de pernas/Duas vão apenas” (MATOS, 1997, p. 73) e, com o tempo, o imigrante compreende que está só, num lugar repleto de pessoas, que estão sempre apressadas e, assim, passam pela vida, seguindo o ciclo das estações, do tempo.

Sobre a figura do imigrante, do exilado, Julia Kristeva, em *Estrangeiros para nós mesmos*, apresenta-nos algumas reflexões para elucidar, se for possível, o motivo, pelo qual a figura do imigrante costuma ser inferiorizada, girando em torno de uma invisibilidade e de uma crise identitária. Para Kristeva (1994, p. 14), esse processo de desvalorização não mais se refere a “acolhida do estrangeiro no interior de um sistema que o anula, mas da coabitação desses estrangeiros que todos nós reconhecemos ser”. Ela prossegue a sua lógica sobre a sombra que habita dentro do ser ao refletir que não é apenas quem deixa o seu país, que é estrangeiro, mas que coabitamos com um lado obscuro, duvidoso, o qual consideramos “o lado sombrio do eu, recalcado e estranho”, algo que está dentro de mim, mas “não pertence a mim” e então questiona se o “eu” existe? (Kristeva, 1994, p.16).

O próximo poema, “Tempo”, possibilita-nos refletir, junto com o eu lírico, sobre as mudanças que o ser realiza ao longo do tempo, e como ele se reconhece nelas.

Tempo

[...]

Este, este não é meu coração,

Esta,

Esse aí não sou eu,

Eu?

Eu me perdi de mim.

[...]

(MATOS, 1997, p. 49).

A constatação do eu lírico de que perdeu-se possibilita-nos observar como uma pausa, momento de crise identitária, motivada pelo tempo.

Essa reflexão angustiante que cerca o pensamento individual pode ser vista como um período de transformação do ser em busca de conhecer-se, encontrar-se com a sua alma. Recorremos, então, ao Dicionário de Filosofia para observar como Platão referia-se sobre esse tipo de atividade do intelecto: o pensamento.

Neste significado Platão emprega, às vezes, a palavra *vcvnaiç*, como quando designa com ela todo o conhecimento intelectual, que encerra tanto o Pensamento discursivo (*ótávoia*) quanto o intelecto intuitivo (*voũç*) (Rep., VII, 534 a), e outras vezes se utiliza da palavra *Siávoioc*, quando define o Pensamento em geral como o diálogo da alma consigo mesma. "Quando a alma pensa" — diz ele — "não faz outra coisa senão discutir consigo mesma por meio de perguntas e respostas, afirmações e negações; e quando, mais cedo ou mais tarde, ou então de repente, decide-se, assevera e não duvida mais, dizemos que ela chegou a uma opinião" (TEET., 190 e, 191 a; cf. SOF., 264 *apud* ABBAGNANO, 1998, p. 762).

A Filosofia ajuda-nos a compreender esse diálogo interno, que Matos transcreve poeticamente quando se questiona: "Esse aí não sou eu/ Eu?/ Eu me perdi de mim" (MATOS, 1997, p. 49) e permite-nos indagar a nossa alma, com questionamentos que possibilitem-nos encontrar uma linguagem que possa ser articulada, e então estamos prontos para expressar uma opinião (externo) do que estava enclausurado em nosso pensamento (interno).

Retomamos ainda a nossa "conversa com uma cigana andaluz", pois o poeta deixou-nos repletos de indagações, que se intensificam, afinal: é um diálogo pessoal com a cigana?; ou seria com a sua alma?; ou é com o leitor (conosco)? Por isso essas análises são importantes e, se complementam. A pergunta, na quinta estrofe do poema, é muito forte, reflete uma das maiores angústias do pensamento humano, o eu lírico pergunta: "- dize-me de tua alma, *zíngara* [...] onde está tua alma agora?". Esse verso possibilita uma releitura, carregada de vários olhares, filosóficos ou

críticos, porém, nos parece que seja inegável observar que esse questionamento povoa a existência humana. E, se o sujeito, ansiava por uma resposta compreensiva, que acalentasse o espírito, não se pode dizer que esse foi o sentimento encontrado pela voz do poeta: “estou por toda parte e em lugar nenhum [...] eu pertencço ao nenhum lugar [...] sou sempre estrangeira até de mim mesma”.

A angústia motivada pelo processo de busca identitária (subjativa), conhecer-se para encontrar-se, escondida nos recônditos de nossa identidade, toma corpo e se apresenta como a “estrangeira” que vive em “mim mesma”. Kristeva (1994) apresenta uma definição que nos parece ser capaz de complementar o diálogo mantido entre o eu lírico e o outro – o estrangeiro que vive dentro de si.

Estrangeiro: raiva estrangulada no fundo de minha garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Símbolo do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo em si mesmo (KRISTEVA, 1994, p. 09).

Conceituar o estrangeiro nos possibilita localizar a figura do ser sob o olhar da alteridade: o Eu ser o Outro(s), pois quando o reconhecemos, o aceitamos.

Arieche Kitiane Silva Lima (2012), em seu artigo *Migração e Subjetividade: uma revisão de literatura sobre o processo imigratório e suas implicações psicossociais*, apresenta-nos alguns conceitos que envolve o estudo da migração e as visões científicas a respeito desse tema, dos quais destacaremos dois autores, escolhidos por Lima (2012), que dialogam com as nossas reflexões, como por exemplo: Roca (2010, p. 21) que colabora informando que “os próprios conceitos de emigrante e imigrante serão em breve obsoletos, seremos mais bem migrantes, com identidades culturais fluidas, mistas e múltiplas de acordo com os diversos contextos em que vivem, antes e depois da partida”⁶¹, ou seja, a identidade imigratória está se transformando de acordo com as identidades do meio social ao qual o imigrantes se insere. Enquanto que, DeBiaggi e Paiva (2004) entendem que a migração se associa

⁶¹ “Los propios conceptos de emigrante e inmigrante serán pronto obsoletos, seremos más bien trasmigrantes, com identidades culturales fluidas, mixtas y múltiples de acuerdo com los diversos contextos en los que viven, antes y después de la partida” Roca, 2010, p. 21.

à exposição a uma série de culturas, valores, religiões e estilos de vida, e resulta no questionamento das próprias normas e valores do indivíduo.

Exposto a novas culturas, Matos, em “Certidão de Nascimento” apresenta-nos o seu olhar para o estrangeiro, questiona as regras sociais do novo local no qual está tentando inserir-se, independente dos contextos sociais anteriormente conhecidos.

Certidão de Nascimento

Eu não nasci nessa cidade
Essas ruas com cara de nota de dez
Esses pontos de ônibus
Esses jornais e essas repartições públicas
Não me dizem nada
Dizem apenas que não sou dessa cidade.

Os tribunais das esquinas abrem às nove em ponto
O mundo será guilhotinado.

Esses gases pesados
Essas pessoas caminhando apressadas de olhos vesgos
Essa vida improvisada
E esses autos escandalosos
Não querem me dizer nada.

Eu não nasci nessa cidade.
(MATOS, 1997, p. 59).

Matos, nessa poesia, apresenta-nos uma linguagem transparente, de modo a explicitar a dificuldade do imigrante de se encaixar no novo lugar, no qual o sujeito sente-se ignorado, pois “Não me dizem nada”, assim, ele aproveita para se justificar, respondendo que, realmente não compreende como tudo ali funciona, afinal “Eu não nasci nessa cidade” (MATOS, 1997, p. 59).

Lorena Penalva (2017), em seu artigo sobre *A figura do imigrante na literatura brasileira contemporânea*, apresenta-nos suas considerações, sobre as formas identitárias na contemporaneidade.

É necessário, portanto, posicionar-se diante de duas questões: reconhecer a existência de um sujeito composto por múltiplas identidades, entre as quais a fornecida pela existência em lugar próprio, pensando nas consequências de sua perda; e, em outra direção, questionar a existência desse ser e desse lugar, analisando os desdobramentos de um deslocamento/exílio fundamental dado pelo discurso. A primeira reflexão sugere a existência de uma nação, de um grupo de pertencimento; a segunda, defende uma negatividade, que observa no corpo ou na linguagem as marcas de uma ruptura

intransponível (PENALVA, 2017, p. 372).

A partir das reflexões de Kristeva (1994) e Penalva (2017), ao revisitarmos os versos de Matos, constatamos que a sua linguagem poética se distingue, e pode levar o leitor a identificar-se com o(s) outro(s), despertar emoções e lembranças de lugares e momentos especiais; além do resgate de memórias positivas e negativas. Por meio da leitura dos versos do poeta, reconhecemos uma linguagem sensível e acessível ao estrangeiro, dando-lhe a oportunidade de conhecer um novo caminho, que talvez possa conduzir o leitor ao encontro de si, levando-o a reconhecer-se em meio à multidão que o cerca, como um ser único; admitindo o poder da literatura em desvelar o ser.

Para finalizar essa seção, apresentamos o poema “66”, que nos remete a metáfora de que o imigrante, ao inserir-se na cultura local, passa a explorar as mesmas rotas dos que vieram antes dele, em especial nos EUA, segunda pátria de Matos.

66⁶²

tudo agora
depende apenas
dos pêssegos,
da quimera,
da primavera
que nos convida,
das formigas
nas orquídeas
e de mim
e de ti
(MATOS, 2019, p. 80).

Para prosseguimos, a nossa escrita, seguindo os caminhos poéticos de Matos, recomendamos a leitura acompanhada da música *Get your kicks on Route 66!* cantada pelo memorável *Nat King Cole*⁶³ (1919-1965), que ajudou a immortalizar a Rota 66, com um novo olhar, cientes de que “tudo agora/ depende apenas [...] e de mim/ e de ti” (MATOS, 2019, p. 80).

⁶² Rota "66" A Estrada Mãe. Disponível em: <https://www.fhwa.dot.gov/infrastructure/back0303.cfm>. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁶³ Um dos melhores e mais influentes e líderes de pequenos grupos da era do *swing*. Disponível em: <https://som13.com.br/nat-king-cole/biografia>. Acesso em: 10 jan. 2020.

4 IMAGENS POÉTICAS E MEMÓRIA LÍRICA

*Cada estrela é um bilhete
que a manhã escreveu à noite
(MATOS, 2017, p. 71).*

Buscaremos, nesta seção, refletir sobre os (des)encontros da memória poética, carregada de imagens elaboradas. Nada é feito no ímpeto, o poeta escreve o seu ofício com cuidado, pois deseja ser lido, como o bilhete escrito da manhã, pode tornar-se um desejo realizado, quando virar estrela, e então, a poesia passa a iluminar, o nosso caminho. Gaston Bachelard (1978) possibilita-nos refletir que:

A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio (BACHELARD, 1978, p. 183).

Assim, localizar o dinamismo das imagens poéticas memorialistas dos poemas de Matos, escolher, entre tantos, apenas alguns para este trabalho é uma tarefa árdua, pois em cada verso encontramos um pouco de nós⁶⁴, e é difícil nos distanciarmos de algo que amamos. Esperamos que a seleção de poemas escolhidos para essas análises, nos possibilitem a reflexão sobre a temática, desta seção.

Iniciamos observando a imagem que Matos utiliza para apresentar-se ao seu público leitor: “Sou um poeta de Itaquara, atirado no oco do mundo. Começava, aí, minha trajetória internacional, sem nunca ter tido uma nacional” (MATOS, 2012, p. 09). No poema “Prelúdio de um desconhecido Eu: escutando *Chano Pozo*”, do livro *Elegia ao mundo novo e outros poemas*, podemos notar, nessa primeira imagem, uma certa ironia do autor ao relatar o entusiasmo em favor do reconhecimento da sua poesia no exterior e, também, um certo descontentamento por ainda não ser reconhecido, enquanto escritor e poeta, em sua terra natal – o Brasil.

Matos oferece-nos, ainda, esclarecimentos sobre a mudança de sua linguagem literária, que surge como uma necessidade de expressar a sua nova vida, em razão

⁶⁴ Refere-se aos organizadores deste texto.

de que ele (naquele momento) morava no Novo México e fazia mestrado na *University of New Mexico*, sendo, portanto, “exposto a um verdadeiro cata-vento de culturas e povos: foi como descobrir um outro lado desconhecido de mim mesmo enquanto brasileiro e latino – americano” (MATOS, 2012, p. 10).

Esses retratos, descritos por Matos, de vivência pessoal, permitem-nos considerar uma possível intenção do poeta de criar provocações, nos leitores, de modo a apresentar e conduzir, com criticidade, novas imagens reveladas em seus versos para que a poesia possa ressoar em nós e no mundo, pois na “ressonância, ouvimos o poema, na repercussão nós o falamos, pois é nosso. A repercussão opera uma revirada do ser. Parece que o ser do poeta é nosso ser” (BACHELARD, 1978, p. 187).

Apresentamos alguns poemas para exemplificar a composição dessa seção. Iniciamos com “Acalanto”, o qual consideramos tratar-se de um regresso à infância, no qual o poeta recorda os primeiros momentos de vida de uma criança, em que a maior necessidade é ser acolhida, embalada, para dormir e sonhar, pois só quem sonha, vive melhor.

Acalanto

Há que alimentar a inocência de criança
E embalar a ternura, a criatura, a esperança

Há para o sonho não morrer
É preciso dormir para sonhar
É preciso sonhar para viver

Há tantas crianças dormindo
Ainda
É alta madrugada
Lá fora faz tanto frio
Psiu !!!
Não falem tão alto
Quando despertarem não adormecerão jamais como agora.
(MATOS, 1997, p.79).

A invocação do eu lírico no poema, ao sujeito, pedindo para que: “não falem alto” pode ser lida como um pedido que ultrapassa o título do poema, “Acalento”, ou seja, deixe-as dormindo, não acordem as crianças antes do tempo, visto que, quando elas acordarem, a inocência terá desaparecido, e o mundo, fora dos braços aconchegantes (de uma mãe), não possui a mesma ternura da infância de outrora.

O poema “Acalanto”, de Matos, remete-nos à intertextualidade com o poema a “Infância”, do poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), no qual Andrade utiliza-se da interjeição “Psiu”, com o objetivo de chamar a atenção ou como um pedido para calar (os adultos). Nesse poema as imagens retratadas apresentam o zelo da mãe pelo filho adormecido, que nos remetem a singularidade de um momento angelical, sem a preocupação com o futuro dessa criança, diferente da intertextualidade do “Psiu”, localizado no poema de Matos. Observemos Andrade:

[...]
Minha mãe ficava sentada cosendo
Olhando para mim:
– Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!
[...]
(ANDRADE, 1991, p. 67).

A linguagem poética possibilita ao leitor compreender a importância das imagens criadas pelo eu lírico em que, nesse caso, até um “mosquito” deve ser mantido longe do espaço em que a criança dorme. E ela deve ficar sossegada em seu sono, ou seja, podemos verificar nesta intertextualidade o registro da infância, como um tempo de paz.

Halbwachs (1990), em seu estudo sobre as *Lembranças da Infância*, relata que

O mundo, para a criança, não é jamais vazio de humanos, de influências benfazejas ou malignas. Nos pontos onde essas influências se encontram e se cruzam, corresponderão talvez, no quadro de seu passado, as imagens mais distintas, porque um objeto que iluminamos nas duas faces e com duas luzes nos revela mais detalhes e se impõe mais à nossa atenção (HALBWACHS, 1990, p.43).

Deste modo, podemos pensar que o eu lírico tenha como uma de suas preocupações, acentuar o passado, advertir-nos sobre o cuidado ao qual deveria se ter na primeira fase da vida de uma criança. Assim, Matos, no poema “Acalanto”, imagens de alerta para as pessoas (adultas) que circundam a vida da criança, lembrando-as que não podem protegê-las totalmente do mundo externo, pois a vida segue o seu curso natural, como um rio pequeno que segue em busca do oceano, para se tornar grande.

Todos já fomos crianças. Todos já amamos. O amor é um estado de reunião e participação aberto aos homens: no ato amoroso a consciência é como a onda que, vencido o obstáculo, antes de se desmanchar, ergue-se numa plenitude na qual tudo – forma e movimento, impulso para cima e força da gravidade – alcança um equilíbrio sem apoio, sustentado em si mesmo (PAZ, 1982, p. 29).

As crianças retratam o amor que sentem pela mãe, por exemplo, desenhando um grande coração e dentro dele, cabe o mundo, ou seja, uma imagem, possibilita-nos descrever o que palavras, às vezes, sozinhas, não conseguem. Podemos dizer que esta é, igualmente, uma das formas escolhidas pelo poeta para dizer “eu creio nos homens/quando conversam com nuvens/e se alimentam de frutos lúdicos/comem algodão-doce e se convertem em crianças” (MATOS, 2018, p.15).

Cabe ao leitor, com seu olhar atencioso, reconhecer o que o poeta busca nominar, dar forma, e ver a existência de um amor maior, que na fase adulta do sujeito é capaz de transformar o desenho infantil, num símbolo de amor incondicional, grafado ainda pelo mesmo signo, coração, como na infância, mas agora com o significado de amor universal.

Para Paz (1982), a experiência do autor, na criação poética, reflete na participação do leitor, ele destaca que

há uma característica comum a todos os poemas, sem a qual nunca seriam poesia: a participação. Cada vez que o leitor revive realmente o poema, atinge um estado que podemos, na verdade, chamar de poético. A experiência pode ter esta ou aquela forma, mas é sempre um ir além de si, um romper os muros temporais, para ser outro. Tal como a criação poética, a experiência do poema se dá na história, é a história e, ao mesmo tempo, nega a história. O leitor luta e morre com Heitor, duvida e mata com Arjuna, reconhece as rochas natais com Odisseu. Revive uma imagem, nega a sucessão, retorna no tempo (PAZ, 1982, p. 30).

Na busca de ressignificação da sua história, o leitor se permite resgatar, buscar na memória as imagens – perdidas ou escondidas – nos recônditos do cérebro, retratos que o leve a distinguir os arquétipos construídos no tempo.

Segundo Gilbert Durand (2002),

a memória é eufêmica como a infância, sendo que, em sua volta ao passado,[...] autoriza em parte a reparação dos ultrajes do tempo [...]. A memória pertence de fato ao domínio do fantástico, dado que

organiza esteticamente a recordação [...]. É nisso que consiste a “aura” estética que nimba a infância; [...] é o arquétipo do ser eufêmico, ignorante da morte, porque cada um de nós foi criança antes de ser homem (DURAND, 2002, p. 402).

Se o esquecimento minimiza os atos da infância, o imagético poético, encontrado na poética de Matos engrandece as recordações e recria imagens, para conduzir – autor e leitor – numa busca de novos símbolos que possam agregar valores às imagens escondidas, que o sujeito mantém fechadas, guardadas em segredo dentro do coração.

O próximo poema permite-nos a construção de uma nova passagem de tempo. O eu lírico apresenta as peripécias do “eu menino”, mas com um olhar de quem compreende que esse tempo terminou. Vejamos:

eu menino

quando criança eu subia no telhado
da casa da minha infância
cauto como um gato na noite
quando a noite descia da serra
e na igreja ao lado – na torre –
tocavam a ave-maria, de Schubert
observava horas à fio a Via-Láctea
passando sobre minha casa
como se fosse um infinito rio
e eu numa sentinela podia vê-las
uma por uma todas as estrelas
não pensava ainda no mundo
na criatura humana no verso
era apenas um eu menino
numa província remota da terra
contemplando o universo
(MATOS, 2018, p. 36).

Matos, com o passar dos anos, amadureceu, assim como a sua linguagem. No início desta seção, vemos que o eu lírico se apresenta como um poeta “atirado no oco do mundo” (2012), encontramos agora, nos versos que acabamos de ler, uma nova imagem do poeta, na qual ele ilustra que na infância, “era apenas um eu menino/numa província remota da terra” (2018). Durand (2002) explica que o imaginário só existe dentro do indivíduo, e que cabe somente a ele localizar uma maneira de equilibrar as tensões que carrega dentro de si, contra si mesmo e também contra o mundo que o cerca. Assim, compreendemos que o imaginário ultrapassa o indivíduo, pois é capaz de “impregnar o coletivo, [...]. O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um

país, de um Estado, nação, de uma comunidade, etc.” (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Para equilibrar as tensões, eliminar o tédio da cotidianidade, umas férias em uma praia deserta seria um ótimo local, mas se isso não é possível, melhor aproveitar-se da literatura para fazer uma viagem, convido-os a embarcar no novo poema:

NUMA PRAIA DESERTA DA CALIFÓRNIA

um homem nada mais é
que um rochedo à espera do amanhecer
por isso vêm os pássaros os narcisos selvagens
as ondas do mar
para que nem tudo pareça imóvel
para que o dia não seja tão infundo
quanto a eternidade por detrás das falésias
enquanto isso o tempo esse escultor sem mãos
com a paciência de um oleiro
nos estuda nos esquadilha nos esculpe

nos liberta da pedra bruta de nós mesmos
(MATOS, 2012, p. 85).

A poesia mostra-nos a beleza do mundo e preocupação do ser, talvez antecipando o existencialismo, e recorda-nos como Leopardi⁶⁵ via no tédio a experiência da nulidade de tudo o que é: "O que é o Tédio?" — perguntava. "Nenhum mal ou dor em especial (aliás, a ideia e a natureza do tédio excluem a presença de qualquer mal ou dor), mas apenas a vida plenamente sentida, experimentada, conhecida, plenamente presente no indivíduo, ocupando-o por inteiro" (ZIBALDONE, VI, p.421 *apud* ABBAGNANO, 1998, p. 953).

No dizer do eu lírico, o tempo, com paciência, nos emoldura, é aos poucos que compreendemos a vida em sua plenitude, o milagre ocorre diariamente, e não apenas quando estamos em férias.

Bachelard (1978) destaca que existe um esforço para interligar o pensamento a imagem.

É preciso estar presente, presente à imagem no minuto da imagem: se houver uma filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer no momento em que em que surgir um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, no êxtase da novidade da imagem (BACHELARD, 1978, p. 183).

⁶⁵ É um dos maiores poetas italianos. A sua obra revela muito pessimismo, melancolia e cepticismo. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/destarte/giacomo-leopardi-alem-do-pessimismo-poesia-consoladora-2-109567/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

O próximo poema, “Canção de minha rua”, revela-nos novas imagens da cidade natal do poeta, a pequena Itaquara (BA), as ressignificações de força, de um lugar especial, que deu origem a sua vocação de poeta. Matos considera importante recordar a sua cidade de origem, para demonstrar a sua gratidão por essa cidade, na qual “ninguém existe”, mas, principalmente, para acentuar que esse é um lugar que o faz feliz.

Canção de minha rua

Nasci na Rua da Matriz de Itaquara para nunca mais morrer
É dela que vem este riacho que nunca seca
É dela que vem a poesia que vai em minha vida.
Nesta cidade que apaga a todos com mãos de borracha
Cheia de *over drives* e avenidas de vale e estruturas fantásticas
Nesta cidade que faz de cada um todo mundo – sem escrúpulos –
Estás comigo ruazinha
esta manhã que nunca vai anoitecer
tu me fizeste como sou
me inventaste com teu matiz, teu cariz
e só assim sou feliz, feliz e não triste
porque sei que estou aqui vivo
nesta cidade onde ninguém existe
nesta cidade onde ninguém existe
(MATOS, 2001, p. 18).

O poema “Canção de minha rua”, de Matos, remete-nos à intertextualidade com o poema “A Canção do Exílio”, escrito por Gonçalves Dias (1823-1864), o qual, descreve as recordações da sua terra natal. Matos revela as experiências (antes) vividas numa rua de Itaquara (Brasil), e (agora) na sua nova casa, em uma rua nos Estados Unidos da América (EUA), cercada de neologismos da língua inglesa.

Borges (2000) apresenta-nos reflexões sobre si e as imagens que um escritor deseja imprimir em seus poemas.

Quando eu era jovem, acreditava na expressão. Eu lera Croce, e a leitura de Croce de nada me serviu. Eu queria expressar tudo. Pensava, por exemplo, que, se precisava de um pôr-do-sol, devia encontrar a palavra exata para o pôr-do-sol – ou melhor, a mais surpreendente metáfora. Agora cheguei à conclusão (e essa conclusão talvez soe triste) de que não acredito mais na expressão: acredito somente na alusão (BORGES, 2000, p. 122).

O retorno à infância do poeta prossegue, agora com o poema “Cirandas”. Matos continua descrevendo as suas recordações, como nos versos em que traz descrições sobre o lugar em que viveu. As emoções fundem-se com o poema, o que nos remete a definição do filósofo Benedetto Croce (1866-1952) de que: “Poesia é um complexo de imagens e um sentimento que o anima”⁶⁶. Notemos o poema:

CIRANDAS

de repente
por detrás de casas vermelhas amarelas magentas
e do silêncio dos quintais verdes e das árvores azuis
o estrondo da campainha e o vozerio imediato
[das crianças americanas
na escola ao lado explodindo a inércia da manhã
e repartindo o dia entre tantos dias e olvidos

de repente
por detrás de tantos anos (trinta?)
e de tantos continentes e calendários destroçados
o barulho da sineta e a algazarra na hora do recreio
e as crianças do Grupo Escolar João Pessoa
de mãos dadas cantando cirandas
e ainda girando
e ainda girando
em algum lugar de mim

Illinois, EUA, 2010

(MATOS, 2012, p. 53).

Em “Cirandas”, o poeta relata as imagens da infância que continuam girando em um lugar, dentro de si. Não se permanece criança para sempre, crescer faz parte do processo chamado vida, mas as recordações daquele período, ao serem descritos no poema, facultam sentir “o barulho da sineta” ecoando, “ainda girando em algum lugar de mim” gritando, para não serem esquecidas (MATOS, 2012, p. 53), ainda hoje, trazendo-nos novos sentidos e imagens que nos levem ao encontro do(s) outro(s). Paz (1982) explica-nos que:

O artista é criador de imagens: poeta. É a sua qualidade de imagens que permite chamar de poema o seu Cântico espiritual e os hinos védico, o *haiku* e os sonetos de Quevedo. O fato de serem imagens

⁶⁶ “*Se si prende a considerare qualsiasi poema per determinare che cosa lo faccia giudicar tale, si discernono allá prima, costanti e necessari, due elementi: un complesso d’immagini e un sentimento che lo anima*” cf. BOSI, Alfredo. Caminhos entre a Literatura e a História In Estudos Avançados, ano 19, v. 55, 2005, p. 316-317.

leva as palavras, sem que deixem de ser elas mesmas, a transcenderem a linguagem, enquanto sistema dado de significações históricas. O poema sem deixar de ser palavra e história, podemos concluir que a pluralidade de poemas não nega, antes afirma, a unidade da poesia (PAZ, 1982, p. 27-28).

No poema “Alfazema”, encontramos um novo exemplo de linguagem em que o eu lírico procura retratar imagens, de forma a suscitar no leitor, além do sentido da visão, o sentido do olfato, para que ele possa, além de imaginar, sentir os odores do perfume de alfazema, nos detalhes do mapa corporal da mulher amada.

alfazema

deitada sobre este leito branco
te ergues muito mais alta que as estrelas
já não és a ti mesma porque estás além de teu corpo
teus seios são duas luas ciganas cheias de mistério
o lençol branco é uma via láctea onde te escondes
e repousas teu silêncio imenso
e teu perfume de alfazema e lavanda
és agora oh musa maior que tudo lá fora.
(MATOS, 2017, p. 23).

Para atingir o objetivo, deixar registros na memória (sua e do leitor) de momentos vividos, Matos recorre às lembranças, às imagens e talvez ao dicionário, para encontrar vocábulos e expressões representativas, no ensejo de criar um signo que simbolize as emoções que sente. Segundo Cruz (2007, p. 45), “o poeta é ciente de sua tarefa: ser elo da cadeia, uma ponte entre o ontem e o amanhã”.

E, na esperança de que elas, as palavras, tenham uma linguagem própria e sejam capazes de multiplicar-se e retratarem um tempo inesquecível, que antes estava armazenado apenas na sua memória (do poeta), agora, ao deixar marcas impressas numa folha em branco de papel, passam a ser um registro do outro (do leitor), ou seja, do mundo. Para Bachelard (1978, p. 184), “o poeta não me confia o passado de sua imagem e no entanto a sua imagem se enraíza, de imediato, em mim.

Compreender a pluralidade imagética das vozes apresentadas por Matos simboliza imprimir novos sentidos atribuídos em seus versos. Significa, ainda, ter em mãos uma leitura constituída de sentimento, representatividade e recurso estilístico composto em um conjunto de palavras, escolhidas simetricamente para rimarem, nas quais o poeta se expõe com paixão em cada versificação do poema.

Matos retrata, em seus versos, imagens da sua história pessoal, criando ressignificações do poeta com o leitor, capazes de causar um deslocamento de identificação com o imagético retratado, pois “cada obra lateja, com maior ou menor intensidade, toda a poesia. Portanto, a leitura de um só poema nos revelará, com maior certeza do que qualquer investigação histórica ou filológica, o que é poesia” (PAZ, 1982, p. 28).

De acordo com o *Dicionário de Significados*⁶⁷, “tempo” é denominado *Kairós*, simboliza um momento oportuno único, que pode estar presente dentro do espaço de um tempo físico, que, segundo a mitologia grega é determinado por *Chronos*⁶⁸. Ou seja, *kairós* seria o período ideal para a realização de uma coisa predeterminada, que pode ser um objeto ou contexto, como é possível acompanhar no poema subsequente.

Tempo

Estas não são as flores que deixei
Estas não são as coisas que deixei
Esta mesmo não é a Ana Maria que deixei,
Ana Maria mudou-se.

Só as fotografias riem para sempre,
O mundo não.
O mundo não é um retrato.

Este, este não é o meu coração.
Esta,
Este aí não sou eu,
Eu?
Eu me perdi de mim.

O tempo bate asas,
Enormes,
Indiferentes
À espreita de ninguém,
À espera de ninguém.

Era uma vez
Uma vez...

Essas pegadas que arquiteto agora na areia
Não durarão muito,
Não mudarão
Não apagarão a arquitetura das que ficaram
(no pretérito tudo permanecerá intacto)

⁶⁷ Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/kairos>. Acesso em: 10 mar. 2019.

⁶⁸ *Chronos* é o senhor do tempo, enquanto *Kairós* representa o tempo que não pode ser controlado.

Aquelas,
Aquelas estão mortas
Para sempre.
(MATOS, 1997, p. 49-50).

Matos, nesse poema, permite-nos encontrar ou vivenciar, a presença de uma certa angústia do eu lírico, causada pela passagem do tempo. Bosi (2000) declara que uma obra deveria compor-se de uma linguagem capaz de “combinar arranjos verbais próprios com os processos de significação pelos quais sentimento e imagem se fundem em um tempo denso, subjetivo e histórico” (BOSI, 2000, p.9). Enquanto que Cruz (2017) ressalta a importância de se viver bem o momento presente, pois

os atos e as palavras dos homens são feitos de tempo. Assim, a cronologia está fundamentada na própria crítica. Quer queiramos ou não, por isso, é melhor viver o momento intensamente para podermos guardar na memória as melhores recordações (CRUZ, 2007, p. 46).

Para a análise desse poema, a palavra densidade nos parece adequada. O modo com que o eu lírico conduz os versos, alude a imagens de retratos que lhe “sorriem”. Sendo que, naquele momento, o eu lírico aparenta ter dúvidas sobre a existência de algum motivo para sorrir, já que nesse novo mundo, no qual ele agora se encontra, não é mais “um retrato”, mas um sujeito e ao fixar a imagem, não se reconhece e descreve um gemido de dor: “este não é meu coração”. Assim, ao se dar conta, de que esse não é mais o seu coração, o sujeito conclui, que “esse aí (que reflete) não sou eu”, ou seja, o poeta, também cresceu, deixou a infância para trás, mudou e chega à conclusão de que se desviou do caminho e por isso, confessa: “me perdi”.

De acordo com Cruz (2007), existe uma organização para a realização da linguagem poética, pois,

os poetas, de forma geral, enquanto artífices da palavra, realizam um fazer poético organizado no mundo das imagens e na rememoração das coisas mais singelas: a infância, a casa, a cidade, os amigos, as lembranças do passado, enfim, uma poesia que desperta para as imagens mais ternas (CRUZ, 2007, p. 49).

O retorno no tempo da infância, as memórias de Matos, continuam mediando a vida do poeta, reavivando os ideais do menino que adorava sonhar. Durand (2002) cita que “a arte é um dos produtos mais reveladores dessas atitudes imaginativas”

capaz de realizar a mediação entre o eterno e o temporal e constitui “a própria atividade dialética do espírito” (DURAND, 2002, p. 97).

O poema seguinte, “Os grãos”, vem ao encontro de nossas análises sobre o tempo, as memórias imagéticas que Matos apresenta-nos, iniciaram-se na infância e findam-se, agora, com o eu lírico idoso, que compreende a sua missão de ser um propagador de palavras, ou seria um semeador? Examinemos o poema:

Os grãos

Um homem velho pousado na praça
em estado de estátua
parece não ver os pássaros que passam
em busca dos grãos
os olhos fixos no nada que é agora
cada ruga que vê traz em si uma rusga
que pesa na alma feito ferro
não há mais como voar de si
sente os movimentos cada vez mais lentos
sente o sangue se arrastando pelas vias
Assiste bem à presa fácil que se tornou
Não é a vida vaporosa que por fim escapa
É o tempo que lhe alcança.
(MATOS, 2001, p. 14).

Finalizamos essas análises com o poema anterior, no qual podemos observar Matos, ciente da importância de seu ofício, como um agricultor, semeia seus poemas pelo mundo, enquanto vida houver, pois não é a vida evapora, mas é “o tempo que lhe alcança” (MATOS, 2001, p. 14). E complementamos com as reflexões de Borges (2000) a respeito do seu ofício poético.

Tirei prazer de muitas coisas – de nadar, de escrever, de contemplar um nascer do sol ou um crepúsculo, de estar apaixonado e assim por diante. Mas, de algum modo, o fato central de minha vida foi a existência das palavras e a possibilidade de tecê-las em poesia. A princípio, certamente, eu era apenas um leitor. Porém acho que a felicidade de um leitor está além da de um escritor, pois o leitor não precisa experimentar aflição nem ansiedade: seu negócio é simplesmente a felicidade (BORGES, 2000, p. 106).

Os autores apresentados, os poemas analisados, parecem dialogar e confirmam que são ainda os mesmos temas que compõe a humanidade – amor e ódio – e graças a poesia podemos expressá-los.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar as obras de Narlan Matos ressaltando as categorias Lírica, Alteridade e Memória presentes em seus poemas foi o objetivo desta pesquisa. Observar como o poeta desenvolve o seu ofício, o modo com que cerca-se das palavras, numa linguagem livre, singular, original, de forma a tornar a sua poesia conhecida e apreciada em diversos países do mundo, ávido pela aproximação com o(s) outro(s), o leitor.

A escolha dos teóricos Paz (1982), Kristeva (1994), Bosi (2000), Durand (2001), Bhabha (2001), Borges (2000), Maffesoli (2001), Cruz (2007), Adorno (2010) e Penalva (2017), entre outros, tornou possível as análises e reflexões que foram fundamentais ao entendimento das indagações iniciais, as quais nos permitiram responder aos questionamentos propostos para este estudo. A possibilidade de utilizar-se outros autores, também seria possível e proporcionaria encontrar novos olhares para às questões ora estudadas, dando prosseguimento a esta pesquisa.

A referência bibliográfica de Borges (2000) mostra-nos como funciona a junção – o texto e o leitor, e possibilita-nos refletir sobre a experiência da palavra cercada da pluralidade de sentidos de modo que ela possa representar uma marca em cada leitor, afinal “as palavras são símbolos para memórias compartilhadas” (BORGES, 2000, p. 122).

Evidenciar a linguagem poética de Matos significa localizar versos que nos possibilitam retratar como o trabalho de um autor contemporâneo pode ser compreendido no Brasil, e como ele consegue transpor a barreira fronteiriça da linguagem e do território, recebendo o reconhecimento de forma rápida, em países estrangeiros.

Esse processo possibilita-nos destacar o autor, de forma que ele, receba o reconhecimento no Brasil e possa ser estudado pela academia, juntamente com os cânones literários, desconsiderando a necessidade de um distanciamento com o eu lírico. Já que, com Matos, ocorre justamente o contrário, o ponto forte deste trabalho é a aproximação com o poeta. O leitor, após tomar conhecimento de Narlan Matos, tem a possibilidade de conhecer o escritor, ouvi-lo declamando os seus poemas, diante de uma plateia pequena, em saraus; ou em eventos literários de alguma Embaixada pelo mundo, as quais o poeta costuma ser convidado; ou ainda, em

seminários nas universidades (públicas e particulares/nacionais e internacionais), pelo mundo afora, onde Matos também costuma se apresentar.

Ter a oportunidade de analisar a poesia de Matos, aproximar as palavras contextualizadas, ressignificar de acordo com as diferentes épocas, levando-se em conta, principalmente, os sentidos metafóricos dessa composição, que só o homem do seu tempo pode compreender, significa utilizar-se da palavra, pois, ela “é uma ponte através da qual o homem tenta superar a distância que o separa da realidade exterior. Mas essa distância faz parte da natureza humana” (PAZ, 1982, p. 43).

Conhecer, analisar e divulgar a linguagem poética de Matos, é dar voz a um poeta contemporâneo, que vive no exterior (EUA), mas que carrega consigo as imagens do Brasil – memórias - retratadas em seus versos, impregnadas de nostalgia da pátria, utilizando-se, como destaca Durand (2002, p. 403) “a memória – como imagem – é essa magia vicariante pela qual um fragmento existencial pode resumir e simbolizar a totalidade do tempo reencontrado”.

A obra memorialista de Drummond, *Boitempo - Esquecer para lembrar* (2017), traz-nos em seu título a indicação da existência de um tempo bom, da infância, e que o distanciamento temporal pode causar no sujeito o efeito contrário em que não há esquecimento, pois, as lembranças ocultas continuam presentes à espera de alguém com disposição para escutar ou para escrever, despertá-las, para saírem do recôndito da memória e serem grafadas, e não se perderem. Matos tem coragem para expor-se e determinação para escrever as suas lembranças, compartilhando-as para que não sejam esquecidas.

Esta primeira pesquisa sobre Narlan Matos buscou apresentar algumas reflexões, utilizando a poesia como mediadora para compreender como a linguagem sensível do eu lírico, independentemente das demarcações culturais e/ou fronteiriças vem encontrando o seu caminho na literatura mundial. Destacamos alguns poemas, de muitos que merecem a continuação deste estudo, levando-se em conta, apenas àqueles que escolhemos para caracterizar como a memória e a alteridade perpassam a obra de Matos e criam ecos no leitor, que ora escuta-o de fora (como um estrangeiro) e, ora sente-se inserido na obra (como um escritor) em busca de si.

Para esta pesquisa, foram selecionados poemas que remetem às categorias Lírica, Alteridade e Memória nas obras *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997); *No acampamento das sombras* (2001); *Elegia ao novo mundo e outros poemas* (2012); *Um alaúde, A Península e teus olhos negros* (2017); *Canto aos homens de*

boa vontade (2018); e *Eu e tu, caminheiros dessa vida* (2019), de Narlan Matos.

Deste modo, neste momento, encerram-se as discussões propostas por este trabalho com a certeza de que a poesia de Matos imprime imagens capazes de transformar o sujeito, pois oferece, em seus versos, uma linguagem poética que possibilita-o refletir sobre conceitos (alteridade e memória) ou sentimentos (amor e dor) que já existem em seu íntimo, mas que necessita passar por um devir para encontrar novos formatos para expressar as singularidades descritas pelas imagens que o poeta cita e que já fazem parte do leitor.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ADORNO, Theodor W. Conferência Sobre Lírica e Sociedade. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

_____. Educação após Auschwitz. In: **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

ALBUQUERQUE, A. B.; SOUZA, W. *Tupi or not tupi: eis a questão*. 14ª JELL: 'As Línguas em Diálogo: Desafios e Perspectivas na Atualidade. Unioeste/Marechal Cândido Rondon, 2011.

ALMEIDA, A. V. **Um rasgo na pele suave do mundo**, em Narlan Matos. Disponível em: <https://entrementes.com.br/2017/10/um-rasgo-na-pele-suave-do-mundo-em-narlan-matos/>. Acesso em: 10 fev 2019.

ANJOS, M. B. M. **O Laço e o Abraço**, Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/2431678>. Acesso em: 10 mar. 2019.

ANDRADE, C. D. In: **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001/2003.

BERTELLI, J. **Poesia e Memorialismo Fixado na Infância**: O Imagético em Narlan Matos. Anais do V Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2018. p. 2094-2104. Disponível em: <https://www.cielluem.com.br/anais>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BORGES, J. L. **Esse ofício do verso**. Org. *Calin-Andrei Mihailescu*. Trad. José M. Macedo, Companhia Das Letras, em 2000.

BORGES, K. **De Itaquera para o mundo**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/katb4.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BOSI, A. **O ser e o Tempo**. São Paulo: Ática, 1974.

_____. **Leitura de poesia**. São Paulo: Ática, 2000.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COUTINHO, A. **Cruz e Souza**. Coleção Fortuna Crítica. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.

CRUZ, A. D. da. **Infância, Memória e Imaginação no Discurso Poético Feminino**. Revista de Literatura, História e Memória. Narrativas da Memória: O Discurso Feminino. UNIOESTE / CASCAVEL.VOL. 3 - Nº 3 – 2007

_____. **O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2012.

DICIONÁRIO de Significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/kairos>
Acesso em: 01 dez. 2018.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FENSKE, E. K. (Org). Narlan Matos: o poeta sertão-mundo. In: **Templo Cultural Delfos**. Fevereiro/2016. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/02/narlan-matos.html>. Acesso em: 10 maio 2018.

FRANCO, R. História, Memória, Literatura. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **O testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

FREITAS, A. Água, ar, terra e fogo: arquétipos das configurações da imaginação poética na metafísica de Gaston Bachelard. In: **Revista Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 20, nº 39 - jan/jun, 2006. p. 39-70.

GINZBURG, J. Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios. In: **Alea**. v. 5. n. 1. Rio de Janeiro, jan/jun, 2003, 61-69.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad.: Laurent L. Schaffter. São Paulo: Edição Vértice, 1990.

HILL, T. **Estudos de teoria e crítica literária**. Rio de Janeiro, 1983.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KROIN, V.; CRUZ, A. D. Antologia de Narlan Matos. In: **Letralia-Tierra de Letras: Venezuela**, 2017. (Trad. Vânia T. Rodrigues).

LIMA, A. K. Silva. **Migração e Subjetividade**: uma revisão de literatura sobre o processo migratório e suas implicações psicossociais. Anais do I Seminário Internacional: as fronteiras da interdisciplinaridade e a interdisciplinaridade das fronteiras.) Roraima (PPGSOF,2012). Disponível em: <http://ufr.br/ppgssof/index.php/i-seminario-internacional.html>. Acesso em: 10 dez. 2019

LUCAS, J. **Poeta Narlan Matos participa de festival internacional na Lituânia**. Disponível em: <http://miscelaneajuliolucas.blogspot.com/2012/10/poeta-narlan-matos-participa-de.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

MAFFESOLI, M. **A Transfiguração do Político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MATOS, N. **Senhoras e senhores: o amanhecer!** Coleção Casa de Palavras. Salvador BA: Fundação Casa de Jorge Amado, 1997.

_____. **No acampamento das sombras.** São Paulo: Cone Sul, 2001.

_____. **Elegia ao novo mundo e outros poemas.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

_____. **Um Alaúde, a Península e teus olhos negros.** Guaratinguetá: Penalux, 2017.

_____. **Canto aos homens de boa vontade.** Guaratinguetá: Penalux, 2018.

_____. **Eu e tu, caminheiros dessa vida.** Guaratinguetá: Penalux, 2019.

_____. **Música. Poesia.** Pesquisa. Disponível em: <https://sites.google.com/site/narlan7matos/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

_____. **Canção do Exílio.** Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/narlanmatos.html>. Acesso em: 20 mar. 2019.

_____. **"Elegia ao novo mundo".** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l_ol-ZwWPOs. Acesso em: 20 dez. 2018.

MEIRA, C. **New York Times seleciona exposição com jequiense entre as melhores do mundo.** Disponível em: <http://www.charlesmeira.com.br/2019/01/new-york-times-seleciona-exposicao-com.html>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MELO, M. A. de. **Série da Globo NE lembra a transição da época das cartas para a internet.** Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2012/04/serie-da-globo-ne-lembra-transicao-da-epoca-das-cartas-para-internet.html>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MELO, M. F. S. **Leitura, Performance e Transversalidades na Lírica de Narlan Matos: Diálogos Poéticos e Palavras (EN)Cantadas.** Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_port_pdp_meglieri_faustina_stefano_melo.pdf. Acesso em: 10 fev. 2019.

PENALVA, L. **A Figura do Imigrante na Literatura Brasileira Contemporânea.** Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VIIISAPPIL-Lit/article/view/829>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PATERSON, J. M. **O sujeito em movimento: pós-moderno, migrante e transnacional.** Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2015.2.21339>. Acesso em: 10 jul. 2019.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **A outra voz**. São Paulo. Siciliano, 1993.

PAZ, Z. **Narlan Matos - Elegia ao novo mundo**. Disponível em: <http://blogdozesimpatia.blogspot.com/2012/10/narlan-matos-elegia-ao-novo-mundo.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SANTIAGO-DÍAZ, E. **Narlan Matos e Elegia ao novo mundo e outros poemas: O Prólogo Extraviado**. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/11365>. Acesso em: 10 fev. 2019.

SLOVENCU, Pismo: vpliv Tomaža Šalamuna na brazilskega pesnika Narlana Matosa. In: **Ars & Humanitas**. 2017. Disponível em: <https://doaj.org/article/1daf239977eb477fa5f63b2a159d32ca>. Acesso em 10 fev. 2019.

THE Journal of the Students of the Ph.D. **Program in Latin American, Iberian and Latino Cultures**. Disponível em: <https://lljournal.commons.gc.cuny.edu/2014-1-ritt-texto/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

ANEXO

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O POETA NARLAN MATOS⁶⁹

Caríssimo Prof. Dr. Narlan Matos, inicialmente, agradecemos o seu ofício, pois as seus poemas serviram de inspiração para realizar a nossa Dissertação de Mestrado. Para complementar a nossa pesquisa, e por ser um dos destaques deste trabalho, o estudo poético e memorialista, de um poeta em plena atividade laboral, consideramos importante a realização de uma entrevista, para que os leitores deste trabalho tenham, também, a oportunidade de ouvir a voz do autor.

Deste modo, solicitamos a gentileza de responder-nos as seguintes perguntas que serão anexadas à nossa pesquisa.

Para o nosso trabalho, essas são algumas perguntas que consideramos importantes para serem anexadas à Dissertação de Mestrado.

Pela sua gentileza, antecipamos os nossos agradecimentos.

Abraços,

Jocimar Bertelli e Prof. Antonio Donizeti da Cruz.

Pesquisadora: Poderias traçar um autorretrato? Quem é o poeta Narlan Matos?

Poeta: Essas fotos que vejo (Foto PB de um casal - dia do casamento) vão responder a essa pergunta melhor do que eu... esse é Manoel da Hora Rezende de Figueiredo, ele era da Marinha Mercante Brasileira, primo da minha Bisavó, um ancestral misterioso que eu tenho, do qual eu só sei o nome e que viajava muito pelo mundo afora, ele morreu misteriosamente, numa dessa viagens no navio da Marinha Mercante. Ao seu lado (foto) a esposa dele, ela é a neta do Barão da Gávea de Portugal, inclusive o casamento foi lá em Portugal, e dela eu não sei nem o nome. Então, de poema em poema, eu vou tentando me descobrir, até a edição final... (risos melancólicos) Quem eu sou? – Não faço a mínima ideia! Quando eu souber, provavelmente vou morrer...

⁶⁹ As respostas foram enviadas via *WhatsApp* em formato audiovisual entre 9 e 21 de janeiro de 2020, e foram transcritas pela pesquisadora Jocimar Bertelli. As respostas foram transcritas considerando-se as escolhas linguísticas do poeta, sem alterações.

Pesquisadora: Como e por que surgiu a vontade de escrever?

Poeta: Essa é uma pergunta profunda, e eu poderia falar muito sobre isso... e vou falar sobre isso... e eu tenho que começar pelo personagem mais fantástico da minha vida o “seu Arlindo”. Ele era um zíngaro, um *gitano-romani*, eu só descobri isso recentemente por sinal. Ele já faleceu, e é o personagem mais fantástico da minha vida. Eu acho que foi ele que me iniciou na Literatura. Ele era um borracheiro, e tinha uma tenda – uma borracharia – lá na cidade, era a única que tinha e ficava na frente da minha casa, e todas as tardes, depois que ele terminava o trabalho, ele vinha dormir numa algarobeira, que tinha em frente, ou melhor, na esquina direita da minha casa, e era uma algarobeira gigantesca que tinha, nossaaa....era linda, frondosa, verde. Algaroba é uma árvore africana muito bem adaptada ao nordeste brasileiro, você vai encontrar ela também nas savanas africanas, ela é enorme, uma árvore linda, com um perfume maravilhoso, e nossaaa... é emocionante lembrar... Então, ele se sentava e depois deitava pra dormir ali, e quando ele acordava eu já estava por perto para ouvir as suas histórias... Esse homem era fantástico, tão fantástico quanto as histórias dele. Ele era como Homero, ele não era cego, mas tinha um olho dentro da realidade e outro vesgo, como se tivesse virado pra dentro da ficção, do maravilhoso, do real maravilhoso, de *Aleixo Carpentier* e seus amigos. Quando li *Carpentier* eu me senti personagem. E ele me contava as histórias dele, ele tinha uma imaginação fantástica... ele era semi-iletrado, ele tinha tradição vernacular, e todas as tardes ele estava lá, como uma coisa... (nossa...) imagina uma criança e um velho zíngaro, provavelmente com origens no distante Egito, com as tribos que passeavam lá, que andavam lá pela minha região, e ele trazia essa memória imemorial, que não se pode medir o tamanho de tão grande. Ele era onipresente, ou onisciente e onipotente, era sempre o herói das narrativas, dele, das narrativas fantásticas... Muitas histórias, por exemplo, tem a história do gigante, e ele acreditava naquilo... não era essa coisa tradicional do “causo”... era algo muito maior, como Homero. E ele contava que... uma vez apareceu um gigante na fazenda dele, uma gleba que ele tinha, uma gleba pequena, agricultura de sobrevivência, e apareceu um gigante lá, então um dia, ele estava lá na gleba de terra dele, e sem perceber ele caiu numa cratera imensa e ficou preso lá, e depois apareceram umas pessoas para ajudar. Essa gleba ficava no meio da serra, numa serra bem alta que tem lá... e quando ele conseguiu sair daquilo, ele foi vê que na verdade aquilo era a pegada de um gigante. Então ele começou a se

preparar, ele armou uma tocaia para pegar o gigante, e ele conseguiu amarrar umas cordas pro gigante, na hora que passasse, tropeçasse e, é exatamente isso que vai acontecer, o gigante vai e cai na terra dele. Ele desenvolvia assim a narrativa, não me lembro de tudo não, mas você já deve estar pensando ai em... *Gulliver!* Lá com *Lilliput!* Exatamente, só que o “Seu Arlindo” ele nem sabia que aquilo existia, ele nunca leu, nunca ouviu nem ouviu falar de *Jonathan Swift*...ou de *Gulliver!* Era fruto da imaginação dele, tanto que mais tarde quando eu cheguei na universidade, e a gente teve que ler *Gulliver*, ah! Eu falei: Ah!Ah! Eu conheço o autor dessa história aqui... Ele é o meu amigo! E assim foi, ele, “Seu Arlindo”, tinha uma presença mágica na minha vida e acredito que ele foi chamando a minha atenção para vida, para esse mundo real. Ele contava história de castelos que ele tinha visitado, onde o rei tinha recebido ele como herói, era uma coisa incrível, viu?! Mais tarde, quando eu li a *Odisseia* e a *Ilíada*... Eu falei de novo: Ah!Ah! Aqui eu conheço também esses seres aqui, nossa... eu cresci com esses seres fantásticos. Era essa a amizade entre um menino e um velho... Parece até um roteiro da Itália medieval...

Bom, daí entra também o meu bisavô paterno, que é o Balduíno José Teixeira, ele é um bisavô misterioso que eu tenho, não se sabe muita coisa sobre ele. Ele tinha um passado bem misterioso, muito misterioso, mas apesar dele ter sido negro, nascido ali no final do século XIX, ele nasceu na cidade de Lençóis, na Bahia, nas Lavras Diamantinas, na região dos diamantes, dos coronéis violentos, as guerras, muitas guerras que teve por lá por causa de diamante e tudo mais, ele veio de lá, e bom... o que se sabe é que ele falava francês muito bem, e isso eu comprovei, porque eu conheci um homem em Salvador com 102, 103 anos, que foi contemporâneo dele, e me confirmou que de fato ele falava francês muito bem. Ele era negro. Ele era funcionário dos Correios, um Funcionário Federal, e ele era filatelista, ele colecionava selos de várias partes do mundo, o sonho dele era conseguir o selo “olho de boi” que é um selo raro né, depois que ele morreu, a coleção dele de selos desapareceu, provavelmente as pessoas jogaram fora, as pessoas não sabiam o valor daquilo... Ele também era alfaiate, tinha uma alfaiataria, quase um renascentista, e nas horas vagas ele também escrevia discursos, para coronéis, semianalfabetos, de lá do sertão da Bahia. Esse homem também me contou isso, que várias vezes, ele já tinha visto meu bisavô, ali na feira livre, escrevendo um discurso para um coronel daquele... para ser lido durante um comício. Então, o Brasil hoje, esta questão do empoderamento do negro, etc, isso já acontecia com meu bisavô desde o começo do século XX. Ele foi

convidado pra trabalhar e morar na França, mas não pode aceitar... A vida não deixou.

(Coloquei uma trilha sonora pra nós, aqui pra entrevista: As Bachianas Brasileiras No. 5 Heitor Villa-Lobos)

Ainda respondendo à pergunta número dois, tem um outro personagem fantástico, ali na minha rua, além do “Seu Arlindo Borracheiro”, ali na Rua da Matriz, s/n, onde eu cresci, a rua da minha infância, tinha o “Seu Marco”. Outro personagem mitológico. Seu Marco era um velho muito forte, alto, altíssimo, muito forte, com uma força física incrível, um rosto velho já carcomido pelo sol, muito sol no rosto, ele era muito grande, devia dar quase um 1,90 de altura ou mais do que isso, todas as tardes ele passava com as cabras dele, vindo dos campos, lá do Sertão. Ele vinha cheio de cabras. Agora tem um detalhe... ele tomava conta das cabras vestido com terno, terno marrom, parecia que trabalhava na Bolsa de Nova Iorque, inclusive, nesse livro novo, o *Eu e tu...* tem um poema⁷⁰ sobre ele. Aquilo é verídico. Ele é um personagem da minha vida, ele também tinha uma roça de melancias, uma fazenda de melancias pequena, uma gleba, que eu vivia lá (né), e ele passava todas as tardes... com as cabras dele... E tem uma coisa incrível...que também remete à literatura universal, que é... Ele tinha um filho adotivo, que ele trazia no bolso do paletó, ele era tão grande, que trazia o menininho, assim de sei lá, seis meses ou um pouco mais, no bolso do paletó, é praticamente o Pequeno Polegar, né? (risos). Uma outra obra da literatura universal que eu já conhecia da minha rua... a cidade toda parava de tarde para vê-lo passar com o menininho no bolso do paletó! Era incrível... Mas então, eu acho que tenho mais dúvidas do que respostas...

Uma outra figura extraordinária da minha rua, era o Frei italiano Nazareno Marcelli. Ele veio do Norte da Itália. A minha região tinha muito italiano, a minha cidade também, os capuchinhos franciscanos eram todos italianos lá. Eu fui batizado por um padre italiano: Frei Sartrini, um grande homem, foi ele que me batizou. Os freis italianos ficavam muito na minha casa. Meus pais eram católicos. Eles viviam lá em casa. A Itália era parte de minha vida. Quando fui lançar minha antologia na Itália foi emocionante demais... Então, Frei Nazareno, morava do lado da minha casa, do lado direito, e quando ele chegou da Itália, ali por 1980 mais ou menos, ele trouxe aquela

⁷⁰ Poema “Uma tarde na infância” *para seu Marco* (p.109) do livro *Eu e tu, caminheiros dessa vida* (Penalux, 2019).

alta cultura italiana, embora os italianos já estivessem lá desde a Segunda Guerra Mundial. Eles chegaram em grandes levadas... Mas, o Frei Nazareno, ele trouxe aquela alta cultura, no alto falante da igreja, todos os dias ele tocava *Bach, Beethoven, Handel, Chopin, os Cantos Gregorianos*, aqueles Cantos Medievais da Itália, as vezes ele tocava aquilo em Itaquara e a cidade ficava parecendo um pequeno Reino Medieval Italiano, perdido ali naquele tempo e naquele espaço... Aquelas trilhas sonoras que ele colocava ali no alto-falante da Igreja, como a cidade ficava num vale, todo mundo ouvia aquilo né... Aquilo me assustava às vezes, àquelas músicas... e bom... do outro lado, tinha a minha vizinha da esquerda, era a “Dona Judite”, era uma negra, ela tinha um Candomblé de Caboclos, e nós frequentávamos tanto a Igreja quanto o Candomblé de Caboclos dela.

Uma outra grande influência da minha vida, da minha literatura, foram os ciganos. As tribos ciganas que passavam... lá pela minha cidade. Havia uma circulação muito grande de tribos ciganas, de várias regiões, que você tem os ciganos do Egito, você tem os ciganos Turcos, você tem os ciganos do Leste Europeu, e existe toda uma hierarquia dentro daquilo ali... Eu não sou especialista muito, não, mas eu entendo as diferenças e as vertentes que existiam... Então os ciganos passavam, aquelas caravanas pela cidade. Eu me lembro de uma, que me marcou muito, as mulheres trigueiras, com os cabelos muito bem trançados, com óleo de coco, aqueles vestidos, muito bem trabalhados, que eles eram ciganos muito ricos né... Aquelos vestidos, muito bem trabalhados, com tecidos vivos, e eu ficava muito impressionado com aquilo, com as montarias dos ciganos, prata nos arreios, tudo muito bonito, os baús que eles carregavam, e aquilo me transportava no tempo, pra algum lugar que eu não sabia onde... mas que pra mim era muito interessante... Você veja, eu vivia numa cidade remota, naquela época não tinha nem telefone ainda, poucas famílias tinham televisão... Também você tinha ali os Cantadores, os Menestréis, que vinham pra cantar na feira, cantadores errantes da tradição medieval europeia, essa Tradição Ibérica... Eu tive a oportunidade de conhecer alguns desses cantadores na feira, fazendo aqueles desafios que voltam pra Grécia Antiga... olha, tido isso aí, de certa forma, me remeteu a Grécia Antiga, ela tá permeando isso ai tudo... Esses cantadores, um homem que contava histórias quase cego de um olho e analfabeto... Itaquara tinha um pé na Cultura Clássica de certa forma, direta ou indiretamente... Agora se vocês quiserem um Marco, pra quando eu me tornei escritor, eu vou dizer agora: foi em 1990, quando eu conheci a professora francesa. Eu fui estudar no Colégio Americano Taylor

Egídio, que é a Escola Americana mais antiga do Brasil, que fica pertinho lá da minha casa, e numa cidade próxima, e a professora Stela Dubois, era uma francesa, ela se tornou minha professora de SOI – Serviço de Orientação Escolar. Eu me lembro, que na primeira aula que ela fez com a gente, numa sexta-feira, luminosa, radiante, lá na escola, ela fez uma redação... (ouve... a música aumentou sozinha, olha só as *Bachianas Brasileiras No. 5 de Lobos...*) Ela me pediu que eu fizesse uma redação, e eu fiz a redação, e, na sexta-feira seguinte, ela trouxe as redações corrigidas, e a minha ficou por último (eu achei aquilo estranho) e ela falou: - Olha a última redação foi a melhor de todas e, eu quero ler essa redação pra vocês... Leu a redação e falou: “Narlan Matos Teixeira, Quem É Você?” Eu levantei a mão e no final da aula eu fui lá pra conversar com ela, e ela escreveu e me disse: “VOCÊ É POETA! VOCÊ É UM POETA!”. Eu tinha quase 15 anos de idade, na verdade 14 anos incompletos, ela repetiu: “Você é um Poeta!”. Esta redação foi lida no salão nobre da escola, para uns 700 alunos... numa sexta-feira luminosa... ao final, ela pediu que eu me levantasse e disse aos alunos que eu era o autor da redação... uns 700 alunos me aplaudiram de pé! Ela disse que o Brasil ganhava mais um grande poeta... E o povo aplaudiu! Foi o primeiro e talvez o mais importante momento de minha vida... Ali, meu destino foi traçado, naquela manhã! Até hoje eu guardo esta redação e a pequena mensagem que ela escreveu pra mim... é uma rosa do quadrante norte... uma estrela da vida inteira... Tinha também o lendário professor Jalon Leal⁷¹, meu professor de inglês, que me influenciou muito. Culto, letrado, com sua belíssima voz de baixo, típica dos cantores de blues dos EUA... Eu o considero o maior cantor de blues e gospel do Brasil... Não conheço ninguém igual... Ele me apresentou à música de Bob Dylan. Dylan era o grande herói dele, e passou a ser o meu também. Dylan me influenciou muito logo aos 15 anos... Jalon tinha lido muita coisa da literatura universal, como Hemingway, e outros, e me falava destes autores... Um dia, numa aula de inglês, ele, comentando sobre meus poemas, que circulavam entre os alunos, disse para a classe que ali estava um grande autor, e que iria parar na Academia Brasileira de Letras. Eu tomei um susto... A turma toda me olhou em silêncio solene... Ele conversava muito comigo sobre literatura e música. Uma espécie de tutor. Às vezes, eu me sentia como estivesse numa escola na Inglaterra, daquelas que vemos em filmes – só que era real,

⁷¹ O professor foi incluído por Matos quando efetuou a revisão da entrevista e lembrou-se de mais alguns professores importantes da sua trajetória, e que foram incluídos (via e-mail). Disponível em: <http://webjl.blogspot.com/2008/06/jalon-leal-uma-historia-de-sucesso.html>. Acesso em 31 jan 2020.

e o personagem era eu! Também no Colégio Taylor aconteceu outro fato marcante na minha carreira de poeta: a professora Aristotelina, de língua portuguesa, colocou um texto meu numa prova de português... quando eu recebi a prova, tomei um susto! Não tinha me falado nada... Foi uma surpresa. Tinha que interpretar um texto meu! (risos). Foi outro grande marco na vida de escritor. Veja só como aquela escola foi importante na minha formação. Eles tinham uma pedagogia incrível, parecia escola da Suécia ou da Dinamarca. Eles me levavam muito à sério, aos 15 anos de idade... e veja só as consequências boas disso...

Pesquisadora: Qual a sua relação com a palavra, com a escrita e o “ofício do verso”, como diz Jorge Luis Borges?

Poeta: Isso me lembra um verso meu que diz: “Eu escrevo porque o fim do verbo é o fim do mundo” se eu não me engano é do poema “Civilizações Ágrafas”, por isso, “Eu escrevo porque o fim do verbo é o fim do mundo” (MATOS, 2012, p. 28) é por isso aí...

Pesquisadora: Como se sente, se insere dentro da atual literatura brasileira?

Poeta: Olha, eu me sinto olhando pra ela de fora do muro!

Pesquisadora: E qual sua opinião sobre a literatura brasileira contemporânea?

Poeta: As pequenas editoras do Brasil estão fazendo um trabalho importante, sério, de renovação da literatura brasileira, é a abertura de janelas de respiradouros pra que ela se renove. Eu creio que a melhor literatura brasileira hoje está sendo reproduzida nas margens, do lado de fora do muro, e as editoras têm publicado bons jovens autores e isso vem operando esse processo da renovação disso... Então eu acho importante isso, essa renovação já não era sem tempo. Tem poetas que eu gosto: Salgado Maranhão, Antonio Donizeti da Cruz, Ruy Espinheira Filho, são poetas contemporâneos que eu gosto e outros também.

Pesquisadora: Como é seu processo criativo? Ele passa por uma fase de elaboração? E sobre o surgimento dos livros? Como ocorre?

Poeta: Olha, eu não escrevo por esporte... Eu tenho alguns colegas que têm a preocupação de escrever... Eu escrevo mais por necessidade... Eu escrevo quando tenho alguma coisa pra escrever mesmo... Eu não paro numa mesa com papel em

branco com a caneta pra ficar esperando o texto aparecer, jamais fiz isso... eu só vou escrever quando o poema já está praticamente pronto na minha cabeça... Geralmente ele surge na cabeça, ele começa esse processo, aquela insistência, às vezes eu esqueço, aí um ano depois a ideia volta, de novo, a mesma coisa, aí eu sei que tenho que escrever, tá? Então geralmente, eu sento já pra escrever.... E primeiro, ele vem do jeito que vem, e ele fica ali, no papel, ele é impresso aí, depois de um tempo, pode ser uma semana, seis meses, 10 anos, 14 anos, eu volto pra isso de novo... Tem poemas que têm 20 anos que eles estão dormindo...nunca mais eu voltei a eles... um dia eu vou voltar, na hora que chegar o momento. Dai, 20 anos depois, pode ser uma semana também, depende de cada poema, eu tenho uma relação, eu convivo com eles, como se fossem pessoas... E eu volto pra aquilo, se me “convencerem” eu “publico”... se ele ainda estiver robusto, forte... eu publico! Senão alguns vão pro lixo, outros continuam lá (na gaveta), deixo lá, até se ver o que vai acontecer.

Pesquisadora: Até o momento, o senhor escreveu 6 livros de poesia⁷². Se multiplicaram em quantas antologias? Como surge a opção pela escolha que envolvem essas publicações?

Poeta: Olha, por incrível que pareça, depois de 24 anos de carreira, eu não tenho sequer uma antologia poética publicada no BRASIL... eu não tenho uma sequer... Agora no Exterior, já tenho várias publicadas, umas 4 publicadas, são tantas que já perdi a conta, são umas 4 publicadas e outras 4 procurando uma editora para serem publicadas... tem várias outras traduções de livros, traduções integrais também que tô buscando editor, deve dar aí umas 10 ou 12, por aí, mais ou menos.

Pesquisadora: Como surge a opção pela escolha que envolve essas publicações?

Poeta: A publicação no exterior eu deixo, geralmente, que os editores façam as suas escolhas. Em geral, eu permito isso, a não ser aqui no Mundo Latino, aí eu escolho, mas no Exterior, em línguas como o romeno, por exemplo, e nos outros, eu converso muito com o editor. Sobre isso aí, sobre a seleção.

⁷² *Senhoras e senhores: o amanhecer - Fundação Casa de Jorge Amado (1997); No Acampamento das Sombras – Editora Cone Sul (2001); Elegia ao Novo Mundo e outros poemas... - Editora 7 Letras (2012); Um Alaúde, a Península e Teus Olhos Negros - Editorial Penalux (2017); Canto aos Homens de Boa Vontade - Editorial Penalux (2018); Eu e Tu, Caminheiros Dessa Vida - Editorial Penalux (2019).*

Pesquisadora: Atualmente os seus livros foram traduzidos para as línguas⁷³. Quais os países que já esteve apresentando, divulgando sua obra poética e como ocorreram os convites? Como se dá o contato e o diálogo com os tradutores e as editoras?

Poeta: Olha, isso é uma coisa quase que magicamente é feita, misteriosamente... Os países onde já estive? Muitos! Nossa... muitos... muitos... Por exemplo, vou te dar só um exemplo. Recentemente, há um ano atrás mais ou menos..., bom eu gosto de estudar sobre o cangaço, eu sou bem interessado no cangaço... então eu comecei uma sequência de postagens sobre o cangaço no *Facebook*, e o que que aconteceu... quando comecei essa sequência, começou a aparecer uma mulher...com o nome eslavo... Eu conheço bem os nomes eslavos porque eu já estou no mundo eslavo há mais de 20 anos, e eu vi o nome... aí ela começou a fazer comentários e perguntas e eu comecei a achar aquilo bem intrigante, porque eu falei: - Nossa essa mulher, com esse nome eslavo, interessada em cangaço? Que coisa é essa? E ela escrevendo em português, nossa, aí eu pensei deve ser do Paraná ou do Rio Grande do Sul, alguém que gosta dessa coisa... até que depois de um tempo, ela começou a me fazer perguntas, nós começamos a conversar, e pra encurtar a conversa, ela era a tradutora de Jorge Amado na Rússia...olha só... ela tinha entrado na minha página do *Facebook*, por alguma razão que eu não sei o que foi, e nós começamos a conversar, e ela descobriu que eu era um dos escritores da *Fundação Casa de Jorge Amado*, em Salvador, se interessou ainda mais, me pediu alguns poemas, eu mandei, ela adorou, pediu mais, eu mandei, ai ela falou: - Ah! Um poeta como você tem que ser conhecido na Rússia! Pronto! Entendeu? Como é que se explica uma coisa como essa? Uma coisa que começou com uma conversa sobre cangaceiros... e foi parar na Rússia?! É, a minha carreira foi toda assim, eu teria muitas histórias desse tipo pra ti contar, só te dei uma, mas todas as outras, vão girar em torno desse mesmo eixo, tá? Uma coisa quase surreal, quase mágica, que acontece comigo, desde quando eu comecei a minha carreira, menino ainda, com 19 anos de idade, essas coisas já aconteciam

⁷³ inglês, esloveno, croata, chinês, vietnamês, lituano, sueco, japonês, inglês, espanhol, italiano e hindu; sendo que essas traduções resultaram nas seguintes edições: *La Provincia Oscura* (Itália) Edizioni Fili d'Aquilone (2016) traduzida por Giorgio Mobili; *Antología poética bilingüe* (Espanha) Editorial Maolí (2017) traduzida por José Ángel García Caballero e ilustrada por Juan Carlos Mestre; *Pesem o Vetru in Mojem Zivljenju* (Romênia) traduzida por Mojca Medvedšek, Blažka Müller Pograjc (2015); *Duet of Dots* (USA) Narlan Matos & Maki Starfield (2015);

desde o começo, coisas mágicas... Eu não tenho como explicar isso... Claro, a qualidade do texto é *sine qua non* e opera milagres...

Pesquisadora: O senhor vive nos Estados Unidos da América desde 2004? Essa foi uma escolha movida pela paixão?

Poeta: Olha, os EUA sempre fizeram parte da minha vida, desde que eu morava em Itaquara (BA) a minha cidade, por quê? Porque desde o início do Século 20, ali por volta de 1920 e alguma coisa, já havia uma escola americana lá, a primeira Escola Batista Americana do Brasil, que ainda está lá, que é o Colégio Taylor Egídio, ele ficava numa cidade há 10 km da minha, então, a gente vivia por lá... E já existia uma Colônia Americana por lá, em Jaguaquara, com Missionários do Texas, desde os anos 20, e por causa disso, vai haver uma movimentação muito grande na minha região, não só isso, a minha região lá na Bahia, é uma região que desde o Século XIX, já tinha imigrantes circulando por lá. Veja, já tinha italianos, depois que inauguraram a *Tram Road de Nazareth* que era a estrada de ferro né, que foi construída por uma companhia inglesa, desde que inauguraram a estrada de ferro que essa movimentação de imigrantes, nessa região, se multiplicou muito. Lá na minha cidade o trem chegou em 1913, e isso dinamizou porque a partir daí você podia ir pra Salvador, e tudo e facilitou a penetração naquela região e os imigrantes começaram a chegar. Então, a partir dos anos 20, isso se intensificou com a chegada da colonização americana. Com a chegada dos americanos, outros imigrantes foram sendo atraídos e isso só se intensificou. A minha cidade, especificamente, começou a ter esse fluxo grande de imigrantes... os americanos chegaram, com eles isso se intensificou, né, o colégio estabelece um nome, ali a partir dos anos 20 começa a se intensificar isso, e em 1932, mais ou menos, vai chegar o casal *Carlos de Dubois e Stela Câmara de Dubois*, ele era francês, nascido no Paraná, o pai tinha sido engenheiro de estrada de ferro na França, e ele se apaixonou pela região e resolveu ficar por lá. Com a chegada dos dois, o colégio começa a ter um crescimento ascendente. O Colégio Taylor Egídio, nos anos 40, 50 e 60, muitas vezes foi considerado a melhor escola do Brasil, é uma escola que ganhou muitos prêmios internacionais, recebia visitas do cônsul e da consulesa da Inglaterra, da França, dos EUA, muitas visitas ilustres, então começa esse crescimento... na minha cidade especificamente, os americanos só vão chegar, pra viver mesmo, a partir de 1964, mas eles já eram presenças na região, e, enquanto Jaguaquara era uma cidade que

tinha a presença dos americanos da Igreja Batista, na minha cidade vão chegar os americanos da Igreja Adventista do 7 dia, em 1964, a chegada deles pra lá, foi extremamente importante, porque começou uma espécie de um renascimento, apesar de que existe um preconceito contra os protestantes, não se sabe dicotomizar, diferenciar a diferença entre evangélicos e protestantes, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Os protestantes verdadeiros mesmo, são pessoas muito ligadas a cultura, tá eu posso dizer isso porque eu estudei no Taylor Egídio, uma escola batista, mas que tinha um nível cultural altíssimo, e eles vão trazer tudo isso. Por exemplo, a partir dos anos 60, lá em Itaquara, você vai ter um fluxo de americanos muito grande, porque, com essa família lá, eles começam a fazer esses contatos, então tinha gente fugindo da Guerra do Vietnã dos EUA, que ia lá pra minha cidade e ia ficava lá, tinha *hippies* americanos, e isso estabelece uma conexão direta entre a minha cidade e os EUA. Apesar de eu só ter nascido em 1975, mas na minha infância, ainda havia uma comunicação muito grande entre a minha cidade e os EUA. Tanto que eu achava que a Califórnia, ficava além da montanha, atrás da minha casa, eu achava que a Califórnia, ficava lá...

Então, a partir dos anos 60, se estabelece essa conexão direta entre Itaquara e os EUA. E lembrem, que os anos 60, nos EUA, foram anos muito convulsivos, tá? O *Civil Rights Movement* estava no ápice, o *Movimento Hippie*, foi uma época culturalmente muito convulsiva, e começa esse diálogo direto, e Itaquara começa a receber isso, diretamente, alí fresquinho, com os americanos que iam chegando, de repente você tinha na cidade *hippies* que tinham fugido do Vietnã, *hippies* que estavam viajando... *hippies* americanos...e surge em Itaquara. E como havia muitos *hippies* na cidade, o pessoal começou a abraçar aquilo, é claro o nível da cidade subiu muito... subiu assustadoramente... o nível cultural subiu muito... aí as pessoas começaram a ouvir a alta música americana, como *Bob Dylan*, essas coisas todas não só dos EUA, mas também da Inglaterra, *Cat Stevens*, e eu me lembro, quando eu tinha, sei lá, uns 2 ou 3 anos de idade, de ver esses *hippies* por lá né, eu achava aquilo bonito, aquelas calças bocas de sino, e Itaquara nessa época tinha um nível cultural altíssimo, inglês era um língua que se falava na cidade com esse pessoal todo que estava de passagem, então, os EUA já era parte da minha própria cultura, eu achava que no Brasil se falava inglês, porque lá era assim... E o que mais? É claro conheci muito de música americana, muito cedo... acho que só com os 7 anos de idade, que eu descobri que no Brasil se falava português. E mais tarde eu vou estudar no Colégio Taylor

Egídio, que era a escola americana, a minha professora de inglês era do Texas, e aí pronto, sempre houve esse diálogo da minha cidade com os EUA. Mais tarde quando eu vou para Salvador, foi o maior choque cultural da minha vida, porque eu venho de uma região serrana da Bahia, onde tem muita névoa, pelo menos tinha, antes do aquecimento global, diminui muito, às vezes, isso ainda acontece, mas, naquela época, isso era diário, você acordava ali de madrugada, e era difícil de enxergar a cidade, ela ficava debaixo daquele *fog*... (densa névoa) feito Londres, aquelas ruas com muito frio e com muita serração, aquela neblina pesada mesmo, que descia da serra, e quando eu cheguei em Salvador, foi muito chocante, porque Salvador era uma cidade atlântica, fazia muito calor, era uma cidade com uma cultura completamente diferente do que eu tinha visto na minha vida, e aí e comecei a ter sérios problemas existenciais, foi um choque muito grande pra mim... E basicamente, o meu primeiro livro, o *Senhora e senhores...*, ele vai surgir como uma fagulha elétrica, a partir disso, desse choque, aqueles poemas têm muito a ver com essa transição de Itaquara para Salvador. Então, quando eu cheguei em Salvador, eu não consegui me relacionar muito com as pessoas de lá, achava difícil, muito difícil, e obviamente quem eu fui procurar, pra me relacionar, os americanos... os estrangeiros...com quem eu sempre tive uma facilidade muito grande. Ah, eu esqueci de falar também... que antes de eu ir para Salvador, por volta dos anos 89/90, a Universidade de *Harvard*, nos EUA, começou um projeto de estudos lá na cidade, mais uma vez os americanos... Tá vendo? Eles começaram a pesquisar doenças tropicais, e vinham estudantes de *Harvard* para morar lá na cidade, outra vez, essa conexão de Itaquara com a alta cultura americana. Uma cidade pequena, ali na região serrana da caatinga, do sertão baiano, mas ao mesmo tempo que recebia esses visitantes ilustres, da Universidade de Harvard, inclusive grandes cientistas, que ficavam lá e eu tive o prazer de e a honra de me tornar amigo. E eu, mais uma vez, adolescente, começou outra conexão com eles, e a gente ficava na sexta-feira, que eles trabalhavam obviamente muito, mas na sexta-feira, ali a tarde...num barzinho que tinha lá, era o único barzinho que tinha, aí já era quase marcado, a gente ia lá tocar violão, tomar cerveja, e tocar *Bob Dylan*, fazer as farras lá do fim de semana. Então, quando eu chego pra Salvador foi um choque, e quem eu fui procurar? Mais uma vez os americanos porque eu não conseguia me relacionar bem com o pessoal lá da cidade... E basicamente foi assim, eu chego em Salvador, tive essa crise, fui procurar os americanos, aí fui fazer Literatura Inglesa na Universidade Federal da Bahia, fui estudar inglês, olha aí... mais

uma coisa... e lá, claro o Instituto de Letras da UFBA tinha muita gente de fora... começa uma nova fase...e, de novo, os estrangeiros aparecendo, sempre os americanos, e através de uma professora, eu conheci, o diretor da Associação Cultural Brasil e EUA, que era um centro Binacional, que tinha sido aberto pelos EUA, depois da Segunda Guerra Mundial. Eu conheci o Diretor Acadêmico da ACBEU lá, ele era uma espécie de Cônsul Americano, em Salvador, não era um cônsul oficial, mas ele tinha um papel meio parecido.... Quando tinha algum visitante ilustre do Governo dos EUA, a Embaixada pedia que ele recebesse...lá... ai, eu vou conhecer muita gente...gente Casa Branca, a consulesa dos EUA no RJ, e mais uma vez eu estava imerso nisso aí... eu fiquei amigo dele, mais tarde ele praticamente me adotou, não foi oficialmente, de papel, mas eu considerava ele como meu pai americano e ele, o filho brasileiro dele, e ele me disse isso, e aí pronto, aí já dá pra ver o horizonte né. A mistura de destino e mistério, mais uma vez. E a partir desse universo, eu começo contatos mais fortes com o EUA, tentei fazer mestrado na UFBA, mas fui reprovado, 2 ou 3 vezes mais ou menos, e nessa época eu trouxe os eslovenos, uma delegação de escritores eslovenos foi organizada por mim, através dos escritores da Lituânia, e as coisas começaram a se encaixar... Eu ganhei um prêmio do governo dos EUA, em 2002, pra representar o Brasil nos EUA, um prêmio grande da Embaixada, e aí eu vim pra cá... Tinha que fazer várias palestras nas Universidades, e morei na *Iowa* fiquei no maior programa para escritores da Universidade de *Iowa* no mundo, e de lá pra cá, os EUA começaram a me abraçar mesmo. Eu fiz palestra em várias Universidades, aí as universidades gostaram muito de mim e me convidaram pra voltar pra cá... Então, depois de 3 meses aqui, eu retorno pro Brasil, mas com convite pra retornar pra cá... e aí eu vi que não ia dar certo, mesmo porque eu continuava morando com a minha irmã, ela praticamente se tornou minha mãe. Minha irmã, eu morei com ela praticamente 10 anos em Salvador, e sem ver prescritivas de mudança, porque eu não conseguia encontrar emprego em Salvador, foi a fase mais difícil da minha vida, eu fiquei anoréxico em Salvador, cheguei a pesar 50 kg, imagine eu peso 110 kg, é menos da metade da minha massa-corpórea perdida, e então as coisas começaram a ficar muito complicadas... eu não conseguia encontrar emprego, aquela coisa terrível, fazia bicos como guia turístico. Trabalhava aqui e ali, mas sempre sem uma forma, os empregos que eu conseguia geralmente eram empregos internacionais, vinculados aos EUA, mas eram empregos temporários, e eu vi que eu tinha que ir embora, entendeu? Tentei fazer Mestrado na UFBA 3 vezes e fui reprovado, e ao

mesmo tempo já tinha convite para retornar aos EUA, com bolsa de mestrado e tudo pago aqui. E foi aí que eu vi que eu tinha que vir embora mesmo, por questão de sobrevivência, por questão de sobrevivência mesmo, eu tinha que ir embora do Brasil. Então eu vim cá...

Pesquisadora: O fato de o senhor viver fora do Brasil, há muitos anos, permite-nos dizer que seus poemas costumam ser regadas com um forte sentimento de saudades. Por isso encontramos diversos poemas memorialistas sobre a sua infância?

Poeta: Olha, eu tive uma infância muito conturbada, mas ao mesmo tempo com grandes períodos, foi um período mágico da minha vida, e eu sinto muita saudade disso... E a minha infância, vira um traço muito forte, uma das vertentes que eu trabalho... e que também é uma das vertentes da Literatura Brasileira, não é verdade? Vem com Camilo Castelo Branco, “Ai que saudades que eu tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida!”. Você vai ter vários que trabalham essa memória. Desde o meu primeiro livro que já existe isso... de uma certa forma... porque eu fui pra Salvador, eu a perdi, eu passei a ser exilado, desde Salvador que eu já estava exilado. E aquele que está no exílio, vai lembrar, daquelas coisas... dessas impressões primeiras da vida. E sem dúvida, esse é um traço muito forte que você vai encontrar...

Pesquisadora: Como conciliar a experiência poética, seu processo criativo e o ato de lecionar enquanto professor universitário?

Poeta: A sala de aula sempre teve uma participação muito importante no que eu escrevo, sobretudo porque os poemas apareciam nas piores horas possíveis. Alguns dos meus melhores poemas eu escrevi justamente durante a prova de matemática, porque eu não sabia nada na prova de matemática, como eu não sabia um nada – gerava um tudo – então, como eu sabia que ia perder naquela prova, eu criava uma angústia profunda, insuportável, então a poesia vinha sempre, os meus melhores poemas, como eu ia fracassar nos números, sabia que ia exceder no poema, então, fatalmente os poemas vinham, geralmente, nos melhores e nos piores momentos. As aulas de matemática sempre me deram os meus melhores poemas, porque eu nunca entendia o que estava acontecendo naquilo...(risos) Eu não conseguia entender aquela ordem dos números todos, aqueles processos de pensamento. Inclusive, tem uma anedota, muito engraçada, que acontecia na minha vida, o meu professor, no

Colégio Taylor, o professor Lourival Britto, era professor de matemática e física, e muitas vezes, no meio da aula, aquela coisa super formal, solene, 40 estudantes ali, na 8ª série, todo mundo ali prestando atenção aos logaritmos, geometria, trigonometria, e toda aquela história... e assim, naquela coisa formal, ele parava a aula, olhava pra mim e dizia: “Narlan Matos, tá em devaneios de novo?” (Muitos risos). Eu tinha 15 anos de idade, sabe lá o que é que eu estava fazendo... o que estava se passando? Mas ele sabia! (risos) e isso aconteceu muitas vezes.... (risos) ele parava a aula, olhava pra mim e dizia: “Narlan Matos, tá em devaneios de novo? (muitos risos)”. Diziam que eu falava sozinho... né... às vezes... (risos). Eu acho que eu estava na estratosfera... (risos) e ele parava. Isso não é mentira, você vai ter uma prova... (risos) ele tá vivo ainda... (rindo muito) Aliás, eu tenho até que ligar pra ele pra perguntar o que ele queria dizer com isso... (risos) Eu tinha 15 anos de idade, a turma nem sabia o que era isso... estar em devaneios... (mais risos), mas ninguém dizia nada não, o pessoal me olhava assim, *puff!* Daí eu acho que eu descia... (risos) da estratosfera... (risos) e ele continua com a aula, mas era a sala de aula...então eu pensei em ser professor de literatura porque pra mim tinha a ver uma coisa com a outra. [Pausa] Inclusive, voltando a uma das suas perguntas – sobre como me tornei poeta – eu esqueci uma coisa importantíssima que aconteceu comigo lá no Colégio Taylor Egídio, quando eu falei lá que a professora *Stella Dubois* leu a minha redação, no salão nobre, na sexta-feira de manhã, essa parte aqui é para ser um adendo daquela outra... então, depois que a professora leu a minha redação eu me tornei uma espécie de celebridade na escola, né? Era uma escola grande, me tornei uma celebridade... então as meninas viviam me pedindo poemas, essa coisa toda, o pessoal levou a sério mesmo, parece coisa de filme, toda hora era gente me pedindo poema... e tudo eu me tornei uma espécie de celebridade... um poeta! [*Yannik* acordou... Ele chama: Papai! E Narlan pede a ele um minutinho, explica que está dando uma entrevista, perai.. perai!...] Aí, tinha um colega meu, italiano, e ele era um cara alto, boa pinta, né, a mulherada adorava ele... e tinha uma garota que ele tava querendo impressionar... e não estava dando jeito mesmo... (risos) aí ele veio falar comigo: “seu poeta, rapaz é o seguinte: tem uma menina aí, que eu tô querendo namorar, mas não tá dando de jeito nenhum... nunca vi uma mulher tão difícil como aquela... dá pra você fazer um poema aí pra ajudar?! (rindo)”. E eu falei “Tá! Ai... ai...”, no intervalo a gente foi... fiquei por ali olhando... fui conhecer o objeto de inspiração... (risos) tudo certinho, né... aí eu fiz o poema... e aí dei pra ele... quando foi na semana

que vem, ele chegou e falou: “você é o maior poema do mundo!” (rindo muito) “Deu certo! A menina se apaixonou...” e sei lá mais o que... (risos) e eu: “Beleza!” E aí, depois de um tempo, ele voltou pra mim e falou: “rapaz, a menina tá querendo outro poema... (risos) dá pra você fazer aí?” E eu falei: “Certo! Tudo bem!” Aí fiz outro... e nisso meus poemas tavam ficando conhecidos na escola né... estavam circulando já nas salas de aula... professores até usavam e tudo... e o que foi que aconteceu... ela tomou conhecimento de outros poemas, comparou com aquele poema que o italiano tinha dado pra ela, e percebeu que aquilo não tinha sido escrito por ele... porque ele colocou o nome dele no poema...veja só... (muitos risos) roubo de propriedade intelectual... ele colocou o nome dele... (risos) como sendo poeta... ela pegou aquilo, começou a comparar o estilo... e ela veio: “Foi você que escreveu aquilo, não foi?” E eu respondi: “escrevi o que? Ah! Aquele poema...- Não, não, foi ele que escreveu aquele!” – “Não, foi você sim!” E o que foi que aconteceu? Ela aí se apaixonou por mim... (risos) Ela aí se apaixonou por mim... (risos) E veja só que típica situação Shakespeariana eu me meti... Ele apaixonado por ela, e ela apaixonada por mim... e eu apaixonado por outra garota... que não entrava nesta história... (risos) E aí eu fiquei morto de medo dela contar a ele que tinha descoberto que o poema era meu! E medo da reação dele se descobrisse... oh, céus! Foi aí, logo cedo, com 15 anos que eu conheci o perigo da poesia ... (risos). Isso foi uma situação típica de uma peça de *Shakespeare* que aconteceu comigo! Era perigoso você ser poeta... (rindo muito) O cara poderia me pegar por causa de uma poesia... (risos) e eu que não tinha nada a ver com a história... não tinha nada a ver com aquilo... e aí pronto, esse foi mais um momento grande que pavimentou o meu caminho para virar poeta mesmo... (risos). Desde cedo, os meus poemas eram bem aceitos, tá? Na escola, eu virei uma celebridade... lá no colégio e as outras escolas da cidade falavam de mim... Tinha colegas também que não gostavam, talvez por inveja... tinha um que espalhou pra escola toda que meus poemas eram cópias de poemas de poetas famosos europeus, que ninguém conhecia! (risos) Que eu era um plagiador profissional... e ele passava tempo procurando minhas fontes originais! Imagina... Outro dizia que meus poemas eram tão longos que quando ele chegava ao final, nem lembrava mais do que tratava o poema! (risos) Mas eu passava pela rua e as pessoas falavam: “Ah! Você que é o poeta!”. Então isso tudo sempre aconteceu na minha carreira, desde os primeiros poemas, eu conheci a fama (risos). Eu conheci a fama já nos primeiros poemas (risos) e também o perigo daquilo, né? (risos). Mas coloca isso aí na minha estreia... como

eu me tornei poeta... (risos) porque foi ai que tudo começou... que me tornei poeta... pois a partir daí o caminho se abriu mesmo.

Pesquisadora: A opção pela publicação de um livro em terras estrangeiras, costuma ter quais motivações? Surgem convites para saraus? As embaixadas brasileiras promovem o seu trabalho e depois ele é solicitado em forma de livro? Como surge essa vontade de expansão territorial?

Poeta: As motivações, como já expliquei anteriormente, vão surgindo... essa reação química entre a minha obra e o povo surgiu desde os primeiros poemas, como eu acabei de falar agora... essa reação química surgiu desde os primeiros poemas, com 15 anos, eu já era uma celebridade na escola onde eu estudava, tá? era uma celebridade mesmo... os professores falavam de mim... eu escrevia poemas pras meninas... pros colegas... e outras escolas também começaram a falar de mim... e isso numa cidade razoavelmente grande de umas 50 mil pessoas e eu virei uma lenda... já com 15 anos de idade... (rindo muito) e eu fiquei todo me “achando”, né... (risos) com um monte de meninas lindas por perto... mas eu era tímido demais... minha timidez era difícil de ser vencida... muito... Era uma timidez muito grande. Eu era introspectivo sempre, não tive namoradas, praticamente quase que não... mas a primeira musa foi lá no Colégio Taylor Egídio, é uma menina descendente de alemães, foi a primeira musa, inclusive ela foi uma grande leitora dos meus poemas, já com 15 anos de idade, e ela achava que eu ia me tornar um grande poeta, e ela dizia isso... mas essa relação do público com a minha obra, sempre existiu, então mais tarde isso foi se amplificando... O meu texto sempre falou muito com as pessoas... e depois eu descobri que falava também com os estrangeiros... e a partir daí começou essa atração natural, sempre a obra na frente... sempre os poemas foram abrindo os caminhos de muitas maneiras... sempre a obra na frente...

Pesquisadora: O tema da alteridade é um dos aspectos sociais que lhe aflige? A sua composição é de alguém que vê o mundo e se preocupa com as pessoas que nele vivem?

Poeta: Isso que você está vendo é uma pintura, minha esposa é pintora também... e eu pedi que ela pintasse isso pra mim...tá vendo? Essa é uma introdução para a questão sobre a alteridade, está vendo?

Essa aqui é a “Baleia” de Graciliano Ramos, essa cadelinha (magérrimo) foi inspirada nela, essa aqui é a minha sala de jantar, tem tudo de comer... o mandacaru... esse aqui é o sertão de onde eu venho... olha... [mostrando a pintura] a casa carcumida pelo tempo...tá vendo...olha aqui os tijolos já carcumidos pelo tempo...olha a cerca magra... A cerca passa fome no sertão... olha aí... essa imagem já começa a te dar uma ideia. É uma resposta pra sua pergunta... essa preocupação... Eu cresci num ambiente como esse aí, embora essa aí seja uma fazenda lá perto de Itaquare, mas eu cresci nessas terras aí...não é... E muitos dos meus amigos de infância passavam fome, a minha família era classe média baixa nessa época, mas os meus pais, tinham carro, essa coisa toda, mas a comida era regrada, a gente não passava fome, mas a comida era regrada... acho que eu já falei isso pra vocês, a questão da fraternidade dos meus pais, eles criaram mais de 40 crianças, desde cedo esse tema social foi parte da minha vida, não só de uma maneira teórica, mas de uma maneira muito prática, porque os meus pais levavam isso muito a sério, então isso desde cedo, eu via meus colegas de infância, comendo lagartos, pra sobreviver, eu vi muita gente passando fome, fome mesmo, passando fome, fome... pessoas que chegavam lá na casa de meus pais, que não conseguiam nem andar direito, de fome, e a casa deles estava sempre aberta pra isso, então, essa gestão do povo... essa gestão do social sempre foi uma parte muito grande na minha vida... porque eu cresci junto com isso... eu nunca passei fome. Para os padrões lá da minha cidade, eu era considerado rico, mas era rico numa cidade paupérrima... então eu não era rico...quer dizer... para os padrões lá da minha cidade, eu era rico, mas numa cidade paupérrima, entendeu? Tem que se tomar as devidas medidas disso aí... Então eu olhava pra aquilo, pra questão e isso aos poucos, com a maturidade foi entrando na poesia, essa preocupação com as pessoas, com o mundo, com a vida... entendeu? É daí que surge esse Humanismo... Tem muitos críticos na Europa, na Dinamarca, que já apontaram isso, essa questão do Humanismo... A orelha do meu 4º livro, o *Alaúde*, é de um Professor da Universidade de Copenhague...ele vai falar sobre isso...por sinal o artigo dele é grande (nem foi publicado todo). Isso já é visto na Itália também... por esses grandes críticos...Mas tá aí... [continua mostrando a imagem de uma casa branca muito pobre do sertão] Olha aí... o maior orgulho da minha vida foi ter vindo daí... eu já rodei o mundo quase todo... Cingapura, Japão, Lituânia... eu fiz as minhas escolhas, então, o meu orgulho maior é isso aí...eu tive muitas chances de me tornar universal... mas acontece que eu sou provinciano... Olha aí...o maior orgulho da minha vida é

pertencer a esse povo forte, bravo, como disse Euclides Da Cunha. Esse é o meu marco zero Oswaldiano, o começo... foi daí que o trem partiu me levando para o mundo...